

Luzia Maria de Oliveira e Silva

**Whady José Nassif na prefeitura de Uberaba. Administração
pública municipal no Estado Novo.**

**Universidade Federal de Uberlândia
Maio – 2006**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Luzia Maria de Oliveira e Silva

Whady José Nassif na prefeitura de Uberaba. Administração pública municipal no Estado Novo.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito básico para obtenção do grau de Mestre.

**Área de concentração: História Política e Imaginário
Orientadora: Prof^ª Dra. Maria de Fátima Ramos de Almeida**

**Universidade Federal de Uberlândia
Maio – 2006**

Banca Examinadora

Prof^ª Dra. Maria de Fátima Ramos de Almeida
Orientadora

Prof^ª Dra. Jacy Alves de Seixas

Prof^ª Dra. Maria Cristina Nunes Ferreira Neto

**Ao meu marido Alberi e meus
filhos Lucas e Lucília.**

**Aos meus pais, Manoel e Percília
(in memoriam)**

Agradecimentos

A tarefa a qual me propus realizar há quase oito anos atrás sinto que consegui levar ao seu termo. Não foi fácil, foi uma longa jornada de trabalho e de muito estudo. O que consegui realizar foi graças ao apoio de muitos que me ajudaram em vários momentos, de uma maneira ou de outra a conseguir alcançar o objetivo.

Inicio agradecendo à Maria de Fátima Ramos de Almeida, por ter acreditado em minha proposta de trabalho e por ter aceitado orientar-me. Às professoras Jacy Alves de Seixas e Maria Cristina Nunes Ferreira Neto, pelas importantes contribuições no exame de qualificação e que muito me ajudaram. Aos colegas do mestrado, pelo companheirismo, principalmente a Edna Maria, Edeílson, Gilberto, Miriam, Carmem.

Aos funcionários da pós-graduação de História da Universidade Federal de Uberlândia, pela simpatia com que sempre me atenderam.

Aos funcionários dos vários arquivos a que me recorri e que lutam para preservar a nossa memória, em especial o Toni do Jornal Lavoura e Comércio, que sempre esteve pronto a me auxiliar no que eu precisasse durante as pesquisas. Também aos funcionários do Arquivo Público de Uberaba, pela presteza com que sempre me atenderam, em especial à funcionária Luiza que acompanhou de perto as minhas pesquisas durante todos esses anos e sempre esteve disposta a colaborar, ajudando-me a encontrar um documento ou livro que fosse complementar minha pesquisa. E ao senhor Murilo Jardim que facilitou as consultas ao arquivo do Jornal Lavoura e Comércio.

A todas as pessoas que me concederam entrevistas, sem as quais o meu trabalho não teria sido possível, e, particularmente à Lucia Nassif que me abriu as portas de sua casa e disponibilizando uma série de documentos pessoais de seu pai.

À professora Eliane Márquez que me ajudou com suas sugestões sempre oportunas e encorajadoras, durante a elaboração do projeto de pesquisa e até mesmo na fase de conclusão do trabalho, meu muito obrigada. Você não foi somente uma mestra, mas uma amiga. Ao professor Mário Franchi pelo apoio durante o mestrado, sempre me estimulando a estudar mais e não desanimar nunca. E a seu irmão Daniel pelo apoio e ajuda durante a fase em que estive com problemas de saúde, meu muito obrigada.

Aos meus colegas do Colégio Nossa Senhora das Dores pelo apoio e estímulo durante todo esse período, e em especial à Ercília, Leninha, Eliana Prata, Eliane Fácio, Nilza, Ricardo, Pedro Coutinho e Eduardo. Que Deus os abençoe por tudo que fizeram

por mim. E às Irmãs Dominicanas, na figura da Irmã Maria Helena, pelo incentivo a continuar estudando e buscando transformar meus projetos em realidade.

Aos meus sobrinhos Dennis, Rejane e Estela pela ajuda na digitação e estruturação do trabalho final.

Aos meus amigos José Antônio, Gustavo, Sérgio, Cláudio, Vânia, Rosângela, pelo apoio e por me ajudarem a perseguir meu objetivo.

E a todas as pessoas da minha família, principalmente meu marido e meus filhos, dos quais me afastei muitas vezes temporariamente e me isolei, às vezes, para escrever, minha gratidão pelas demonstrações de compreensão, carinho, (quando eu estava nervosa e confusa) e de interesse pelo resultado do meu trabalho.

Sumário

Resumo	08
Introdução	10
Capítulo I – Prefeito Whady José Nassif: a constituição de um sujeito político	21
1.1. A origem libanesa.....	22
1.2. Os imigrantes libaneses em Uberaba e região.....	32
1.3. Formação acadêmica.....	37
1.4. Ingresso na vida política.....	41
1.5. A Constituição de 1934 e as mudanças na estrutura administrativa	45
1.6. As eleições de 1936 e o surgimento de novas figuras políticas.....	49
Capítulo II – Política Municipal no Estado Novo – Práticas e Representações	54
2.1. A escolha e a posse do Prefeito.....	54
2.2. As Representações no Estado Novo.....	57
2.3. A Administração Municipal no Contexto do Estado Novo.....	63
2.4. A Administração Whady José Nassif: as teias do poder.....	67
2.5. Políticas de saneamento e desenvolvimento social.....	80
2.6. A estética estadonovista na representação da gestão Nassif.....	97
2.7. A relação do prefeito com a sociedade local e a política nacional.....	101
Capítulo III – Memória Coletiva – produção de identidades políticas	116
3.1. A memória oficial do Prefeito.....	116
3.2. A memória coletiva.....	120
3.3. A memória presente nos jornais e nos depoimentos.....	129
Considerações Finais	137
Lista de Fotografias	139
Anexos	141
Fontes	144
Bibliografia	149

Resumo

Esta dissertação analisa a trajetória política de Whady José Nassif, prefeito de Uberaba no período entre 1937 e 1943, durante o governo autoritário de Getúlio Vargas. Nessa época foram implementadas mudanças no sistema-administrativo em âmbito municipal, com vistas à superação da estrutura política sob a hegemonia dos produtores rurais e modernização das instituições governamentais. Nesse processo, o cargo de Agente Executivo Municipal foi substituído pelo cargo de Prefeito.

Nassif, profissional liberal de origem imigrante, fazia parte da classe média que se formava no Brasil dos anos 30, representando a face moderna do governo getulista. Após eleger-se vereador pelo Distrito de Conceição das Alagoas, foi escolhido por seus pares da Câmara Municipal para ser o Prefeito da cidade e confirmado no cargo, depois de alguns meses, pelo Governador de Minas Gerais, Benedito Valadares. Ficou no cargo por um período de seis anos, período em que promoveu diversas reformas no espaço urbano – estruturais, econômicas, sanitárias e educacionais – dando curso ao processo de modernização da nação.

A pesquisa fundamentou-se em documentos de arquivos públicos e particulares, na memória oral de contemporâneos do Prefeito – parentes, correligionários e adversários políticos – em matérias jornalísticas, em obras de memorialistas e em trabalhos acadêmicos relativos à história política de Uberaba e à imigração para o Brasil.

A investigação insere-se no esforço pessoal para preservar a memória do personagem público que emergiu na cena política de Uberaba no contexto pós-Revolução de 1930, peculiar pela sua condição de imigrante de origem libanesa.

Palavras-chave: trajetória política, administração pública, memória social.

Abstract

This dissertation makes an analysis of the political course of Whady Jose Nassif, Uberaba mayor from 1937 to 1943, during the authoritarian government of Getulio Vargas. At that time some changes were introduced in the municipal administration in the rural areas, trying to overcome the political structure of the producers and as a result to modernize the governmental institution. During this process, the post of “Agente Executivo Municipal” was substituted by the post of Mayor.

Nassif was a liberal profession that came from immigrants. He belonged to the Brazilian middle class in the 30's, representing the modern part of Getulio's government. After being elected as a town councilor in Conceição das Alagoas county, he was chosen by his companions from the municipal chamber to be the mayor of the city and confirmed to the post. After some months, his position was confirmed by the Minas Gerais governor, Benedito Valadares. He was in the post for a period of six years, during which he promoted a lot of changes in the urban structural, economical, sanitation and educational areas – promoting a modern process to the nation.

This research was validated by documents from public and particular files, from the oral memory of the mayor's contemporary correligionist and political opponents – from newspaper's articles, memorial works and from academics related to the political history from Uberaba and the immigration to Brazil.

The investigation is inserted on a personal effort to preserve the memory of the public character that has emerged in the Uberabense political scenario after the 1930 revolution context, peculiar because of his Lebanese origin condition.

Key Words: political path, public administration, social memory.

Introdução

Como aluna da graduação desenvolvi, em 1997, um estudo sobre a comunidade de origem árabe em Uberaba.¹ Meu objetivo fora conhecer melhor a vida dos imigrantes árabes, a fim de compreender e divulgar sua contribuição no desenvolvimento da cidade.² Por isso foram levantados dados que possibilitaram delinear as características da presença árabe no que diz respeito as suas atividades profissionais (sócio-econômicas), participação na política e contribuição cultural. Embora tenha chegado a algumas conclusões, surgiram muitas outras indagações.

Concluí, por exemplo, que a maioria dos imigrantes era oriunda do Líbano e da Síria. Quando aqui chegaram atuaram no comércio, primeiramente como mascates, e posteriormente, passaram a atuar no comércio varejista, atacadista e lojista, a que muitos se dedicam. Também foram encontrados imigrantes e descendentes em outros setores, tais como médicos, proprietários de hospitais e laboratórios de análises clínicas, industriais, advogados, promotores e juízes.

No campo político, foi descoberto um fato interessante e que despertou minha atenção: no período do Estado Novo, um descendente de libanês ocupou o cargo de Prefeito da cidade. Esse fato não se repetiu até os dias atuais e a historiografia local pouco fala sobre ele. Nas últimas décadas, descendentes de imigrantes sírios ou libaneses, ocuparam apenas cargos de vereadores e de deputados, mas não mais de Prefeitos.³

Acalentei então o desejo de realizar um projeto de pesquisa, que desse continuidade ao estudo anterior, mas que enfocasse a trajetória política desse descendente de libaneses que ocupara o cargo de Prefeito de Uberaba, abordando os

¹ Em 1997, sob a orientação da Profa. Iolanda Rodrigues Nunes, conjuntamente com Sérgio Gomes de Oliveira, realizamos um estudo sobre a comunidade árabe de Uberaba, intitulado “A Presença Árabe em Uberaba”, publicado na Revista SINAPSE/SINOPSE. (SILVA, Luzia Maria de Oliveira E, OLIVEIRA, Sérgio Gomes. A Presença Árabe em Uberaba. In: Revista SINAPSE/SINOPSE, Publicação dos Cursos de Licenciatura da Universidade de Uberaba, Uberaba/MG, dez/1997, p. 2.)

² Isso porque em Uberaba, a colônia libanesa é significativa e tem um papel de destaque na economia local.

³ Chamou-me a atenção o fato dele ter exercido o cargo de Prefeito, pois nenhum outro descendente árabe ou libanês voltou a se eleger para o cargo. Além disso, poucas pessoas, com exceção dos membros da colônia, comentam o fato e outras desconhecem o mesmo.

aspectos que o levaram a ocupar esse cargo, como fora sua administração e como a sociedade uberabense vira seu mandato.

Esse projeto de pesquisa que resultou na dissertação com o título *Whady José Nassif na Prefeitura de Uberaba. Administração pública municipal no Estado Novo*, começou a ser esboçado no ano 2000. Ganhou corpo na Disciplina Metodologia da Pesquisa Histórica, quando a professora Maria Cristina Nunes Ferreira Neto incentivou a turma a elaborar projetos de pesquisa que pudessem, posteriormente, ser desenvolvidos em curso de pós-graduação. Na época, o objetivo era conhecer a origem de Whady José Nassif, suas realizações, suas atividades profissionais, suas posições e atuação política.

Nesse sentido comecei a pesquisar em jornais⁴ e também no Arquivo Público de Uberaba⁵, tentando encontrar documentos que pudessem me fornecer dados sobre o ex-prefeito.

Decidi fazer então um recorte no tempo e trabalhar não a trajetória de vida de Whady Nassif, mas sua trajetória política no espaço entre 1937 e 1943, quando esteve à frente da administração municipal de Uberaba.⁶ Eu queria entender como fora a sua administração à frente da prefeitura de Uberaba em pleno Estado Novo. O que mais me atraía era o fato de que muitas coisas a respeito desse momento da história de Uberaba, cujos documentos e registros oficiais disponíveis são reduzidos, ainda eram desconhecidas.

⁴ Primeiro busquei dados no arquivo do Jornal Lavoura e Comércio, que circulava diariamente na época e é um dos mais completos de Uberaba, ele tem um exemplar de cada jornal desde o primeiro que circulou no final do século XIX. Na oportunidade pude acompanhar quase diariamente a sua administração através dos jornais porque quase todo dia tinha uma nota sobre o prefeito ou alguma medida tomada por ele, ou alguma obra começada ou inaugurada. Esse levantamento foi realizado em 2001, quando atuei como estagiária em uma pesquisa sobre a história do Aeroclube de Uberaba.

⁵ Minha opção inicial pelo começo da pesquisa documental ter se dado no Arquivo Público de Uberaba, foi devido ao fato de que ele conseguiu manter em seu acervo um volume expressivo de documentos sobre a história da cidade, o que fez com que se tornasse um local de pesquisa procurado por historiadores locais e também de outras universidades e estados.

⁶ **Uberaba 2000 – 180 Anos de História**. Arquivo Público Municipal, Edição Especial, nº 11, Março/2000, p. 05.

No decorrer da pesquisa descobri que a trajetória política de Whady Nassif foi bastante intensa. Além de prefeito,⁷ ele fora vereador enquanto exercia a profissão de advogado. Quando deixou o cargo de prefeito, foi eleito deputado estadual por duas vezes consecutivas (1947-1955), sendo ainda suplente na terceira legislatura (1955-1959), pelos partidos PSD e PTB. Em 1956, renunciou à suplência para assumir o cargo de Procurador do Ministério Público da União junto à Justiça do Trabalho, no qual se aposentou em 1968.⁸

As leituras feitas nas disciplinas do curso de mestrado em História abriram possibilidades de discussão sobre diferentes temas, abordados na elaboração do projeto de pesquisa. Pude aprofundar os estudos sobre os trabalhos de pensadores tanto nacionais, - como Darcy Ribeiro⁹ e outros, - como também estrangeiros, tais como Foucault, Chartier, Marc Bloch e, em especial a do livro do Primo Levi e de Halbwachs, sobre memória.¹⁰

Foi também muito importante a participação nas oficinas sobre a História Oral e o trabalho com artigos de jornais e fotografias, realizadas pelo Programa de Mestrado em História da UFU.¹¹ Todos esses tipos de fontes utilizei em minha pesquisa.

No Encontro Regional de História, promovido pela ANPUH-MG,¹² em Juiz de Fora, em 2004, fiz um curso sobre a ditadura varguista, por meio do qual obtive

⁷ **História dos Prefeitos de Uberaba.** Arquivo Público Municipal. Administração Wagner do Nascimento, 1984, p. 14.

⁸ Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais, Gerência Geral de Documentação e Informação, Centro de Atendimento ao Cidadão, Belo Horizonte/MG.

⁹ Com a Profa. Christina discutimos entre outras obras a de:

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Cia. das Letras. 2002.

¹⁰ FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso.** 5 ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1999. BLOCH, Marc. **Uma Introdução à História.** 2 ed. Lisboa: Publicações Europa, América, 1974. A análise histórica. In: **Apologia da história, ou, O ofício do historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. LEVI, Primo. **Os Afogados e os Sobreviventes.** Quarenta anos depois de Auschwitz. São Paulo: Paz e Terra, 1989. HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

¹¹ Foram organizadas duas oficinas: uma com o tema **História Oral** e outra **Trabalho com Fotografias e Jornais em uma Pesquisa.** Elas aconteceram em novembro de 2004.

¹² Associação Nacional de História, núcleo de Minas Gerais.

informações sobre referências bibliográficas¹³ e documentos relativos ao período do governo Vargas¹⁴ e sobre a administração municipal em Minas Gerais.

Por meio das discussões realizadas no NEPHISPO,¹⁵ tive contato com as formulações da professora francesa Claudine Haroche,¹⁶ que me possibilitaram a apreensão da dimensão do pensamento histórico e das discussões historiográficas em curso na Europa, tão novas que me surpreenderam

Reflexões sobre a construção do indivíduo moderno, as maneiras de ser e de sentir que revelam e contribuem para definir um tipo de personalidade especificamente contemporânea foram franqueados por meio do estudo de autores tais como Walter Benjamin, Erich Fromm, Adorno, Horkheimer, Hannah Arendt e Norbert Elias. Esses autores foram lidos com a preocupação central de encontrar elementos compreensivos da personalidade na modernidade, partindo da questão da alienação formulada por Marx, remetem para a tentativa de compreender como essas formas de alienação incidem sobre a subjetividade embora ignorando as mais profundas necessidades psíquicas e morais dos indivíduos.

A pesquisa e as fontes encontradas

O cargo de prefeito exercido por Whady José Nassif em Uberaba no período de 1937 a 1943 não existia até o período da ditadura de Getúlio Vargas. Foi criado pelo Decreto nº 19.398 do Governo Federal, de 11 de novembro de 1930, cujo Art. 11, Inciso

¹³ KHATLB, Roberto. **Brasil – Líbano**: amizade que desafia a distância. Revisão: Neida Regina Ceccim Morales. Bauru. São Paulo: EDUSC, 1999. OLIVEIRA, Lucia Lippi. **O Brasil dos Imigrantes**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

¹⁴ Em Juiz de Fora tive informação sobre a documentação relativa a um processo movido contra o ex-prefeito Whady Nassif, após o fim da Segunda Guerra Mundial, quando já deixara a Prefeitura de Uberaba, a qual se encontra no Arquivo do Superior Tribunal Militar de Brasília, que só pode ser consultado pelos familiares. Estes, no momento, não pretendem reviver aquele momento difícil pelo qual ele passou e não se dispuseram a desarquivar o processo.

¹⁵ Núcleo de Estudos em História Política, que busca discutir temas diferenciados, mas que estejam ligados à linha de pesquisa de Política e Imaginário.

¹⁶ Esse mini-curso ocorreu em dezembro de 2004, com o título “**A Evolução da personalidade no indivíduo contemporâneo**”. Ele fazia parte do evento “**Nephispo 10 anos – 10 conversações – 10 textos – Tudo que é sólido desmancha mesmo no ar? Identidade (s), subjetividade (s), temporalidade (s): sobre razões e sentimentos na história**”.

4º, estabelecia que: ¹⁷ “*O Interventor Estadual nomeará um Prefeito para cada município, que exercerá aí todas as funções executivas e legislativas.*”

Até então quem exercia as funções executivas municipais era o Presidente da Câmara desde 1881, quando o Governo Provincial, através da Lei nº 3.029 de 09 de janeiro, modificou as funções das Câmaras Municipais. De acordo com essa Lei, o Presidente da Câmara que até então era escolhido entre os vereadores mais votados, passaria a ser eleito anualmente e assumiria a Função de Agente Executivo.¹⁸

Posteriormente, a Constituição de 1891 nos Art. 30 e 32, estabelecia que as funções da Câmara Municipal seriam, a partir daquele momento, não só deliberativas como também executivas. Com isso o Agente Executivo passou a acumular as funções de administrador e legislador. O Decreto nº 19.398 mudou a denominação de Agente Executivo para Prefeito e a Constituição de 1934, no artigo 14, trouxe novas modificações, estabelecendo dois poderes municipais: o Executivo, a ser exercido pelo Prefeito e o Legislativo, pela Câmara de Vereadores. Embora a Constituição não tenha sido clara quanto às funções específicas, tanto do Prefeito quanto da Câmara, ela inovava com a possibilidade de eleição indireta do Prefeito (em seu Art. 13), já que o povo elegeria os vereadores e estes o Prefeito.¹⁹

Outras questões que me impulsionaram em minha pesquisa. A primeira refere-se ao fato de ter detectado a falta de literatura a respeito dele, já que fora o único descendente de imigrantes libaneses a ocupar o cargo de Prefeito na história de Uberaba. Outros questionamentos eram: por que razão fora o escolhido pela Câmara de Vereadores para administrar a cidade reconhecidamente conservadora? Será que naquele momento atendia às expectativas de Getúlio Vargas e de Benedito Valadares? Será que a sua nomeação não teria sido prontamente efetivada devido a um relacionamento anterior com Benedito Valadares, quando era estudante de Direito no Rio de Janeiro? Tudo isso me levou a situar o prefeito nas memórias que se construíram até o momento e nas quais pretendo intervir de alguma forma com meu trabalho. Para

¹⁷ Governo de Uberaba – Evolução do Poder Municipal Através das Constituições Brasileiras. In: **Centro Administrativo Municipal de Uberaba**. Arquivo Público de Uberaba. Edição Especial. Nº 17. Agosto/2004. p. 10.

¹⁸ Op. Cit.

¹⁹ Idem.

entender as circunstâncias em que ocorreu a eleição indireta do Prefeito em 1937 procurei trabalhar com todos os tipos de documentos e fontes que conseguisse encontrar, fossem oficiais, pessoais, fotográficas, bibliográficas, de arquivos ou não, já que em uma primeira fase de pesquisa havia encontrado poucos dados. Além disso, optei por trabalhar com fontes orais, através de entrevistas com familiares e pessoas que acompanharam sua administração ou que o tinham conhecido, na tentativa de encontrar mais informações.

Para buscar sua trajetória como administrador municipal e ao mesmo tempo quem ele era e o que realizou como político, optei por começar minha pesquisa no acervo do Jornal Lavoura e Comércio, que tinha uma grande circulação na cidade no período pesquisado.²⁰ No Arquivo Público Municipal de Uberaba tive acesso a um livro de Atas da Câmara Municipal do período, a alguns exemplares do Correio Católico,²¹ da diocese de Uberaba e a outros jornais da região, cujos exemplares foram doados à entidade, como O Triângulo e A Tribuna, jornais que circulavam em Uberlândia e em Araguari no período.²²

No Arquivo Público consegui encontrar também livros sobre a história de Uberaba, que mesmo não tendo sido trabalhos de historiadores, mas de escritores locais, preservam parte da memória da cidade. Entre esses livros utilizei o de Hildebrando Pontes,²³ de José Mendonça,²⁴ o de Antonio Borges Sampaio,²⁵ e algum tempo depois, dois livros do Orlando Ferreira.²⁶ Também encontrei informações em outras publicações que foram editadas tanto pelo próprio Arquivo Público quanto por entidades, e que fazem parte de seu acervo.

²⁰ O jornal Lavoura e Comércio era o mais antigo dos jornais que estava em circulação até o ano de 2004, tinha sido fundado em 1889 e fechou por problemas financeiros. Na ocasião da minha pesquisa em seu acervo tive a oportunidade de consultar todos os jornais do período do meu recorte temporal.

²¹ Tive a chance de ler menos de 20 jornais do período delimitado para a pesquisa, devido ao pequeno número de exemplares de que dispõe o Arquivo Público de Uberaba.

²² Os jornais de Uberlândia e de Araguari não eram muitos, pude pesquisar em menos de 10 exemplares, que foram doados ao Arquivo Público.

²³ PONTES, Hildebrando. **História de Uberaba e a Civilização no Brasil Central**. 2 ed. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1978.

²⁴ MENDONÇA, José. **História de Uberaba**. Academia de Letras do Triângulo Mineiro. Uberaba: Editora Vitória, 1974.

²⁵ SAMPAIO, Antonio Borges. **Uberaba: História, Fatos e Homens**. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1971.

²⁶ FERREIRA, Orlando. **Terra Madrasta**. Um povo infeliz. Uberaba: O Triângulo, 1928.
_____. **O Pântano Sagrado**. Uberaba: A Flama, 1948.

Também no Arquivo Público encontrei uma entrevista que fora feita com a viúva do ex-prefeito para um projeto sobre as primeiras-damas. Isso foi muito bom, já que logo depois de ter concedida a entrevista ela sofreu um aneurisma cerebral e até hoje não se recuperou totalmente, o que me impossibilitou de entrevistá-la.²⁷

A partir dessa primeira fase de pesquisa e coleta de fontes em documentos oficiais, jornais locais e da região e até em publicações que se referiam ao período em questão, decidi conversar com algumas pessoas que pudessem me esclarecer alguns pontos obscuros detectados nas fontes pesquisadas. Por exemplo, como a população viu sua administração, como foram aceitas ou não as mudanças na estrutura urbana implementadas no decorrer da sua gestão?

Minha opção pela pesquisa oral decorreu do reconhecimento de que os depoimentos das pessoas que vivenciaram a administração do prefeito Whady Nassif são também fontes que não podem ser ignoradas, já que os dados encontrados nos jornais, nos arquivos e na documentação existente na prefeitura não esclarecem muita coisa sobre o momento histórico. A História Oral tem representado um importante papel na reconstrução de eventos históricos, principalmente em História Política, na medida em que possibilita a abordagem também de histórias de vida e das sociedades em que estão inseridas as personagens históricas.

Por meio da família tive acesso a muitas informações orais, a um significativo acervo fotográfico, bem como a um farto número de documentos pessoais do Dr. Whady José Nassif. Um álbum de fotos organizado durante a sua administração, mostrando as transformações pelas quais a cidade passou durante sua gestão, principalmente no que se refere à infra-estrutura urbana, foi bastante útil aos meus propósitos investigativos. Porém muitos documentos sobre a sua administração foram queimados pelos familiares que não viam importância nos mesmos.

Depois dos contatos com familiares, fui em busca de outros membros da colônia libanesa na cidade e também outras pessoas que o conheceram, com as quais consegui

²⁷ Depoimento de Maria Noronha Nassif. Projeto: Primeiras Damas. 06/12/1999. Departamento Sonoro. Arquivo Público de Uberaba.

novos depoimentos, de alguns membros da colônia e de outros que não eram, alguns que conviveram com ele e outros que apenas acompanharam sua administração.

O Arquivo do Colégio Diocesano, onde estudou, a Cúria Metropolitana, o Cartório de Registro Civil de Uberaba, a sede da OAB de Uberaba, foram outros tantos locais onde procurei e encontrei informações tanto sobre a vida pessoal e profissional, quanto a vida pública do ex-prefeito.

Na cidade de Conceição das Alagoas, onde nasceu, encontrei mais dados relativos à família do ex-prefeito, por meio do depoimento de um ex-funcionário da prefeitura que conviveu diretamente com ele durante o período em que era vereador, e depois como prefeito de Uberaba e como deputado estadual.²⁸ Busquei informações também no Cartório de Registros, no Arquivo da Câmara Municipal e na Casa da Cultura, onde encontrei livros sobre a cidade²⁹ e sobre o período em que começou a imigração para a região atraída pela descoberta de um garimpo de diamantes.

Conseguí encontrar algumas obras de descendentes de imigrantes libaneses que contam histórias de famílias, como a da família Cecílio e da família Nabut, que foram publicadas pelas mesmas, como forma de transmissão da memória para os membros mais jovens. Essas duas famílias são consideradas pela comunidade libanesa de Uberaba uma referência muito especial. Foi interessante conhecer a história de seus antepassados, suas trajetórias que se confundem com a história da cidade, assim como a de tantos outros imigrantes, em número significativo em Uberaba, tais como os italianos, os japoneses e os portugueses.

Com todo esse material tento cruzar as diversas fontes para uma análise da trajetória administrativa do ex-prefeito. Nesse percurso surgiu a questão relativa ao sujeito político, como ele teria surgido no cenário da política local e como se deu sua inserção na administração municipal.

²⁸ Depoimento de Antonio Oliveira Souza, Juiz de Paz de Conceição das Alagoas, em entrevista concedida em sua residência, no dia 08/09/2000.

²⁹ Foram editados pela Casa da Cultura dois livretos e um livro que faz um histórico da cidade na sua origem:
MARQUES, Braz José. **De Garimpo a Conceição das Alagoas**. 1 ed. Casa da Cultura de Conceição das Alagoas, 1990.

Outra questão que se colocou foi o papel e importância do imigrante na economia da cidade que não pode ser ignorada, já que sua presença era forte no comércio, e alguns, como o pai de Whady Nassif, tinham posteriormente se tornado fazendeiros. Cruzando as informações conclui que embora descendente de imigrantes, Whady Nassif tinha um papel na memória da cidade e que queria identificar, trazendo à tona suas realizações, sua administração, sua posição como sujeito político da sociedade uberabense e da própria colônia libanesa.

A história do ex-prefeito despertou-me o interesse por algumas particularidades. Primeiro por que ele era um brasileiro, descendente de imigrantes, e, assim como muitos dos filhos de libaneses que chegaram ao Brasil no final do século XIX, vindos de diferentes regiões do Líbano,³⁰ sua vida fora marcada por muitas dificuldades e diferentes experiências até chegar a assumir um cargo político de relativa importância na cidade de Uberaba. No entanto, seu nome não é muito lembrado pelas pessoas, a maioria desconhece o fato da cidade ter sido administrada por um descendente de libaneses, nomeado pelo interventor de Minas Gerais em 1937, a não ser aquelas que conviveram com ele ou que acompanharam sua administração. E o que mais surpreende é o fato de que esse período da história local, marcado por muitas mudanças, não ter sido abordado por historiadores uberabenses. Quase não existe nada, do ponto de vista historiográfico, apenas foi possível encontrar uma dissertação de mestrado que o cita,³¹ algumas pequenas publicações da Câmara Municipal, que o mencionam como um dos ex-prefeitos; e uma história de uma família de imigrantes libaneses, a família Nabut,³² obra lançada recentemente, e que fala um pouco sobre sua administração, mas muito superficialmente.

A estrutura da dissertação

Como eixo temático, trabalho com a particularidade de um descendente de imigrantes ter chegado ao poder local em um período marcante da história brasileira,

³⁰ KHATLB, Roberto. **Brasil – Líbano: amizade que desafia a distância**. Op. Cit. 1999, p. 53.

³¹ FONTOURA, Sonia Maria. **Invenção do Inimigo: Racismo e Xenofobia em Uberaba (1890-1942)**. Tese de Mestrado. Franca. UNESP. 2001.

³² NABUT, Jorge Alberto. **Fragmentsos Árabes: Dores de Santa Juliana e Uberaba – Memórias do Século XX**. Uberaba: Instituto Triangulino de Cultura. 2001, p. 175.

que foi o período do Estado Novo. E ao mesmo tempo focalizo a vida política em uma cidade conservadora em relação à participação política em que o poder se concentrava, até aquele momento, em mãos dos grandes proprietários de terras e de pecuaristas, como ocorria em várias regiões brasileiras até a Revolução de 1930.

Problematizo a relação existente entre a representação social, as práticas políticas e a memória coletiva, na trajetória política de Whady José Nassif, prefeito de Uberaba no período entre 1937 e 1943. Indago, também, como se a representação das próprias práticas políticas e como foi construída a memória coletiva sobre o período e sobre o ex-prefeito.

O enfoque teórico se baseia na análise e cruzamento da vida pregressa com a constituição do agente político, as relações entre o indivíduo e a sociedade, a ação individual e a ação coletiva. Procuo identificar as relações do político e do homem com a sociedade local e com os diversos grupos políticos que a compunham, no contexto sócio político nacional, no início do século XX. Para tanto, referencio-me nos trabalhos de Chartier, Ansart e Foucault. A produção da memória coletiva enquanto meio de construção de identidades baseia-se na leitura das obras de Halbwachs, Le Goff, Lippi, Seixas, Chauí e Naxara.

No **primeiro capítulo**, apresento o Dr. Whady José Nassif, a origem da família Nassif, sua trajetória viageira de imigrante, inserida na corrente migratória para o Brasil ao final do século XIX e início do século XX; a chegada e instalação em Conceição das Alagoas; a vida profissional, como se deu a formação política e a inserção na política local buscando estabelecer a relação entre o indivíduo e a atuação política.

No **segundo capítulo**, trabalho a inserção dos imigrantes na política local e regional, a emergência de Whady Nassif como político e o papel do prefeito na política uberabense; situo a atuação administrativa de Nassif no processo de constituição de uma nova forma de administração municipal, no bojo do regime político autoritário do Estado Novo, em que as mudanças administrativas a nível local estavam vinculadas às transformações tanto estaduais quanto nacionais iniciadas em 1930 e aceleradas com o golpe de Getúlio Vargas em 1937.

Nesse capítulo falo também das representações que existiam em Uberaba e na região que certamente influenciaram a eleição de Nassif para o cargo de prefeito, bem como a maneira como essas representações se relacionaram e se ligaram à sua administração. Procurei analisar a maneira de fazer política do prefeito, estilo administrativo, estilo pessoal e suas obras urbanísticas, sociais e administrativas, sobretudo as que alteraram o cotidiano da população. Busco também as oposições ou o apoio dos grupos políticos locais e o que fez para viabilizar suas ações políticas e administrativas. Foram de grande valia para a elaboração deste capítulo, os trabalhos de Michel Foucault, **Análise do Discurso** e **Microfísica do Poder**. O primeiro texto forneceu subsídios para compreender o que foi encontrado nos jornais e documentos oficiais, assim como também o que ficou dos depoimentos orais, já que são discursos diferenciados sobre a administração do ex-prefeito; a **Microfísica do Poder** analisa as várias formas de poder que existem tanto na sociedade (na família, escola, asilos, prisões, hospitais, fábricas, etc.) quanto na política e como as relações de poder influenciam na vida das pessoas ou dos grupos sociais, formando suas identidades e tornando-as sujeitos ou sujeitados.

No **terceiro capítulo**, abordo a questão da memória que foi construída sobre o prefeito, focalizando a memória produzida e os espaços omitidos, os esquecimentos visíveis na cidade e na historiografia local. Para isso busco os livros produzidos pelo Arquivo Público, os encontrados por intermédio de algumas pessoas, e ainda em bibliotecas públicas, na Universidade Federal de Uberlândia e nos colégios Nossa Senhora das Dores e Marista Diocesano (ambos de Uberaba). Tento, fazer uma análise das mesmas, buscando perceber como o prefeito é lembrado pela memória oficial; e cruzando as leituras com as entrevistas, identificar o que ficou na memória coletiva da comunidade uberabense.

Enfim, concluo o trabalho afirmando que ainda existem lacunas sobre a trajetória do ex-prefeito Whady Nassif, que não puderam ser elucidadas. Elas permitem que se busquem desenvolver mais pesquisas acerca do período. Embora acreditamos que em nosso trabalho tenhamos conseguido desvendar um pouco do passado da história de Uberaba.

Capítulo I

Prefeito Whady José Nassif: a constituição de um sujeito político

“Whady era filho de José Turco, ele era colega do meu pai de futebol, era na época um bom jogador. Eles jogavam nos times de futebol, o meu pai, no time do Patrimônio e o Whady, no time de Conceição.”³³

Neste trabalho proponho estabelecer o cruzamento entre a vida pregressa e ação pública de uma personalidade política local, fazendo emergir o sujeito social e, no percurso, a identidade e história da cidade de Uberaba.

A história política, que na visão de Le Goff, “*não se parece com a antiga*”, pois se trata de uma “*história política dedicada à análise social, à semiologia e à pesquisa do poder*”.³⁴ A pesquisa do poder inclui também fazer uma história política diferenciada, onde se busca atentar para o estudo dos diversos sistemas políticos, seu vocabulário, seus ritos, seus símbolos de poder, seus comportamentos e em especial suas mentalidades. Essa história refere-se a um momento da história brasileira e uberabense, entre 1937 e 1943, período em que a Prefeitura Municipal de Uberaba teve à frente de sua administração um advogado recém-formado no Rio de Janeiro, Whady José Nassif, cuja passagem pela administração municipal marcou uma transição no papel do prefeito municipal como representante de uma nova realidade política que se descortinava no período.

Além de um jovem advogado, tinha sido eleito vereador pelo Distrito de Conceição das Alagoas, onde nascera e sua família se estabelecera no ramo comercial e agropecuário, nascendo então o sujeito político que teve um papel significativo na história do Município de Uberaba, ao implementar as práticas administrativas do Estado Novo.

³³ Depoimento de Manoel Faustino de Oliveira, aposentado, nascido no município de Conceição das Alagoas, no Distrito de Patrimônio dos Poncianos, em entrevista concedida no dia 27/08/2000, em Uberaba – MG.

³⁴ LE GOFF, Jacques. A história política continua a ser a espinha dorsal da história? In: **O Imaginário Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994, p. 366. A pesquisa do poder inclui também fazer uma história política diferenciada, onde se busca atentar para o estudo dos diversos sistemas políticos, seu vocabulário, seus ritos, seus símbolos de poder, seus comportamentos e em especial suas mentalidades.

Por meio da trajetória política de Nassif, procurei compreender esse momento da história política da sociedade brasileira, e em especial, a de Uberaba, na primeira metade do século XX, no período em que administrou a cidade, penetrando nas relações e tensões que a constituíam. Considerando que não existe nenhuma estrutura social ou política que não seja produzida por representações contraditórias e em constante confronto, através das quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo em que vivem, verifiquei que nesse contexto se formaram sujeitos políticos que defendiam posicionamentos diferenciados dos que já existiam, sujeitos que representavam grupos que já vinham de longa data disputando espaço no cenário da política local e outros que emergiram no novo momento histórico, ou seja, após a Revolução de 1930.

O pressuposto é que o historiador, ao analisar determinado acontecimento ou indivíduo de outra época, deve levar em consideração que foram as relações sociais e de poder existentes no momento histórico em questão que na maioria das vezes criaram os sujeitos, que por sua vez construíram suas identidades em um processo relacional com as normas estabelecidas, ora aceitando-as, ora modificando-as.

Seguindo essa linha de raciocínio, remetemos-nos a Bloch,³⁵ quando nos lembra que é importante ao historiador “*compreender*” os fatos, as fontes e o momento histórico pesquisado, mas essa compreensão não é uma atitude de passividade. Isso porque ela o leva, como todo cientista, à escolhas, e, portanto a uma análise que tem, por sua vez, incluída uma visão também pessoal.

Nessa linha de raciocínio, tentei através deste trabalho de pesquisa compreender esse momento da história da cidade de Uberaba e quem foi Whady José Nassif, que a administrou de 1937 a 1943.

1.1. A origem libanesa

Seus pais, assim como muitos outros imigrantes no final do século XIX, tinham deixado a distante e pequena cidade de Miziara, localizada nas montanhas do norte do Líbano, vindo tentar a sorte no Brasil e acabaram se fixando na região do Triângulo

³⁵ BLOCH, Marc. A Análise Histórica. In: **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001, p. 128.

Mineiro. Seu pai, José Nassif Miziara, natural da Síria,³⁶ iniciou sua vida profissional assim que chegou ao Brasil como mascate ou caixinha,³⁷ vendendo seus produtos na região.

Os mascates eram comerciantes de origem árabe, que vendiam diferentes produtos nas fazendas e vilas pelo interior do Brasil. Eles percorriam grandes distâncias transportando mercadorias no lombo de burros com cangalhas ou até nas próprias costas em malas carregadas, e quando chegavam próximo às fazendas ou vilas tocavam suas matracas para anunciar aos fregueses que estavam chegando. Vendiam perfumes, camisolas, roupas íntimas com rendas, linhas, botões e, por encomenda, até vestidos de noiva. Além disso, levavam recados e correspondência de um povoado para outro. Ficaram conhecidos como “turcos”, devido ao fato de terem vindo de países dominados pelo Império Turco Otomano e embarcaram para o Brasil com passaporte turco. Mas os que se fixaram na região do Triângulo Mineiro, não vieram da Turquia, eram sírios (em menor número) e libaneses (a maioria). Depois de muito mascatear, acabavam se estabelecendo em alguma cidade e abrindo uma casa comercial.

Algum tempo depois, José Nassif Miziara abriu uma casa comercial, no então Distrito de Conceição das Alagoas, na época, conhecido como Garimpo de Conceição das Alagoas.³⁸ Ele era chamado pelos habitantes do Distrito de José Turco e fora atraído pela descoberta de uma mina de diamantes na localidade e também pelo comércio que se intensificava na região de Uberaba. O distrito de Conceição das Alagoas, parte da Comarca de Uberaba, foi povoado por volta de 1858, quando foi descoberto um garimpo de diamantes que atraiu muitos aventureiros e até imigrantes para o trabalho de exploração das minas, embora por volta da década de 30 do século XX, os diamantes já terem se escasseado e a população tinha voltado sua atenção para as atividades agrícolas e de criação de gado. Hoje é uma cidade de pequeno porte, que tem nas atividades agrícolas, com algumas usinas de açúcar e álcool, além de silos para armazenagem de grãos, instaladas em volta dela, sua principal fonte de renda. Fica a

³⁶ Conforme a certidão de casamento de Whady, seus pais vieram da Síria, mas, segundo o relato de sua filha, o avô teria vindo da cidade de Miziara, que é uma pequena cidade que fica nas montanhas do Líbano.

³⁷ SILVA, Luzia Maria de Oliveira e, OLIVEIRA, Sérgio Gomes. “A Presença Árabe em Uberaba”. 1997 (Monografia). Uberaba: Universidade de Uberaba, p. 5.

³⁸ MARQUES, Braz José. **De Garimpo a Conceição das Alagoas**. 1 ed. Casa da Cultura de Conceição das Alagoas: 1990, p.17 e 21.

cerca de 50 Km da cidade de Uberaba. Entre essas usinas destaca-se a Usina Caeté, que desde a sua instalação tem gerado empregos, não somente na produção de açúcar e álcool, como também ao estimular os agricultores da região a investir no plantio de cana-de-açúcar também gerou empregos no campo e dinamizou a economia local.

Com a chegada da estrada de ferro Mogiana e graças à política de incentivo a imigração, a cidade de Uberaba recebia muitos imigrantes, entre eles, italianos, espanhóis, japoneses, portugueses e libaneses. Entre esses imigrantes, trazidos pelos trilhos da ferrovia, estava José Nassif, que passara a assinar José Nassif Miziara, por ser da cidade de Miziara,³⁹ no Líbano. Seu passaporte fora alterado ao regulamentar seus papéis nos registros oficiais de sua entrada no Brasil como imigrante.⁴⁰ Muitas famílias ao declararem seus nomes e cidades de origem acabaram tendo seus nomes alterados ao serem aportuguesados pelos funcionários do setor de imigração e até pelos cartórios, devido à dificuldade inicial de se lidar com a língua árabe dos recém chegados. Por isso José Nassif teve o nome de Miziara, sua cidade de origem, incorporado como sobrenome em seus documentos de imigrante. E com isso surgiu a família Miziara, que é muito grande e se destaca na colônia libanesa de Uberaba e região.⁴¹

No início do século XX, com a vida até certo ponto estabilizada, já se tornara um próspero comerciante no Distrito de Conceição das Alagoas, José Nassif Miziara, o “José Turco”,⁴² como era conhecido, casado com uma libanesa, também imigrante, Rosa Nasser, começou a colher o fruto de seus esforços. Começaram a chegar os filhos,

³⁹ “... o fluxo maior de emigrantes ocorreu a partir de 1880 e os pioneiros da imigração árabe no Brasil destacam-se por terem entre eles, além de camponeses, uma elite política e cultural, pois a emigração tinha por objetivo procurar uma vida melhor, em liberdade, e depois voltar e viver melhor em seu país de origem. Existem divergências sobre quem foi o primeiro libanês a emigrar para o Brasil. No entanto, várias pesquisas indicam o cidadão Youssef Moussa, nascido em Miziara, Líbano-Norte, que aportou no Brasil em 1880, como o primeiro libanês a sair do Líbano com destino ao Brasil, diferente de outros que antes foram para o Egito e a Europa e depois vieram para o Brasil. Nesta mesma época, chegou também ao Brasil o primeiro grupo de emigrantes da cidade Sultan Yacub, Vale do Bekaa, e a partir desse grupo pioneiro outros vieram. Iniciou-se assim a saga libanesa no Brasil.” (KHATLAB, Roberto. **Brasil – Líbano: amizade que desafia a distância**. Op. Cit. p. 36.)

⁴⁰ Depoimento de Lúcia Regina Nassif Zouein, filha de Whady José Nassif, em entrevista concedida no dia 14/12/2001, em Uberaba – MG.

⁴¹ No entanto, seu filho Whady não teve o nome Miziara registrado em sua certidão de nascimento fornecida pelo cartório, sendo o único dos seus filhos a não ter o sobrenome Miziara. Segundo sua filha, Lúcia Regina, isso ocorreu devido a um erro de registro no cartório.

⁴² “... os árabes viajavam com passaporte turco (do Império Turco Otomano, que dominava toda a região) e do qual não recebiam nenhum benefício político e erroneamente eram chamados nos países de emigração de “turcos”, apelido que feriu muito os árabes, pois, na realidade eram libaneses, sírios, palestinos... e turco era o dominador.” (KHATLAB, Roberto. Op. Cit. p. 33.)

todos nascidos após sua fixação na região: João, Pedro, Antonio, Teófilo, Whady, Florispine e Kermes.

A realidade de ascensão econômica de José Nassif não foi uma unanimidade entre os imigrantes da região, pois segundo Silva:⁴³

A presença do imigrante em Uberaba, Sacramento e Conquista adquiriu a “aparência” de promoção sócio-econômica de todos eles. O fato de ser razoável o número dos bem sucedidos condicionou a visão de “todos” bem sucedidos. O “viver sócio-cultural” que se projeta desses imigrantes, nessas cidades, é o “viver” dos que conseguiram ascensão econômica: o que tem contribuído para ocultar as contradições reais e tem apontado para interpretações que forjam distorções.

A chegada dos primeiros imigrantes libaneses na região do Triângulo Mineiro, remonta à década de 80 do século XIX, embora não existam maiores dados oficiais, na cidade de Uberaba, sobre os primeiros que vieram, pois essa imigração fora espontânea e individual, e não em colônias, como os demais imigrantes. Além disso, em vez de se dirigirem à agricultura, foram se dedicar ao comércio e à mineração, fato que também dificultou o registro do número exato dos primeiros imigrantes.⁴⁴ Esses dados, assim como outros sobre a imigração no Brasil são esparsos, pouco sistematizados e mesmo conflitantes e os números dependem das fontes consultadas.

Enquanto isso, segundo dados oficiais do Arquivo Público Municipal de Uberaba, no mesmo período, já existiam na cidade imigrantes portugueses, espanhóis, italianos. Os portugueses e espanhóis vieram através da imigração subvencionada para a mineração de diamantes em Nova Lima e Estrela do Sul. Os primeiros chegaram em 1895, mas muitos acabaram se dedicando ao trabalho com padarias, açougues e outras atividades comerciais, foram também os primeiros a cultivar uvas na região. Os italianos começaram a chegar em 1880, ligados ao comércio. Um grande número chegou a Uberaba via São Paulo e Juiz de Fora, em uma grande leva ocorrida entre

⁴³ SILVA, Heladir Josefina Saraiva e. **Representação e Vestígio da (Des) vinculação do Triângulo Mineiro**: um estudo da Imigração Italiana em Uberaba, Sacramento e Conquista (1890–1920). Op. Cit. p. 133.

⁴⁴ Dados encontrados no **Guia de Fontes Primárias Para a História da Imigração do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba**. Arquivo Público de Uberaba. 1995.

1894 e 1901, quando foram trabalhar nas fazendas de café e outras culturas de Sacramento e Conquista.⁴⁵

A imigração árabe⁴⁶ é muito significativa em Uberaba e na região, especialmente em Sacramento, Conquista, Santa Juliana, Araxá e Ituiutaba. As primeiras famílias chegaram na década de 1880. A maioria era libanesa, além de sírios e armênios. Eles se dedicaram ao comércio, principalmente os mascates que vendiam seus produtos no interior. Depois foram se estabelecendo nas cidades, no ramo comercial e, posteriormente, na indústria.⁴⁷

De acordo com Oliveira:⁴⁸

O comércio nas cidades era uma atividade ocupada por sírio-libaneses e pelos judeus. Os sírio-libaneses tiveram experiência mais próxima à dos imigrantes italianos e espanhóis no Brasil. Vindos de países ou regiões distintas como Líbano, Síria, Turquia, Iraque, Egito e Palestina, os árabes que vieram, em sua maioria, tinham vivido problemas de perseguição religiosa.

A segunda leva chegou entre 1890-1914, e depois de 1930, quando os jovens deixavam o Líbano em busca de um futuro melhor. Alguns encontraram mais facilidades pela presença dos patrícios já estabelecidos na região. Muitos estudaram e concluíram cursos na área de Medicina e Direito. Fundaram também centros culturais e de lazer, entre eles, o Clube Sírio Libanês.⁴⁹

⁴⁵ **Guia de Fontes Primárias Para a História da Imigração do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.** Op. Cit.

⁴⁶ O termo “árabe” utilizado se explica pelo fato de que tanto os sírios quanto os libaneses foram dominados também pelo povo árabe, no momento em que o Império Árabe expandiu seus domínios pela região da Palestina, entre os séculos VII e VIII. Com isso a população da região assimilou parte da cultura árabe juntamente com a carga genética, já que ocorreu uma mistura étnica que perdurou até a dominação posterior dos turcos, séculos mais tarde. Já os imigrantes de origem realmente turca, proveniente da Turquia, representam uma quantidade muito pequena no total dos que emigraram para o Brasil e o Triângulo Mineiro. No entanto, a população de Uberaba e região, e até mesmo os pesquisadores que escreveram sobre esse período se posicionaram diante desses imigrantes de maneira diferenciada. Ora encontramos documentos em que estão presentes a referência aos imigrantes “árabes”, ora “turcos,” alguns falam em “sírios-libaneses,” outros em “sírios e libaneses.” Para falar em nome de todos os que emigraram da região do Oriente Médio, no caso em questão, optamos pelo termo “árabe.”

⁴⁷ **Guia de Fontes Primárias Para a História da Imigração do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.** Op. Cit.

⁴⁸ OLIVEIRA, Lucia Lippi. **O Brasil dos Imigrantes.** Op. Cit. p. 56.

⁴⁹ O Clube Sírio Libanês foi criado em 11 de outubro de 1925, por seis imigrantes libaneses radicados em Uberaba: Calixto Cecílio, Chucre Pális, Jacob Pális, Latif Pális, Manoel Elias e Miguel Calixto Hueb. Hoje o clube revive e mantém vivo o folclore e a cultura libanesa através da Festa das 1001 Noites, realizada anualmente e que já faz parte dos principais eventos sociais da cidade. (OLIVEIRA, Luzia Maria de Oliveira e, OLIVEIRA, Sérgio Gomes. **“A Presença Árabe em Uberaba”.** Op. Cit. p. 10.)

Há relatos que confirmam que muitos imigrantes libaneses vieram para o Brasil com recursos próprios, conseguidos com a venda de bens e objetos pessoais em seus países de origem. Com esse capital compravam passagens em navios cargueiros,⁵⁰ e não nos navios destinados ao transporte dos imigrantes subvencionados pelo governo brasileiro ou pelos fazendeiros que patrocinaram as primeiras levas de imigrantes europeus. Existem registros afirmando também que alguns desses libaneses foram para a Itália e de lá embarcaram no porto de Trieste,⁵¹ e ainda outros falam que iam para Gênova e também para Marselha,⁵² na França, e desses portos embarcaram em navios para o Brasil.

Os imigrantes vieram para o Brasil, impulsionados pela política de estímulo à imigração, criada pelo governo brasileiro, para atrair imigrantes europeus, principalmente os italianos, devido a reestruturação do mercado de trabalho a nível internacional. Por isso, a propaganda foi mais intensa na Europa, onde o Brasil era anunciado pelos representantes do governo brasileiro como uma terra de promessa; ao mesmo tempo, essa propaganda chegou a outros continentes, entre eles a Ásia, e acabou estimulando outras levas de imigrantes não-europeus.⁵³

A propaganda do governo brasileiro atraiu os imigrantes libaneses porque o Líbano estava sob o jugo do Império Turco Otomano e as condições de vida eram muito difíceis para eles no final do século XIX. Problemas econômicos e o fato de ser um país pequeno, com pouca área agrícola, teriam sido razões que levaram muitos libaneses a emigrarem, buscando um país onde pudessem viver livres da opressão, levarem uma vida melhor e ainda prosperarem. Os que emigraram não vieram somente para o Brasil,

⁵⁰“Meus avós vieram de navio cargueiro para o Brasil.” Depoimento de Lúcia Regina Nassif Zouein, em entrevista, no dia 14/12/2001, em Uberaba – MG.

⁵¹ **Guia de Fontes Primárias Para a História da Imigração do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.** Op. Cit.

⁵² ... “os emigrantes, para viajar, tinham que vender suas jóias, seus poucos bens para ter “um lugar” nos porões apertados dos navios em plena escuridão, com falta de água, alimento... e ao chegarem a um dos portos de desembarque, geralmente Gênova, na Itália, ou Marselha, na França, eram hospedados em hotéis para esperar a chegada de outro navio, que os conduziria ao porto final.” (KHATLAB, Roberto. **Brasil – Líbano: amizade que desafia a distância.** Op. Cit. p. 33.)

⁵³ “Agentes a serviço de sociedades de imigração anunciavam, em várias cidades européias, o Brasil como terra de promessa.” (OLIVEIRA, Lucia Lippi. **O Brasil dos Imigrantes.** Op. Cit. p. 16.)

mas também para outros países da América; há casos de alguns que foram primeiro para os Estados Unidos e de lá vieram para o Brasil.



Figura 1. Mapa do Líbano. Referência: Brasil - Líbano, p. 23.

Khatlab⁵⁴ apresenta os fatores da imigração libanesa:

Herdeiro da antiga Fenícia, o Líbano é uma região que foi invadida por vários povos: hititas, egípcios, assírios, persas, macedônios, gregos, romanos, dentre outros, e conquistado pelos árabes (637). Passou depois ao domínio dos Francos (1098-1289), dos Mamelucos do Egito (até 1516), e em seguida dos Otomanos. Em 1864 o Monte Líbano passou a ser autônomo em relação ao governo turco. A Turquia retirou-se dali no início da Primeira Guerra Mundial (1914). Mas, após a vitória das forças aliadas sobre as tropas turcas e alemãs, o Monte Líbano foi anexado ao Vale do Bekaa, tornando-se um Estado do Grande Líbano (1920) sendo submetido, como a Síria, ao mandato francês. Todas essas invasões, conquistas e violências, levaram uma grande parte dos libaneses à emigração, pois, acossados pelos inimigos e pela escassez de possibilidades, buscaram na história dos antepassados exemplos dignos de serem imitados. Com coragem e espírito de aventura começaram a dispersar-se pelo mundo em busca de um espaço vital. No princípio, emigraram para o Egito à procura de trabalho ou para estabelecer negócios ou indústrias, utilizando este país como trampolim para o salto gigantesco que mais tarde deram, formando colônias no mundo inteiro, principalmente, nas Américas.

Com relação aos problemas vividos pelos libaneses sob o domínio dos Otomanos, Khatlab⁵⁵ informa que:

No Oriente, o Império Otomano não oferecia liberdade nem segurança. Quanto ao Líbano, este estava na época dividido em duas regiões: o Monte Líbano,

⁵⁴ KHATLAB, Roberto. Op. Cit. p. 24.

⁵⁵ Idem., p. 32.

autônomo e protegido pela Europa, cercado pelo Império Otomano, e a maior parte das planícies, Vale do Bekaa e o litoral, dominados pelos turcos. Sem o Vale do Bekaa, o Líbano perdeu seu celeiro e assim os camponeses corajosos enfrentaram a montanha, começaram a escavar suas encostas e patamares, e depois plantando cereais e árvores frutíferas, num processo que transformou rochas em solo produtivo. Apesar de todos esses esforços, a produção agrícola não era suficiente para alimentar a população; além destas dificuldades, várias foram as opressões e os massacres. Além disso, existia privação da liberdade, insegurança, falta de espaço geográfico, visto que o território era estreito e dominado pelo feudalismo, oferecia pouquíssimas oportunidades econômicas, fazendo com que muitos libaneses se sentissem forçados a expatriar pois os árabes sentiam que estavam vegetando dentro do Império Otomano. Os libaneses da montanha, quando vinham até Beirute, eram molestados e agredidos pelos fanáticos que os odiavam, obrigando-os a comprar o que não queriam por preços elevadíssimos.

Esses imigrantes chegavam ao Brasil pelo porto de Santos, depois muitos se dirigiam para São Paulo, Campinas, Ribeirão Preto, e depois pelos trilhos da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro⁵⁶ acabavam parando na região do Triângulo Mineiro e nas cidades de Conquista, Santa Juliana e Uberaba.⁵⁷ Vinham atraídos pelo

⁵⁶ Pasta sobre a Companhia Mogiana, contendo textos diversos sobre a ferrovia. Arquivo Público de Uberaba. A Companhia Mogiana de Estradas de Ferro era uma companhia paulista, com sede no Município de Campinas. Sua história se atrela à expansão do café no Oeste Paulista e sua malha ferroviária nasceu para exportar café pelo Porto de Santos. O principal meio para esse transporte ferroviário, a Estrada de Ferro São Paulo Railway, construída por uma companhia inglesa, interligou por muito tempo a cidade de Jundiaí a Santos, em concessão exclusiva de acesso ao Porto de Santos. A partir de Jundiaí se criaram outras ferrovias que passaram a intercambiar seus transportes.

“A Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, foi criada a partir de uma lei provincial, de 21 de março de 1872, para ligar Campinas a Mogi Mirim, com um ramal para Amparo e prolongamento até as margens do rio Grande. Em 8 de junho de 1880 obteve a concessão para estender seus trilhos até a cidade de Ribeirão Preto, e em 4 de abril de 1889 foi inaugurada a estação ferroviária de Uberaba. Ela ficava situada no alto da Rua do Comércio (hoje Rua Artur Machado), em frente à Igreja da Matriz, um dos pontos mais importantes da cidade, marcando sua preponderância sobre outros monumentos e um distanciamento entre o Triângulo Mineiro e Belo Horizonte, ao mesmo tempo que representava uma aproximação com São Paulo. Pela Mogiana chegaram idéias de progresso juntamente com os imigrantes nacionais e estrangeiros, os italianos, espanhóis, portugueses e árabes (que redimensionaram o comércio urbano e rural).” (FERREIRA, Eliza Bartolozzi, Márcia Almada. “**Mogiana: Os Trilhos da Modernidade.**” Pesquisa realizada com o apoio do CNPQ, Fundação Cultural e Prefeitura Municipal de Uberaba, 1989, p. 6, 7, 33, 37)

“A Mojiana marca o rompimento não oficial, mas prático, com Minas Gerais. Daí para frente, nunca mais seríamos os mesmos mineiros. Com a Mojiana abandonamos o desgastado passado colonial em troca do eclético informado e universal que a nós via São Paulo, um Estado que acorda e sacode seus vizinhos. Pela Mojiana respiramos ventos novos, compreendemos mensagens de progresso. De bem-estar.” (NABUT, Jorge Alberto. Trechos do Memorial Mojiana. Reportagens narrando a história da estação ferroviária uberabense inaugurada em 1889. **Jornal da Manhã**, 1984.)

A ferrovia esteve em atividade até meados dos anos 80 do século XX, quando então foi comprada pela FEPASA, e atualmente se destina ao transporte de cargas, através da Ferrovia Centro Atlântica que comprou a malha ferroviária. O transporte de passageiros foi paralisado no final dos anos 90.

⁵⁷ “Em 1889, chegaram aqui os trilhos da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e, com ela, Uberaba atingiu o auge de seu desenvolvimento comercial. Grande afluxo de migrantes e imigrantes fez a população crescer.” (COUTINHO, Pedro dos Reis. **História dos Irmãos Maristas em Uberaba.** Uberaba: Arquivo Público de Uberaba; Belo Horizonte: Centro de Estudos Maristas, 2000, p. 37)

rico comércio que se desenvolvia devido à produção agrícola da região e também pela exploração de diamantes no Garimpo de Conceição das Alagoas.

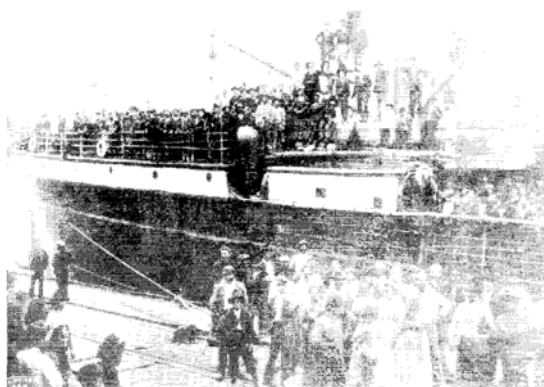


Figura 2. Desembarque de imigrantes no Porto de Santos.
Referência: O Brasil dos Imigrantes, p.41.



Figura 3. Estação da Mogiana em Uberaba onde desembarcaram muitos imigrantes.
Referência: Fragmentos Árabes p. 147.

No Brasil do século XIX, a política de imigração visava também atrair estrangeiros para povoar e colonizar os vazios demográficos. Embora essa política fosse seletiva, já que o imigrante desejado fora o agricultor, o colono e o artesão que aceitassem viver em colônias e não o aventureiro que vivesse nas cidades. E em 1808, tinha sido promulgada uma lei que permitia aos estrangeiros a propriedade de terras no Brasil, mas somente em meados do século começaram a chegar imigrantes para suprir a carência de mão-de-obra nas lavouras de café; e a ocupação dos espaços demográficos somente ocorreu no Sul com os alemães. Posteriormente a Constituição de 1891, acelerou esse processo, pois garantiu a nacionalização automática de qualquer estrangeiro que vivesse no Brasil que, num prazo de seis meses, não se declarasse

contrário à nacionalização. A Constituição colocou também a colonização e a imigração sob a tutela dos Estados, como forma de agilizar a vinda de pessoas para o país.⁵⁸

Essa entrada inicial de imigrantes no século XIX se voltou para dois pontos principais: no início do século nos estados do Sul, onde procurou se incentivar a ocupação através de pequenas propriedades agrícolas; e no final do século, nas fazendas de café do Oeste Paulista, onde eles eram empregados como mão-de-obra, substituindo o braço escravo.

A imigração no Sul do país, de acordo com Boris Fausto,⁵⁹ possui características diferenciadas da ocorrida no Oeste Paulista. Ela foi incentivada antes da Independência por José Bonifácio e D. Pedro, que tentaram atrair alemães interessados em ir para Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com o objetivo de formar uma classe média rural no Brasil. Com isso, surgiram colônias perto de Porto Alegre (a Colônia de São Leopoldo, em 1824); junto à Florianópolis (a de São Pedro de Alcântara, em 1828). Depois, a colonização alemã se estendeu pelo nordeste de Santa Catarina, onde surgiram as Colônias de Blumenau, em 1850, Brusque e Dona Francisca, atual Joinville.

Os imigrantes alemães dedicaram-se à criação de porcos, galinhas, vacas leiteiras, verduras e frutas, como a maçã. Todas as atividades foram desenvolvidas em pequenas e médias propriedades. Fundaram também oficinas e indústrias de banhas, laticínios, cervejarias e outras bebidas. Eles figuraram em segundo lugar na lista de imigrantes, no período entre 1846 e 1875 (cerca de 39 mil), embora ainda muito distantes do número de portugueses (em torno de 152 mil imigrantes) que se estabeleceram no Sul do Brasil.⁶⁰

A partir de 1860, o fluxo de imigrantes europeus diminuiu devido às más condições de tratamento dispensadas aos colonos, especialmente aos suíços e alemães. Em 1871 a Alemanha, assim como a Rússia, já tinha feito em 1859, suspendeu o apoio à imigração para o Brasil. Depois de 1870, o governo imperial procurou incentivar a

⁵⁸ OLIVEIRA, Lucia Lippi. Op. Cit., p. 13-18.

⁵⁹ FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1996, p. 241.

⁶⁰ Idem, p. 241.

vinda de colonos italianos para o Rio Grande do Sul. Eles se dedicaram principalmente ao cultivo da uva e deram início à produção de vinho no Brasil.⁶¹

A abolição da escravatura e a proclamação da República aceleraram a política de estímulo à imigração, cujo discurso enfatizava a necessidade da importação de trabalhadores europeus, de preferência, italianos.

Outro objetivo do estímulo à imigração, principalmente a europeia, era o branqueamento da população brasileira. Segundo Salles,⁶²

O passado precisava ser esquecido, tratava-se, agora, da construção de um país branco, que transpusesse a sociedade para um novo tempo em que a Nação constituída seria arrebatada pelo Progresso. E nesta Nação fadada ao Progresso não havia lugar para quem tinha sido escravo um dia, para os seus descendentes ou para o homem pobre cuja convivência com a escravidão o havia tornado um ser desprezível... A classe dominante, particularmente os fazendeiros do Oeste Paulista, via na imigração europeia a possibilidade não só de prover de “braços as fazendas desfalcadas de escravos”, como “o grande resultado, o vasto e genérico benefício de um trabalhador de melhor qualidade”, que regenerasse a “raça” e que resgatasse o trabalho e as “terras do novo mundo” para a “Civilização”

1.2. Os imigrantes libaneses em Uberaba e região

A vinda de imigrantes para a região do Triângulo Mineiro foi incentivada pelo governo mineiro que sancionara várias leis que estimulavam fazendeiros e imigrantes a virem para a região, visando suprir a necessidade de mão-de-obra nas lavouras.⁶³ Essa necessidade de trabalhadores, se já era premente, cresceu após a abolição da escravatura com a expansão dos cafezais. Em Uberaba, a instalação da Fábrica de Tecidos do Cassú reclamava novas lavouras de algodão, intensificando ainda mais a demanda de mão-de-

⁶¹ FAUSTO, Boris. História do Brasil. Op. Cit., p. 241.

⁶² SALLES, Iraci Galvão. República: A Civilização dos Excluídos. In: **História e Perspectivas**. Uberlândia: UFU. Curso de História, 1993, nº 8, p. 24.

⁶³ “No Brasil do século XIX, a política de imigração visava a atrair estrangeiros para povoar e colonizar os vazios demográficos, o que permitiria a posse do território e a produção de riquezas.” (OLIVEIRA, Lucia Lippi. **O Brasil dos Imigrantes**. Op. Cit., p. 13.)

obra. E os grandes fazendeiros da região do Triângulo colocaram em discussão o problema da falta de trabalhadores, tornando a questão nacional.⁶⁴

Já no início do período republicano, ainda no Governo Provisório, o Decreto nº 528, de 28 de junho de 1890, regularizou o serviço de entrada e colonização de imigrantes. Com isso, abriu-se os portos à imigração, exceto para as pessoas de origem asiática e africana.

Essa imigração subvencionada teve início a partir de 1892, com a indenização de passagens aos imigrantes, e com a determinação de que as Câmaras Municipais seriam intermediárias dos pedidos. O Estado de Minas Gerais foi dividido em cinco Distritos que receberiam os imigrantes; Uberaba se tornou a sede do 5º Distrito.⁶⁵

Para a sociedade uberabense, o imigrante era bem-vindo, porque sua presença dinamizara a economia, desde a chegada para o trabalho nas lavouras, seguindo a trajetória dos que vieram para as lavouras de café do Estado de São Paulo. Muitos deles deixaram o campo e foram para a cidade e diversificaram seus negócios.

No caso dos sírios e libaneses e de seus descendentes, ocorreu que não trabalharam nas lavouras; assim que chegaram, começaram a se dedicar às atividades comerciais, alguns abrindo suas próprias lojas na cidade, outros trabalhando como ambulantes ou mascates, vendendo diferentes produtos nas fazendas e arraiais da região.

66

⁶⁴ **Guia de Fontes Primárias Para a História da Imigração do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.** Op. Cit.

⁶⁵ “Decreto nº 626, de 31 de maio de 1893: Aprovo, de conformidade com o artigo 33 do decreto de nº 612, de 6 de março de 1893 a divisão provisória do Estado em distritos para fiscalização do recebimento e colocação do imigrante.” (FONTOURA, Sônia Maria. **A Invenção do Inimigo: Racismo e Xenofobia em Uberaba – 1890-1942.** Cap. I – Uberaba: Espaços e Imigração. Dissertação de Mestrado. Franca. São Paulo: UNESP, 2001, p. 52.)

Artigo 1º (...) Quinto Distrito – sede: Uberaba. Municípios de: Uberaba, Paracatu, Santo Antônio de Patos, Araguary, Bagagem, Carmo de Bagagem, Fructal, Parnahyba, Monte Alegre, Patrocínio, Prata. Em 1895, com a redução no número de distritos, Uberaba tornou-se sede do 4º Distrito – Decreto nº 806, de 22 de janeiro de 1895.” Catálogo do Arquivo Público de Uberaba. 1994.

⁶⁶ “Poucos árabes estabeleceram nas lavouras, embora tenhamos encontrado alguns raros em Conquista e Uberaba. A maioria dedicou-se ao comércio de caixinhas – mascates – vendendo seus produtos até Goiás.” (FONTOURA, Sônia Maria. **A Invenção do Inimigo: Racismo e Xenofobia em Uberaba – 1890-1942.** Op. Cit., p. 56)

Como eles se dedicaram ao comércio, tiveram que aprender rapidamente a língua portuguesa, o que favoreceu inicialmente a sua integração à vida brasileira, por meio das habituais relações interpessoais. Essa integração ocorreu também na sociedade, já que muitos emigraram individualmente e se casaram com brasileiros, diferentemente do que ocorreu com os outros imigrantes, cuja maioria estava isolada nas colônias. Essa mistura, após três ou quatro gerações, fez com que nomes árabes aparecessem relacionados a diversas atividades profissionais e cargos políticos, tanto locais quanto regionais, estreitando os laços entre os brasileiros e os descendentes de imigrantes. Incorporaram-se, assim, à paisagem social de nossas cidades, tornaram-se dos “nossos”, justificando uma amizade que é o resultado de uma convivência aberta e do partilhar de valores semelhantes.⁶⁷

Apesar da relativa cordialidade com que os imigrantes foram recebidos tanto no Brasil quanto na região do Triângulo, e apesar dos jornais apresentarem os estrangeiros como “iguais” aos demais cidadãos no trabalho, em eventos sociais e em outras circunstâncias da vida, levando o leitor a olhar com simpatia a presença do imigrante, constatou-se que foram alvo de racismo e tiveram dificuldades com os fazendeiros. Foi o caso dos italianos, portugueses, espanhóis e até mesmo dos árabes.

Segundo Fontoura:⁶⁸

Pela diferente linguagem, religião e costumes, levantavam terríveis suspeitas, que chegavam ao grotesco. Foram acusados pelos jornais de Frutal, Franca e Uberaba, de comer criancinhas, fato logo após desmentido.

O comércio árabe, tornando-se concorrente preocupou o comércio local. Isto é expresso de várias formas na imprensa. Primeiro elogiavam-se os árabes. Depois veio a xenofobia.

Outros fatores diferenciaram os imigrantes sírios e libaneses dos demais grupos que vieram para Uberaba e cidades vizinhas: eles não estavam ligados aos programas de incentivo à imigração, e por isso não foram inseridos na Lei de Cotas criada em 1934. Não estavam presos a compromissos com fazendeiros e nem ficaram em colônias da região, como ocorreu com os italianos e japoneses. Eram independentes, vieram com seus próprios recursos e se espalharam por várias vilas, arraiais e cidades do Triângulo

⁶⁷ KHATLAB, Roberto. Op. Cit. p. 60.

⁶⁸ FONTOURA, Sonia Maria. Op. Cit. p. 69.

Mineiro. Eles vinham para trabalhar no comércio, atividade que herdaram de seus ancestrais, que tão bem conheciam e que poderiam lhes trazer um retorno mais rápido do que a atividade agrícola. Retorno que cobriria o que haviam gasto na vinda, já que muitos venderam seus bens nos países de origem para poderem custear a passagem. No Brasil muitos se associaram a outros imigrantes, alguns parentes, para abrirem negócios fixos nas cidades e também para mascatearem juntos em determinadas regiões.⁶⁹

Os imigrantes sírios e libaneses, segundo também Oliveira,⁷⁰ estiveram na linha de frente da introdução, na cultura brasileira, de dois traços ou comportamentos dos mais relevantes. O primeiro tem a ver com a superação da barreira contra os trabalhos braçal e o manual, herdado dos quase 400 anos de escravidão. O imigrante que aqui chegou como mão-de-obra assalariada participou do processo que permitiu convencer as pessoas de que deveriam vender sua força de trabalho e domesticar o tempo ao ritmo da indústria. Por outro lado o imigrante também acentuou a versão sobre o trabalhador nacional como preguiçoso e incapaz, versão esta partilhada pela elite nacional. A capacidade de trabalho do imigrante e seu sucesso reforçam a crença da suposta preguiça dos brasileiros.

A demonstração de capacidade do imigrante, para o trabalho, foi seguida também de uma reação dos brasileiros, que, de forma discriminatória, tentaram desqualificar qualquer imigrante. Isso fez com que surgisse o preconceito contra italianos e japoneses em São Paulo, por exemplo. Mas, por outro lado os imigrantes também visualizaram os brasileiros de forma estereotipada, já que entre os colonos o brasileiro era considerado preguiçoso e indolente.

Essa questão é enfatizada por Seyferth⁷¹:

... A obra da colonização e a participação do imigrante na industrialização do Brasil são as marcas diferenciadoras mais frequentemente usadas para afirmar as identidades étnicas. O “trabalho”, concebido dessa maneira, é um dos símbolos de identidade mais utilizados, pois contrasta, de um lado, os

⁶⁹ FAUSTO, Boris. **Negócios e Ócios – Histórias da Imigração**. São Paulo: Cia das Letras. 1997. Cap. 3 e 4.

⁷⁰ OLIVEIRA, Lucia Lippi. Op. Cit. p. 59.

⁷¹ SEYFERTH, Giralda. Imigração e Identidade Étnica. In: **Imigração e Cultura no Brasil**. Brasília: UNB, 1996, p. 80 a 91.

imigrantes e seus descendentes, como aqueles que vieram para dignificar o trabalho, e de outro os brasileiros, definidos por oposição, como avessos ao trabalho, principalmente manual. ... o que reforça, ao nível dos grupos étnicos, o mito do imigrante trabalhador.

O segundo comportamento foi o de produzir certa superação das barreiras contra a atividade comercial, já que o hábito de trabalhar muito para realizar a ambição de ascensão social rápida, foi uma forma de dinamizar os negócios. Assim, ao vencer o preconceito contra o trabalho e o comércio, eles contribuíram para a implantação e desenvolvimento do capitalismo comercial no Brasil.⁷²

Estudos de historiadores e descendentes de imigrantes⁷³, mostram que a rápida mobilidade social dos imigrantes árabes está relacionada com o momento econômico no qual se deu a chegada desses grupos ao país, no final do século XIX. O mesmo aconteceu com os libaneses, porque no Brasil havia espaço para aquisição de propriedades agrícolas, comerciais e industriais, desde que se trabalhasse muito.⁷⁴

José Nassif, o pai de Whady Nassif, seguiu também, como muitos outros, a saga dos libaneses que se aventuraram ao sair do Líbano no final do século XIX, fugindo da repressão e do domínio do Império Otomano,⁷⁵ da miséria local e da absoluta falta de perspectivas e vieram para o Brasil em busca de novas oportunidades. Por isso conseguiu o dinheiro para pagar a sua passagem, cruzou também o Mediterrâneo e o Atlântico, chegou ao porto de Santos, e de lá passou por serras e planaltos até chegar ao Triângulo Mineiro.

⁷² OLIVEIRA, Lucia Lippi. Op. Cit. p. 60.

⁷³ Entre eles: Lucia Lippi Oliveira, Boris Fausto, Jorge Alberto Nabut e Roberto Khatlab, cujos trabalhos tive acesso.

⁷⁴ OLIVEIRA, Lucia Lippi. Op. Cit. p. 60.

⁷⁵ “Muitos libaneses emigraram para o Egito a partir de 1856, primeiramente por questões políticas. E a guerra de 1860, no Líbano, fez crescer a intolerância religiosa e iniciou uma guerra civil que destruiu o país, fazendo milhares de vítimas em massacres terríveis e aumentando ainda mais a emigração. O Egito apresentava um bom campo de trabalho agrícola e mesmo industrial, principalmente na região de Alexandria, em 1882, e os libaneses e outros estrangeiros foram surpreendidos pelas confusões internas e procuraram outra direção. O Egito foi um trampolim da emigração para países longínquos da Europa, Austrália, Ásia Ocidental, África, Ilhas do Pacífico e América do Norte.” (KHATLAB, Roberto. Op. Cit. p. 32.)

Escolhera vir para Uberaba, atraído como outros, pelas notícias de que a cidade estava se desenvolvendo, sendo na época conhecida como boca de sertão⁷⁶, ou a Princesa do Sertão e para ela convergiam comerciantes de regiões distantes em busca de gêneros de primeira necessidade. Era, portanto, uma terra de oportunidades para trabalhar e fazer a vida. Sem falar nas terras férteis que atraíram muitos fazendeiros para a região e também na descoberta dos diamantes no Garimpo de Conceição das Alagoas, que influenciaram imigrantes e exploradores que acabaram transformando suas atividades produtoras e comerciais, fazendo sua economia se desenvolver.

1.3. Formação acadêmica

Na verdade Whady Nassif teve acesso a uma formação educacional muito boa, isso porque quando os filhos cresceram, José Nassif resolveu que iriam estudar em colégios de Uberaba, já que onde moravam não existiam boas escolas e, para ele, a educação era importante para o futuro. As filhas, foram para o Colégio Nossa Senhora das Dores, internato feminino, dirigido pela irmandade francesa das Irmãs Dominicanas; e os filhos para o Colégio Marista Diocesano, internato masculino dirigido pelos Irmãos Maristas.

Seus filhos receberam educação tradicional, em colégios internos, onde estudavam os filhos das classes mais abastadas e de famílias tradicionais da região, embora não deixassem de receber alunos de classe média, desde que tivessem condições de pagar por seus estudos. Tanto o Colégio Nossa Senhora das Dores⁷⁷ quanto o Colégio Marista Diocesano ofereciam educação clássica nos moldes europeus.

O Colégio Nossa Senhora das Dores foi criado em 1885, por cinco irmãs da Ordem das Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, uma ordem religiosa criada na França. Elas tinham vindo para Uberaba motivadas pela vocação missionária religiosa e pelos convites insistentes do Bispo da Diocese de Goiás, D. Cláudio Ponce de Leão e dos Padres Dominicanos. O objetivo inicial das irmãs era

⁷⁶ NABUT, Jorge Alberto. **Fragmentos Árabes:** Dores de Santa Juliana e Uberaba – Memórias do Século XX. Uberaba: Instituto Triangulino de Cultura, 2001, p. 13.

⁷⁷ Revista Comemorativa dos 120 Anos do Colégio Nossa Senhora das Dores. Uberaba: P&A Comunicação. Outubro/2005.

desenvolver atividades ligadas ao atendimento espiritual e humanitário na Santa Casa de Misericórdia, ajudando os padres dominicanos que já atuavam na cidade. Depois criaram um colégio para atender às necessidades educacionais das moças da região. A cidade não tinha uma instituição de ensino para as moças e as jovens que queriam estudar e tinham que ir para centros maiores, como São Paulo e Rio de Janeiro. Aos poucos o colégio foi crescendo e, nos anos 70 do século XX, passou também a receber alunos de sexo masculino.

O Colégio Marista tinha um conceito muito bom em termos de educação no período. Adotava uma pedagogia tradicional, com forte influência religiosa e fundamentada nos valores e conhecimentos europeus. Como características da Educação Marista, destacavam-se a ordem, a disciplina e o respeito à autoridade. Além do mais, seguia à risca os parâmetros educacionais determinados pelo governo brasileiro desde a sua fundação. Essa postura educacional colaborou na formação de várias gerações de jovens, no início do século XX, na região do Triângulo Mineiro e interior de Goiás (de onde vinham muitos estudantes).

Colocando os filhos nesses colégios, José Nassif achava que estava dando o que havia de melhor em termos de educação e formação de caráter. Essa atitude de valorização da escolaridade dos filhos foi uma característica marcante dos imigrantes árabes.⁷⁸ Ao se dedicarem às atividades comerciais, eles acabaram introduzindo novas práticas, criando o chamado “comércio popular” no Brasil, e com isso conseguiram em pouco tempo, uma certa estabilidade financeira, o que possibilitou os investimentos na educação dos filhos. Com o estudo, seus filhos ajudaram na rápida escalada social e econômica que marcou a história de tantas famílias de libaneses que vieram para o Brasil e que até os dias atuais são destaque em diversos setores locais e regionais.

No Colégio Marista, havia também o serviço militar obrigatório, estabelecido em 1908, através de uma Lei Federal, que criou essa disciplina em todos os colégios reconhecidos oficialmente pelo governo. E como os Maristas obedeciam às ordens

⁷⁸ “No Brasil Imperial, como na Turquia de Ataturk, estudada por Frederick W. Frey, a educação era a marca distintiva da elite política. Havia um verdadeiro abismo entre essa elite e o grosso da população em termos educacionais.” (CARVALHO, José Murilo de. **A Construção da Ordem: a Elite Política Imperial; Teatro de Sombras: a Política Imperial.** 2 ed., Ver. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Relume-Dumará, 1996, p. 69.)

oficiais, além de ser a ordem, a disciplina e o respeito à autoridade, uma das características da Educação Marista, isso facilitou a adoção, no colégio, do serviço militar,⁷⁹ ministrado por um professor militar, destacado pelo próprio Exército, para cada colégio. A partir dessa lei o Colégio Marista passou a funcionar como um destacamento militar, que além de oferecer treinamentos físicos formava anualmente turmas de atiradores militares. Sem falar que o colégio participava das atividades cívicas realizadas na cidade com demonstrações dos batalhões militares compostos pelos alunos, desfilando pelas ruas com seus uniformes e com as armas com que faziam os exercícios militares.⁸⁰

Essa educação rígida e em moldes militares que os filhos de José Nassif Miziara receberam, acabou refletindo no caráter e na retidão com que ficaram conhecidos. E até mesmo Whady José Nassif foi citado várias vezes, nos jornais e em escritos oficiais, como um homem íntegro, correto e coerente em sua postura, tanto pessoal quanto pública.

José Nassif Miziara, ao colocar os filhos nesses colégios, agira como boa parte dos imigrantes libaneses que deram muita importância à formação acadêmica de seus descendentes, embora somente Antonio e Whady tenham cursado uma universidade.⁸¹ Segundo depoimento de uma de suas filhas,⁸² os filhos mais velhos seguiram a tradição de ajudarem o pai no negócio comercial, e só os dois mais novos puderam continuar os estudos, já que cursar uma universidade só era possível na época, em São Paulo ou no Rio de Janeiro e ficava difícil custear os estudos superiores para todos.

Essa atitude não deixa de ser uma característica marcante na época na colônia libanesa, pois ocorreu com outras famílias, alguns filhos seguiam a profissão do pai e outros eram escolhidos para continuar os estudos, porque nem todos poderiam, por razões financeiras, estudar até o curso superior.

⁷⁹ COUTINHO, Pedro dos Reis. Op. Cit., p. 77 e 78.

⁸⁰ Idem, p. 224 a 230.

⁸¹ Os outros irmãos e irmãs de Whady Nassif cursaram apenas o ensino secundário: na época, ginásio e científico.

⁸² Depoimento de Lúcia Regina Nassif Zouein. Op. Cit.

Grande parte dos filhos de imigrantes escolhia as carreiras de advogados, médicos ou engenheiros, já que a colônia privilegiava esses campos profissionais e os que se formavam nessas áreas eram vistos como vitoriosos. Posteriormente, muitos descendentes desses imigrantes, já formados, enveredaram para a política, começando suas carreiras em cidades do interior⁸³ e se elegendo para cargos de vereadores e prefeitos, e depois se elegeram deputados estaduais e federais. Durante o governo ditatorial de Getúlio Vargas, alguns assumiram cargos políticos e até hoje muitos ainda fazem parte de diversas áreas administrativas e de cargos na política regional e nacional.⁸⁴ E Whady José Nassif também acabou se tornando um advogado e enveredou na política, primeiro no Distrito em que nasceu, depois na cidade de Uberaba e, finalmente, na política regional e estadual.

Whady Nassif, ao terminar os estudos no Colégio Marista, foi para o Rio de Janeiro onde cursou a Faculdade de Direito, na Universidade Federal do Rio de Janeiro,⁸⁵ colando grau em dezembro de 1932.⁸⁶ Depois cursou ainda o doutorado, ocasião em que conheceu sua futura esposa, Maria Noronha Nassif, que na época também fazia doutorado em direito, na mesma universidade.⁸⁷

⁸³ OLIVEIRA, Lucia Lippi. Op. Cit. p. 57.

⁸⁴ KHATLAB, Roberto. Op. Cit. p. 60.

⁸⁵ “Desde o Império, as quatro grandes escolas de medicina e direito; de Olinda/ Recife, São Paulo, Bahia e Rio de Janeiro; funcionaram de fato como centros regionais de formação.” E o fato de Whady Nassif ter freqüentado a Universidade do Rio de Janeiro valorizou sua atuação profissional e política. (CARVALHO, José Murilo de. **A Construção da Ordem: a Elite Política Imperial; Teatro de Sombras: a Política Imperial.** Op. Cit. p. 72.)

⁸⁶ Dados da OAB de Uberaba, obtidos em 23/08/2000, em sua ficha de inscrição de membro da entidade e onde consta que ele era o inscrito de nº 788, e sua carteira era a de nº 161. Nela também constava sua atuação como advogado por um pequeno período, já que posteriormente entrara na política, atuando como vereador e depois como prefeito, e algum tempo depois foi eleito deputado estadual por Minas Gerais, e finalmente acabou aposentando como procurador da justiça do trabalho no Rio de Janeiro, pelo Ministério do Trabalho.

⁸⁷ Segundo dados obtidos em documentação fornecida por sua filha Lúcia e também em uma entrevista de Maria Noronha Nassif, concedida ao Arquivo Público de Uberaba, no dia 06/12/1999; Whady Nassif e Maria Noronha casaram-se no dia 17 de junho de 1937, na Igreja Nossa Senhora da Paz, situada no Largo da Paz em Ipanema, no Rio de Janeiro.



Figura 4. Colação de Grau em Direito pela Universidade do Rio de Janeiro.
Referência: Acervo da família Nassif.

Maria Noronha Nassif, diferentemente da maioria das mulheres na época, teve a oportunidade de frequentar um curso superior, chegando a fazer doutorado em Direito. Isso foi possível graças ao fato de seus pais serem de uma classe social média e terem um nível intelectual mais elevado. Seu pai era médico e professor da Faculdade de Medicina e estimulava seus estudos. Maria Noronha Nassif chegou a trabalhar um pouco antes de se casar. Na época só chegou a ter quatro colegas formadas na área do Direito.

No início do relacionamento de Whady Nassif com Maria Noronha, ele já se interessava por política e quando se casaram foram residir em Uberaba, pois ele tinha sido eleito vereador e já advogava na cidade.⁸⁸

1.4. Ingresso na vida política

Whady José Nassif começou a se interessar por política desde os tempos de universidade no Rio de Janeiro, onde as idéias políticas eram muito discutidas. Além disso, a proximidade do governo central estimulava a participação e o acompanhamento

⁸⁸ Entrevista concedida por Maria Noronha Nassif, viúva de Whady Nassif, ao Arquivo Público de Uberaba, em 06/12/1999.

dos acontecimentos políticos, inclusive a Revolução de 1930, que culminou no Rio de Janeiro, com a ascensão ao poder do grupo liderado por Getúlio Vargas.

Esse envolvimento com a política no Rio de Janeiro se deveu ao fato de que a Universidade era um dos locais onde se formavam filhos de importantes personagens políticos, onde a elite política do país era preparada, ao mesmo tempo em que nela também se preparavam jovens para ocuparem importantes cargos na administração pública. Era na verdade um centro de onde saíram muitos personagens que se destacaram na política brasileira. Sem falar que a carreira de advogado representava na época um importante meio de acesso político

Mesmo estudando no Rio de Janeiro, Whady Nassif sempre acompanhou o desenrolar dos acontecimentos políticos na sua terra. Depois de formado acabou se envolvendo mais ainda nas questões e discussões políticas tanto de Conceição das Alagoas quanto de Uberaba. E com isso acabou entrando efetivamente para a política.

Ao iniciar a sua trajetória política como vereador por Conceição das Alagoas, Whady Nassif passou a ter contato direto com a realidade política de Uberaba, no ano de 1937, durante o Governo Provisório que se seguiu à Revolução de 1930, anterior ao golpe; que instituiu a ditadura getulista. No que diz respeito à estrutura do poder local, ainda vigorava, o poder dos “coronéis”.⁸⁹ Isto é, o poder político se concentrava nas mãos de um pequeno grupo que detinha terras e poder econômico, e que *possuía graus de patentes da Guarda Nacional e compunha a elite social e econômica do município*.⁹⁰

A figura do “coronel” atuava de maneira significativa nos municípios predominantemente rurais, apesar do movimento revolucionário de 1930. Logo após assumir o poder Getúlio Vargas destituiu todos os Governadores Estaduais

⁸⁹ “Esse poder se sustentava no sistema oligárquico, estabelecido durante a Regência por Feijó, com a criação da Guarda Nacional em 1831, para a substituição das milícias e ordenanças do período colonial, e que instituiu a patente de “Coronel”, concedida a um líder local, que era também um grande proprietário de terras. Subordinada apenas aos juízes de paz de cada município, a organização da Guarda Nacional reforçou o poder dos latifundiários a nível local. O poder dos “coronéis”, durante a República, teve aí sua origem.” (ALENCAR, Francisco. **História da Sociedade Brasileira**./ Francisco Alencar, Lúcia Capri Ramalho, Marcus Venício Toledo Ribeiro. 14 ed., Revista e Atualizada. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1996, p. 140.)

⁹⁰ REZENDE, Eliane Mendonça Márquez de. **1811-1910 - Uberaba - Uma Trajetória Sócio-Econômica**. Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, 1991, p. 69.

substituindo-os por Interventores⁹¹ para acabar com o poder dos coronéis, mas não conseguiu eliminá-los completamente num primeiro momento, embora tenham sido relegados a um segundo plano.

Essa elite que dominava a cidade e região era composta por homens cuja posição lhes permitia transcender o ambiente comum dos homens simples, e, portanto, tomar decisões que afetavam os grupos submetidos ao seu domínio, já que ocupavam postos fundamentais no governo e na sociedade e tinham em suas mãos o poder militar e o controle dos “votos de cabresto”.

Segundo Leal:⁹²

Qualquer que seja, entretanto, o chefe municipal, o elemento primário desse tipo de liderança é o “coronel”, que comanda discricionariamente um lote considerável de votos de cabresto. A força eleitoral empresta-lhe prestígio político, naturalmente coroamento de sua privilegiada situação econômica e social de dono de terras. Dentro da esfera própria de influência, o “coronel resume em sua pessoa, sem substituí-las importantes instituições sociais.” Exerce, por exemplo, uma ampla jurisdição sobre seus dependentes, compondo rixas e desavenças e proferindo, às vezes, verdadeiros arbitramentos, que os interessados respeitam.

Essa situação havia permanecido nos primeiros anos após a Revolução de 1930, embora estivesse surgindo uma nova elite que se destacava na vida política. A nova elite era formada por profissionais liberais, sobretudo, médicos, advogados, engenheiros, e em segundo plano, outros intelectuais como jornalistas, escritores e artistas, muitos deles saídos da pequena burguesia que surgia e que haviam enriquecido na política. Servindo aos interesses de protetores ocultos, que eram, às vezes, até mesmo os “coronéis.”⁹³

Embora predominasse em Uberaba uma liderança ligada a setores do capitalismo agrário, baseado na criação de gado e na agricultura, nas primeiras décadas do século XX, o município era reconhecido como a terceira maior economia do Estado de Minas

⁹¹ Apenas o governador de Minas Gerais não foi substituído por um interventor, já que ajudara Vargas durante o processo revolucionário de 1930. Com isso o governador Benedito Valadares foi mantido no cargo e se tornou interventor.

⁹² LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 42.

⁹³ MARTINEZ, Paulo. **A Teoria das Elites**. São Paulo: Scipione, 1997.

Gerais, em vista do primeiro processo de modernização, advindo do comércio e das comunicações, aliado à instalação da estrada de ferro Mogiana que propiciava o contato com São Paulo e o porto de Santos.

A cidade tinha anseios de modificar sua organização urbana e embelezar o espaço com chafarizes, praças e teatros, procurando se apresentar como uma cidade próspera.⁹⁴ A população reivindicava também melhorias na infra-estrutura, como a implantação de água encanada, rede de esgoto e calçamento das ruas, entre outras coisas. Essas mudanças sempre eram anunciadas em épocas de eleições, mas não se tornavam realidade após a posse dos administradores eleitos, quase todos ligados ao grupo político dos “coronéis”.⁹⁵

A liderança do setor agrário era visível na participação e na composição dos partidos políticos, que desde o Império atuavam na cidade: o Partido Conservador (Cascudo) e o Partido Liberal (Chimango). Com a proclamação da República, surgiram o Partido Lavourista (que fundou o jornal *Lavoura e Comércio* para divulgar a importância que o comércio e a agricultura desempenhavam na economia uberabense) e o Partido Silvianista ou Governista (Partido Republicano Mineiro). Este foi organizado em 1904, modificando a política municipal, juntamente com o Partido Republicano Municipal, denominado de Pachola. O Partido Republicano Mineiro, que também era denominado de Arara, tinha o controle também de um jornal, a *Gazeta de Uberaba*. Todos esses partidos eram controlados por “coronéis” ligados ao setor agropecuário.⁹⁶

⁹⁴Essa mentalidade de progresso marcante no período na cidade de Uberaba foi defendida em uma pesquisa sobre a chegada da estrada de ferro Mogiana, no final do século XIX. In: FERREIRA, Eliza Bartolozzi E, ALMADA, Márcia. **“Mogiana: os Trilhos da Modernidade”**. Op. Cit. p. 15.

⁹⁵ Os anseios por melhorias na infra-estrutura urbana, implantação de água encanada e de rede de esgoto, calçamento das ruas eram anseios há muito defendidos por algumas pessoas que atuavam em setores políticos de oposição, jornais e livros, que apresentavam a realidade difícil pela qual passavam os moradores da cidade. Orlando Ferreira, em seu livro *Terra Madrasta*, exige que as promessas de campanha sejam colocadas em prática, pressionando os políticos que apenas buscavam o poder em virtude de interesses pessoais e não atendiam aos anseios da coletividade. (FERREIRA, Orlando. **Terra Madrasta** – Um povo infeliz. Uberaba: O Triângulo, 1928. Cap. 1)

⁹⁶ MENDONÇA, José. **História de Uberaba**. Uberaba: Ed. Academia de Letras do Triângulo Mineiro. Ed. Vitória, 1974, p. 76-82.

Essa elite ou o grupo dos “coronéis” de Uberaba, formada, na sua maioria, pelos criadores de gado zebu,⁹⁷ estava à frente de fortes grupos políticos. A projeção desse grupo, no controle econômico e político da região ocorreu em 1910, fazendo da cidade uma referência como centro abastecedor de gado para outras regiões do país. Seus representantes ocuparam, seguidas vezes, a administração local, desde o início da República e do crescimento da atividade pecuária zebuína.⁹⁸

Neste contexto político, Whady Nassif começou a difundir suas idéias de progresso, trazidas de sua experiência no Rio de Janeiro e da influência da política defendida pelo governo pós-30, que procurava modificar a realidade política e social do Brasil.

1.5. A Constituição de 1934 e as mudanças na estrutura administrativa

A Revolução de 1930 alterou essa realidade. Foram dissolvidos o Congresso Nacional, as Assembléias Legislativas dos Estados e também as Câmaras Municipais. Os grupos que detinham o poder em suas mãos, não só em Uberaba como também em várias regiões brasileiras, se viram, até certo ponto, cerceados em suas ações, e para conservarem relativa influência, foram obrigados a admitir mudanças. Uma delas passava pelo respeito às novas diretrizes administrativas e políticas impostas a partir de 1930. Todas as transformações político-administrativas se refletiram na realidade uberabense, alterando a vida pública e a política local. No novo cenário político apareceu Whady José Nassif.

Para Gomes,⁹⁹ a nova realidade política brasileira encontra sua melhor expressão nas formulações de Azevedo Amaral, que aponta

... o real significado político das alternativas existentes em 1930. Para ele tratava-se de correr o enorme risco de optar entre a oligarquia e a desordem,

⁹⁷ Os primeiros exemplares de gado zebu foram introduzidos no Município de Uberaba em meados de 1875, oriundos da Índia. Isso ocorreu quando alguns fazendeiros empreenderam uma viagem que ficou na história local como um marco pioneiro e que conseguiu trazer alguns exemplares das raças zebuínas para melhorar o rebanho de gado da região.

⁹⁸ FERREIRA, Orlando. **Terra Madrasta** - Um povo infeliz. Uberaba: O Triângulo, 1928. Cap. I.

⁹⁹ GOMES, Ângela Maria de Castro. **A Invenção do Trabalhismo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994, p. 176, 178 e 179.

uma vez que o esforço revolucionário poderia, de fato, precipitar o país numa situação anárquica.

O choque se anunciava calamitoso, e a Revolução de 1930 veio interromper o curso destes acontecimentos, preservando o país de uma catástrofe e restaurando a “personalidade nacional.”

A revolução era autêntica, portanto, porque unia elite e massas e porque propunha voltar-se para o povo em suas mais genuínas e espontâneas manifestações e aspirações.

Por conseguinte, “restaurar” a sociedade brasileira era retirá-la do estado da natureza, isto é, organizá-la pela via do poder político. ... e dar um caráter ao homem brasileiro. A terra era rica e o homem era bom, mas nada disso tinha significado quando abandonado e inexplorado.

E isso tinha sido a grande falha da Primeira República... Mas, ambos os processos, de construção da terra e a formação do homem, seriam coordenados por novas elites políticas, que de fato se comunicariam com as massas e que interfeririam no curso da história, mobilizando o esforço transformador do trabalho humano.

Para implantar esse novo projeto político, que teve seu início na Revolução de 1930, era preciso afirmar sua legitimidade através de um novo conjunto de leis, que estivesse de acordo com a nova realidade que se apresentava. Por isso as novas modificações que foram implantadas tanto pela Constituição de 1934, quanto, posteriormente, pela Constituição de 1937, representaram uma complementação das mudanças iniciadas em 1930, que afetavam diretamente a estrutura de poder em âmbito nacional, estadual e municipal.

A Constituição de 1934 trouxe novas modificações. A carta magna, em seu artigo 14, criou dois poderes municipais: o Executivo, a ser exercido por um Prefeito e o Legislativo, pela Câmara de Vereadores. Esta lei, entretanto, não foi clara quanto às funções específicas do Prefeito e da Câmara, e com isso houve um grande período entre a promulgação da Constituição e a instalação da Câmara em Uberaba. Os registros documentais falam desta instalação apenas em julho de 1937.¹⁰⁰

Antes da revolução de 1930, nas cidades já existiam uma Câmara Municipal, composta por vereadores eleitos para representar não só a própria população urbana, como também a população rural que residia nos distritos. A administração municipal, era exercida por um Agente Executivo, escolhido entre os vereadores, por via indireta.

¹⁰⁰ CÂMARA MUNICIPAL e Arquivo Público de Uberaba. “O Poder Legislativo Municipal através do tempo”. Edição Comemorativa de 161 anos. Uberaba, 1998, p. 18 a 21.

Depois da revolução foi criado o cargo de Prefeito, cuja nomeação seria feita pelo interventor estadual mediante apreciação do nome escolhido pelos representantes locais. Isto eliminava ou pelo menos restringia, em parte, as escolhas feitas anteriormente, em que o “voto de cabresto”, resultante das manipulações dos coronéis nas eleições, não teria resultados já previamente determinados. A partir de então, as elites teriam que procurar escolher representantes que fossem do agrado do interventor, mesmo que não fossem do seu próprio agrado.

Na época da eleição para o preenchimento dos cargos de vereadores em Uberaba as disputas se acirraram, não só na cidade como também na região. Nesse momento ficou visível o confronto entre o grupo da elite, ou seja, dos “coronéis” e seus aliados, que dominava o poder econômico e o grupo da oposição, que representava os que vinham das outras classes que emergiam, tanto na economia quanto na política, entre eles os comerciantes e os profissionais liberais, que também desejavam uma representação no poder, através da eleição de vereadores que defendessem seus interesses.

Com isso, o que se viu após a Revolução de 1930 foi um embate muito maior entre o novo regime e o velho, ocorrendo naturalmente uma relação conflituosa, embora isso não tenha sido registrado nos documentos oficiais consultados. O que é possível observar em documentos e jornais da época é que essas mudanças no governo municipal foram pacíficas e a impressão que se tem é que elas foram bem aceitas, tanto pelo grupo dominante, quanto pelos grupos opositores e pela população em geral.

O conflito pelo poder emerge quando confrontamos os registros com os depoimentos de pessoas que presenciaram os acontecimentos e a escolha dos vereadores que comporiam a nova Câmara Municipal instalada em 1936. Algumas falas tornam evidentes os interesses diferenciados e as disputas entre o grupo que detinha o poder e os outros grupos que também almejavam o acesso ao poder político.

Esse conflito sempre foi uma constante em Uberaba na época de eleições, onde, antes de 1930, as fraudes e manipulações eleitorais eram frequentes. Segundo Ferreira:¹⁰¹

Em Uberaba, nos últimos annos, nunca houve uma eleição livre; sempre, de envolta com assassinatos e espancamentos covardes e traiçoeiros, sempre campeou a mais desbragada immoralidade, a mais páfida corrupção nos pleitos eleitorais; a arma dos chefes “políticos” uberabenses, excepção feita de alguns poucos e raríssimos, desses chefes de bobagem, cretinos e idiotas, cuja única aptidão é saberem ser mandões, foram sempre a violência, a carabina, as ameaças, o suborno, a compra de votos, a traição, as actas falsas, o ignobil e despresivel soldado nas secções a garantir as suas torpezas.

A manipulação dos votos era uma realidade não só em Uberaba como também em todo o país durante a República Oligárquica. No entanto, mesmo após a Revolução de 1930, os grupos políticos tanto opositores quanto da situação tentaram eleger seus representantes para os cargos de vereadores assim como também para o cargo de prefeito. E com isso cada grupo trabalhou para sair vitorioso nas eleições, fazendo alianças com políticos aliados e até mesmo com os descontentes com a política uberabense.

Essa união de políticos e de grupos em torno de um candidato, que no caso foi Whady Nassif, ficou evidente na fala de Lúcia:¹⁰²

Meu pai, o Dr. Olavo, apoiou o Dr. Whady, em sua candidatura a Prefeito de Uberaba. Ele trabalhou muito junto aos outros vereadores para que ele ganhasse. Por isso ele foi escolhido pelos vereadores para ser o Prefeito.

O mundo do historiador, assim como o mundo do cientista não é uma cópia fotográfica do mundo real, mas antes um modelo funcional que lhe possibilita mais ou menos eficazmente compreendê-lo e dominá-lo. O historiador filtra da experiência do passado, ou do tanto de experiência que lhe é acessível, aquela parte que ele reconhece como sujeita a explicação e interpretação racional e dela tira conclusões que podem servir como guia de ação. E enveredando pela história local, no caso, a uberabense, tento compreender o momento histórico em que assumiu o poder municipal um novo personagem, que se diferenciava dos anteriores que haviam ocupado esse cargo administrativo, Whady José Nassif.

¹⁰¹ FERREIRA, Orlando. **Terra Madrasta** - Um povo infeliz. Op. Cit. p.135.

¹⁰² Depoimento de Lúcia de Oliveira Souza, no dia 24/07/2002, em Uberaba – MG.

1.6. As eleições de 1936 e o surgimento de novas figuras políticas

As eleições após 1930 passaram a seguir as regras do novo Código Eleitoral, criado em 1932, durante o Governo Provisório de Getúlio Vargas, que introduziu quatro importantes modificações na vida eleitoral brasileira. Primeiro, criou-se a Justiça Eleitoral; depois, introduziu-se pela primeira vez a exigência de registro dos candidatos ao pleito; passou-se também a garantir a independência do eleitor ao proteger o segredo do voto; e por fim o alistamento passou a ser iniciativa do eleitor, feito pelos chefes de repartição pública ou empresas. A partir de então o eleitor passou a receber o título com fotografia.¹⁰³

O Código introduziu também o sistema proporcional misto para a eleição da Câmara dos Deputados, substituindo o sistema distrital com voto cumulativo. Os nomes dos candidatos deviam ser impressos ou datilografados numa lista. Na apuração se privilegiava o primeiro nome da lista. Os votos que encabeçavam cada cédula eram somados para obter-se a votação final de cada partido. Por este código foram realizadas as eleições de 1933 e 1934. Nessa última, uma parte dos deputados foi eleita pelas associações profissionais. A outra pelo voto popular.¹⁰⁴

Especificamente nas eleições para o cargo de vereadores em 1936, a elite uberabense queria assumir mais uma vez o controle da Câmara, elegendo apenas seus representantes; mas no Distrito de Conceição das Alagoas, outro quadro de disputas se desenrolou, fugindo ao controle dos dirigentes tradicionais.

Um dos grupos que disputavam as eleições no Distrito de Conceição das Alagoas e que tinha em seu quadro alguns imigrantes libaneses e descendentes, os quais se dedicavam às atividades comerciais de significativa expressão, conseguiu eleger um vereador, o Dr. Whady José Nassif. Outro grupo que também conseguiu eleger um representante foi o ligado aos profissionais liberais, que era formado pelos médicos, farmacêuticos e outros autônomos que se juntaram a eles, para colocar o Dr. Olavo da Silva Oliveira no cargo de vereador. Começaram a surgir, assim, novas representações,

¹⁰³ PINSKY, Jaime E, Carla Bassanezi (Orgs.) **História da Cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 535-536.

¹⁰⁴ Idem, p. 536.

de grupos diferenciados, na nova Câmara Municipal, que se estabeleceu na cidade de Uberaba. Isso se diferenciava das situações anteriores, onde predominavam na Câmara uma maioria de representantes dos fazendeiros locais ou de aliados políticos.

O grupo social que se fazia representar na figura de Whady José Nassif era o dos imigrantes libaneses ligados ao comércio. Para eles a busca pela representação política significava a oportunidade de defender seus interesses, para garantir melhores condições de vida e trabalho para a colônia, já que a política governamental visava desenvolver o país e também o setor comercial e industrial, em que a maioria dos imigrantes libaneses atuava. E o grupo que era representado pelo Dr. Olavo também buscava uma melhoria nas condições de vida da população, assim como também uma valorização do seu trabalho através da defesa de seus interesses profissionais.

E essa representação, que surgiu dos comerciantes libaneses na figura de Whady José Nassif, é segundo Bourdieu a escolha por um grupo de *um porta-voz dotado do pleno poder de falar e de agir em nome do grupo*,¹⁰⁵ que até o momento não tinha tido condições de se fazer representar a nível político e defender seus interesses. Isso explica *a própria ambigüidade da luta política, esse combate por idéias e ideais que é ao mesmo tempo um combate por poderes e, quer se queira, quer não, por privilégios, está na origem da contradição que obsidia todos os empreendimentos políticos ordenados com vista à subversão da ordem estabelecida...*¹⁰⁶

Pode-se constatar, portanto, que por trás da aparente aceitação da nova forma de se fazer política segundo os ditames do novo regime de governo, existia ainda um controle dos grupos locais sobre a população, já que estava em suas mãos o controle de parte da economia local. Quanto aos poderes políticos, eram controlados pelos representantes do governo federal vigente, muitos deles oriundos dos antigos setores dominantes da sociedade local que se colocaram em posição de apoio ao novo regime, como uma forma de ainda manter o poder político.

Na situação que se configurou, as novas lideranças que surgiam não podiam ser ignoradas pelo grupo dominante, pois representaria uma não-aceitação das novas regras

¹⁰⁵ BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Op. Cit. p. 158.

¹⁰⁶ Idem, p. 202.

políticas implantadas, colocando os “coronéis” contra o governo estadual e federal, o que não se desejava em Minas Gerais. Em São Paulo, porém, a resistência às novas diretrizes políticas levaram o Estado a se levantar em armas na Revolução de 1932.

Pesavento¹⁰⁷ constata que ocorreu situação semelhante no Rio Grande do Sul nesse período em seu estudo sobre o imigrante na política:

...ocorreu uma perda relativa de poder das elites agrárias, que, enfraquecidas economicamente, procuraram legitimar-se na busca de novas alianças. No contexto regional gaúcho, os pecuaristas, para fortalecerem-se no poder, procuraram o apoio daqueles setores que estavam demonstrando vitalidade. Por outro lado, muitos homens de negócios, industriais e comerciantes, assim como profissionais liberais, que se interessavam por estabilidade, paz e favores do governo, voltaram-se para o partido do interventor. Com a República Nova, inaugurou-se o voto secreto e com ele tornou-se mais importante ainda captar a adesão das massas imigrantes, rurais e citadinas. Assim, é possível observar a intensa atividade política que percorreu os municípios das comunidades de imigrantes, visando o seu engajamento naqueles partidos que disputavam os votos, especialmente nas eleições posteriores a 1930.

Foi nesse contexto político regional, em que cada grupo representado - o dos dominantes que pretendiam ainda continuar a ditar as regras do jogo, apesar de tudo, e o dos que pretendiam também o acesso ao poder e aos cargos públicos que anteriormente lhes eram inacessíveis - que ocorreram as eleições de 1936 para os cargos de vereadores na cidade de Uberaba.

Esse contexto regional era a extensão de outro, que se desenrolava nacionalmente, e que começara a se formar na República Velha. Segundo ainda Pesavento:¹⁰⁸

Da parte do poder, constituído desde o período imperial, a massa de eleitores coloniais representava uma reserva de eleitores que devia ser cooptada para apoiar o governo, dotando-o de legitimidade. Pesava a favor dos imigrantes o fato de representarem um setor econômico dinâmico e em expansão. Todavia, eram os “sócios menores”, cujos interesses deveriam ser considerados, sem que, contudo, atingissem a mecanismos decisórios de poder. Pelo lado dos imigrantes, à medida que um setor foi acumulando capital e se destacando da

¹⁰⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. O Imigrante na Política Rio-Grandense. In: **RS:Imigração e Colonização** (por) Aldair Marli Lando (et. Al.) Org. José H. Dacanal e Sergius Gonzaga. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 186-188.

¹⁰⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. O Imigrante na Política Rio-Grandense. Op. Cit. p. 156-194.

sociedade colonial – comércio, indústria, banco – optou pelo apoio ao governo como forma mais vantajosa de verem atendidas suas reivindicações. ... Por outro lado, seus interesses econômicos deveriam ser considerados, e, na medida do possível, atendidos pela facção da classe dominante agropecuarista no poder.

Os dominados, entre eles os imigrantes, se aproveitaram do momento em que as oligarquias se encontravam um pouco enfraquecidas, nas eleições de 1936, e se juntaram para fazer frente aos que há muito detinham o poder local em suas mãos. Isso explica a vitória de Whady José Nassif e de Olavo da Silva Oliveira aos cargos de vereadores pelo Distrito de Conceição das Alagoas, pois contaram com o apoio das pessoas que desejavam mudanças na estrutura política local e regional, pois, até então o Distrito elegera apenas um representante, segundo depoimento de um morador.¹⁰⁹

Os vereadores eleitos eram pessoas que tinham profissões de destaque, Whady era advogado e Olavo era médico; eram também muito queridas e a população via neles a possibilidade de melhorias para o Distrito; daí a votação expressiva que os dois receberam na ocasião. Eram também pessoas com idéias novas, que representavam as novas classes sociais que estavam surgindo no cenário local e que defendiam as posições políticas do regime que se implantava, o que facilitaria obter apoio para os projetos de melhorias para a coletividade. Whady Nassif representava o setor comercial e imigrante e o Olavo da Silva os profissionais liberais, que segundo relato de sua filha¹¹⁰ tinha muita influência junto à população do Distrito. Ambos eram novatos na política, mas defendiam idéias de progresso que se enquadravam tanto nos anseios do novo regime quanto da população.

Com o golpe de Getúlio Vargas e a implantação do Estado Novo, em 1937, a Câmara Municipal teve que dar início aos seus trabalhos sob o regime ditatorial. Os vereadores tiveram que ser empossados para que fosse escolhido dentre eles o nome do novo representante do Poder Executivo, o futuro Prefeito da cidade. Com isso, entre a eleição dos vereadores e a posse dos mesmos na Câmara, passou-se um ano, não havendo registros do porquê dessa demora em empossar os eleitos.

¹⁰⁹ Senhor Antonio Oliveira Souza, Juiz de Paz de Conceição das Alagoas, em entrevista concedida no dia 08/09/2000, em Conceição das Alagoas - MG:

“Nessa época foram eleitos dois vereadores, o Whady que era advogado e o Dr. Olavo que era médico e farmacêutico, antes só conseguiram eleger o Helvécio Prata, que era um fazendeiro muito bem quisto pelo povo. E o Dr. Olavo depois o apoiou na sua candidatura a Prefeito.”

¹¹⁰ Depoimento da senhora Lúcia de Oliveira Souza, em 24/07/2002, em Uberaba - MG.

Em outras localidades mineiras, a implantação de novas mudanças pós 1937 e a nomeação dos chefes do Executivo, como por exemplo, em Juiz de Fora, ocorreram de forma semelhante. No entanto, cada cidade viveu situação diversa com relação aos grupos políticos locais e ao acesso ao poder municipal.¹¹¹

Essa situação - a eleição de vereadores, a demora na posse e escolha do chefe do Executivo - tem sua explicação na implantação do Estado Novo e na própria Constituição de 1937, pois segundo Fausto:¹¹²

Uma leitura superficial da Carta de 1937 não nos daria a chave do Estado Novo. O segredo estava nas “disposições finais e transitórias”. O presidente da República aí recebia poderes para confirmar ou não o mandato dos governadores eleitos, nomeando interventores nos casos de não-confirmação. A Constituição entrava em vigor imediatamente e devia ser submetida a um plebiscito nacional. O Parlamento, as Assembléias Estaduais e as Câmaras Municipais eram dissolvidas, devendo realizar-se eleições para o Parlamento somente depois do plebiscito. Enquanto isso, o presidente tinha o poder de expedir decretos-lei em todas as matérias de responsabilidade do governo federal.

Na realidade, o presidente ficaria durante todo o Estado Novo com o poder de governar através de decretos-lei, pois não se realizaram nem o plebiscito nem as eleições para o Parlamento. Os governadores dos Estados se transformaram em interventores e na maioria dos casos foram substituídos.

De um modo geral, porém, nos maiores Estados algum setor da oligarquia regional foi contemplado. Em Minas Gerais, Benedito Valadares permaneceu no poder.

O que ocorreu em Minas Gerais, com a manutenção de Benedito Valadares no poder estadual, já que era governador eleito e se tornou Interventor, foi o reconhecimento oficial dos escolhidos pelo povo para as Câmaras Municipais em 1936 e sua posse um ano depois.

¹¹¹ OLIVEIRA, Paulino de. **História de Juiz de Fora**. 2 ed. Juiz de Fora, 1966, p. 245-257, 272-298.

¹¹² FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 4 ed. São Paulo: USP. Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1996, p. 365-366.

Capítulo II

Política Municipal no Estado Novo – Práticas e Representações

2.1. A escolha e a posse do Prefeito

Um ano depois de ter sido eleito vereador Nassif se candidatou ao cargo de Prefeito da cidade de Uberaba. Nessa época as eleições do administrador do Município era competência dos vereadores que compunham a Câmara Municipal.

Embora os vereadores tenham sido eleitos em julho de 1936, a posse acabou ocorrendo somente em julho de 1937, quando começaram efetivamente os trabalhos da Câmara Municipal. Só então foi realizada a eleição e posse do prefeito, no dia 23 de julho de 1937. Mais um tempo ainda se passou até que fosse confirmado no cargo pelo governador-interventor mineiro, Benedito Valadares, em 12 de novembro de 1937.¹¹³ Nassif administrou a cidade de julho até novembro como Prefeito eleito e depois como Prefeito Interventor.



Figura 5. Prefeitura Municipal de Uberaba, eleição do prefeito Whady José Nassif em 23 de julho de 1937. Referência: Acervo da família Nassif.

¹¹³ A confirmação do nome do Sr. Dr. Whady José Nassif no cargo de Prefeito do Município de Uberaba, através da sua nomeação oficial pelo Sr. Dr. Benedito Valadares Ribeiro, governador-interventor de Minas Gerais, em ato oficial do dia 12/11/1937, foi manchete de primeira página do jornal *Lavoura e Comércio*, do dia 14/11/1937.

O cargo de Prefeito Municipal fora criado recentemente por ato do Governo Federal, em 1934, na Constituição. Embora o Agente Executivo que anteriormente administrava o município desempenhasse as mesmas funções atribuídas ao Prefeito, havia uma diferença fundamental: o Prefeito fora escolhido pelos vereadores, representantes dos diversos grupos da cidade e região, mas seu nome tivera que ser aprovado pelo Interventor Estadual, o que colocava em suas mãos o direito de acatar a escolha ou rejeitá-la, colocando a vontade do povo dependente do interesse ou do agrado do Interventor.

Anteriormente a cidade estava sendo administrada pelo Agente Executivo Dr. Guilherme de Oliveira Ferreira, cuja nomeação fora um ato do Interventor mineiro, autorizado pelo Decreto do Poder Executivo, número 19.398, de 11 de novembro de 1930, o qual dissolvera não só o Congresso Nacional, como também as Assembléias Legislativas dos Estados, Câmaras ou Assembléias Municipais e quaisquer outros órgãos legislativos ou deliberativos existentes nos Estados, Municípios, Distrito Federal. No Art. 11, § 4º, o Decreto estabelecia que deveria ser nomeado um Agente Executivo para cada município, o qual exerceria as funções executivas e legislativas. Simultaneamente, por meio do Decreto 20.348 de 29 de agosto de 1931, foram criados Conselhos Consultivos Municipais, que desempenhavam o papel das Câmaras e apoiavam o administrador local.¹¹⁴

Até então, o Agente Executivo era, geralmente, um vereador escolhido para a Presidência da Câmara que assumia o cargo e tornava-se o administrador municipal. Ele acumulava os cargos de representante do Legislativo e do Executivo, enquanto o cargo de Prefeito supunha uma escolha dos vereadores diretamente para o cargo. Mas o decreto que criou o cargo, previa também a extinção das próprias Câmaras e sua substituição pelos Conselhos Consultivos. Esses conselhos acabaram não sendo criados e o Prefeito governou sozinho, auxiliado pelos funcionários administrativos da Prefeitura. O povo ficou sem representação no Poder Legislativo.

O Prefeito Whady Nassif governou como prefeito eleito de julho até novembro, depois de sua confirmação como prefeito nomeado teve que seguir as regras impostas

¹¹⁴ Entretanto não foi encontrada documentação referente à existência desses Conselhos Consultivos em Uberaba.

pela Constituição de 1937 que, por sua vez, lhe restringia as ações. Dessa forma ele ficou submetido ao regime e não mais à mercê dos grupos de poder local, que tiveram seus interesses colocados de lado em vários momentos. Além disso, segundo um jornal local, o Prefeito procurava conversar com os moradores da cidade e dos distritos, tentando verificar o que eles esperavam com relação à sua administração, de forma que a população pôde se manifestar diretamente e falar sobre seus problemas.

Isso fica claro em trecho de uma reportagem do Jornal O Para-Fuso:¹¹⁵

... “para a confiante locomoção e amplo desenvolvimento econômico do município, fez muito bem o Dr. Prefeito Municipal andar a ver o que sentem os habitantes dos distritos e dos sub-distritos, em matéria de amparo do governo municipal.

Perfeitamente identificado com o Estado Novo, o Dr. Whady há de estar fazendo essas viagens com o intuito preconcebido e patriótico de dar aos uberabenses distritais o mesmo conforto e o mesmo amparo amigo que os nossos conterrâneos cidadãos merecem.”

Foucault dizia que existe “*uma intrínseca relação entre as palavras e as coisas,*”¹¹⁶ assim como existem as palavras e como elas se ligam às coisas. E afirmava também que “*o desejo é uma força interna, que move a ação das pessoas.*”¹¹⁷ Pode ter sido isso que fez com que Whady Nassif se candidatasse ao cargo de prefeito e nele permanecesse por seis anos. O que o moveu pode ter sido o desejo de mudar a realidade política e administrativa da cidade, ir além das promessas de campanha e torná-las ações reais. Ele também queria fazer algo para a coletividade, algo que não tinha sido feito antes. E esse desejo, aliado ao projeto de mudanças implantado pela política de Vargas e do Interventor mineiro, possibilitou à sua administração realizar mudanças significativas na estrutura da cidade, no período em que esteve à frente da Prefeitura de Uberaba.

As mudanças realizadas não foram todas aceitas e algumas foram questionadas por alguns grupos locais que não as desejavam, como os “coronéis”. A aceitação das reformas implicaria em uma mudança na visão que a população tinha do governo local e

¹¹⁵ Jornal O PARA-FUSO, Uberaba, nº 110, 25/06/1938. Primeira página. Esse jornal começou a circular em 20/01/1935, mas não foram encontrados mais dados sobre até quando ele circulou, tem exemplares até 1945 no Arquivo Público de Uberaba, embora não sejam sequenciais.

¹¹⁶ FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. 9 ed. Martins Fontes, 2002.

¹¹⁷ FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 5 ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1999, p.7.

da capacidade que o novo prefeito teria para realizá-las, pois embora o mesmo grupo político tivesse dominado o poder local por tantos anos, não conseguiu fazer as melhorias desejadas pela população. E justamente um prefeito nomeado por um ditador foi quem realizou as mudanças.

Aliado a essa questão local, certamente foi considerado pelos opositores do prefeito o fato de que muitos imigrantes e seus descendentes, que se fizeram capitalistas no período e acumularam riqueza graças às atividades comerciais e agrícolas, tinham se transformado em colaboradores do desenvolvimento econômico e político do país. Fato este que foi explorado pelo Governo Vargas, após a implantação da ditadura em 1937.

Como afirma Vianna:

“foi o caso também de São Paulo... onde numerosos italianos, alemães, sírio-libaneses, e descendentes estavam perfeitamente integrados à comunhão brasileira, sendo muitos deles membros do Congresso Nacional e das Assembléias Legislativas estaduais, além de efetivos participantes do governo da União, dos Estados e Municípios, inclusive Ministros de Estado.”¹¹⁸

Essa particularidade de terem na administração local um representante do setor comercial e dos imigrantes, que estava realizando mudanças visíveis e bem aceitas pela população, começou a criar na elite um ressentimento pelo fato de ter permitido o acesso ao poder de um grupo que sempre esteve alijado do mesmo. Esse ressentimento foi crescendo à medida que o prefeito se aproximava cada vez mais da política de Vargas e conseguia captar recursos para fazer as melhorias na cidade, o que lhe rendia o apoio da população à sua administração.

2.2. As Representações no Estado Novo

Na tentativa de entender essa nova representação política que surgiu no âmbito dos municípios, é que buscamos as relações que existiram e as tensões que a constituíram, na formação social e política daquele momento, em que grupos se confrontaram e ao mesmo tempo produziram representações diferenciadas, que revelam novos aspectos da história da cidade. Naquele contexto, a elite pecuarista, embora ainda

¹¹⁸ VIANNA, Hélio. **História do Brasil**. 14 ed. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1980, Cap. 74, p. 615.

detivesse poder, se via de certa forma cerceada em suas ações, devido à peculiaridade do regime autoritário instalado no país. O novo prefeito não poderia ser influenciado pelos grupos locais em virtude do fato de estar submetido às determinações do Interventor Estadual e da legislação que se criou e que estabelecia suas ações como administrador.

Chartier, ao discutir as representações do mundo social, afirma que:

*A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. E as representações do mundo social assim construídas,... são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam.*¹¹⁹

Refletindo sobre o conceito de representação, conforme Chartier, verificamos que as representações não são discursos neutros, ao contrário, elas produzem estratégicas e práticas, que refletem escolhas e que também legitimam uma situação, que pode ser social, política e até educacional. E para que essas escolhas se efetivem há sempre um embate com outras representações que, num campo de competição, se desafiam e demonstram sua força e seu poder de dominação, umas em relação às outras.

As representações coletivas, segundo Ansart,¹²⁰ são criações de toda sociedade, seja ela liberal ou ditatorial, já que através delas a sociedade expressa as suas necessidades e os seus objetivos. Ao produzir sistemas de representações, a sociedade fixa suas normas e seus valores, e *cria todo um conjunto coordenado de representações, um imaginário através do qual ela se reproduz e que designa em particular o grupo a ele próprio, distribui as identidades e os papéis, expressa as necessidades coletivas e os fins a alcançar.*¹²¹

O grupo que ascendera ao poder em 1930, no Brasil, também criara novas representações que acabaram se tornando mais expressivas com a ditadura imposta em 1937. E uma delas foi a que afetou a estrutura administrativa municipal, com a criação

¹¹⁹ CHARTIER, Roger. **História Cultural**. Entre Práticas e Representações. Introdução. Lisboa: DIFEL. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, p. 17.

¹²⁰ ANSART, Pierre. Os Imaginários Sociais. In: **Ideologias, Conflitos e Poder**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 21 e 22.

¹²¹ ANSART, Pierre. Op. Cit.

da figura do Prefeito, novo representante do poder local, constituído por meio de escolha indireta e posterior nomeação do Interventor Estadual. Essa representação do controle social que se efetivou no período do Estado Novo, resultou de uma tentativa do Poder Executivo Municipal, de controlar a administração, o que já vinha ocorrendo desde a Revolução de 1930, quando Getúlio Vargas assumiu o poder. O controle exercido pelo poder central se intensificou após o golpe de 1937.

Segundo Pomar:

Essa política foi marcada pela implantação de um regime totalitário, onde com um decreto, Getúlio cassou todos os parlamentares, depôs governadores e investiu-se no poder de nomear e destituir interventores – o que, em alguns casos, aconteceu com um simples telegrama. O poder político dos estados foi liquidado. A queima pública das bandeiras estaduais, em 1938, representou o ato mais simbólico da transformação do governo central em expressão única da unidade nacional. Só os órgãos federais presentes nos estados passaram a ter poder para intervir sobre os desequilíbrios regionais e incentivar novas forças econômicas.¹²²

Essa política criada por Getúlio Vargas foi colocada em prática após a Revolução de 1930 e ganhou legitimidade através da Constituição de 1937, que referendou a implantação do regime ditatorial imposto neste período no Brasil. Mas, anterior à Constituição, o Decreto nº 19.398, de 11 de novembro de 1930, em seu Art. 11, inciso 4º, já extinguiu o poder legislativo municipal; a partir dessa data o Chefe do Executivo passaria a denominar-se Prefeito e a ser nomeado pelo Interventor do Estado.¹²³

O decreto que instituiu o Governo Provisório não deixava lugar a dúvidas: o poder triunfante das armas entrava a exercer discricionariamente, em toda a sua plenitude, as funções e atribuições não só do Poder Executivo, senão também do Poder Legislativo, já que confirmava a dissolução do Congresso Nacional, das Assembléias Legislativas Estaduais, quaisquer que fossem as suas denominações, bem como de todas as Câmaras Municipais, ao mesmo passo que suspendia as garantias constitucionais e

¹²² POMAR, Wladimir. **Era Vargas** – A Modernização Conservadora. 2 ed. São Paulo: Ática, 1999, p. 19.

¹²³ Arquivo Público Municipal de Uberaba, livreto: **Administração Pública Municipal de Uberaba – 1937 – 1992. Galeria dos Ex-Prefeitos**, pp. 5, 14 e 18. Esses dados também constam do livro: **História dos Prefeitos de Uberaba**, p. 14, e que também faz parte do acervo do Arquivo Público Municipal de Uberaba.

excluía da apreciação judicial os decretos e atos do Governo Provisório ou dos interventores federais, praticados na conformidade daquele diploma de força e de exceção. Esse decreto, como um diploma de força e exceção, não considerava e até mesmo passava por cima da própria lei, na figura do Poder Judiciário, como também prescindia do Poder Legislativo e Executivo, que eram órgãos representativos da população, mesmo quando estes eram escolhidos de maneira indireta pela população. Coroando esse poder ditatorial, o mesmo decreto impunha a vigência da Constituição Federal e das Constituições Estaduais sujeitas às modificações e restrições estabelecidas por aquele Ato. Com isso o próprio decreto transferia ao Presidente da República todo o poder constituído, e até mesmo a própria legislação se tornou refém da vontade de Getúlio Vargas.

Podemos observar, então, que, em 1930, Vargas já tinha como objetivo assumir o controle de toda a máquina estatal, por isso já estava se preparando, inclusive criando algumas normas legais para colocar em prática seus projetos ditatoriais. Esse decreto, porém, só foi colocado em prática na cidade de Uberaba em 1937, pois a Constituição de 1934 não estabeleceu com clareza quais seriam as funções específicas do Prefeito e da Câmara. Ao reconstitucionalizar a Nação, a Constituição de 1937 estabeleceu para a administração municipal, em seu Art. 14, dois poderes governantes: o Executivo a ser exercido pelo Prefeito e o Legislativo pela Câmara de Vereadores.

Em Uberaba os registros documentais falam da instalação da Câmara apenas em julho de 1937. Apesar da Constituição de 1934 em seu Art. 13, inciso 1, admitir a possibilidade da eleição indireta do Prefeito, isto somente ocorreu em 23 de julho de 1937, quando o Dr. Whady José Nassif foi eleito, após a escolha de seu nome pela Mesa da Câmara Municipal, instalada para esse fim.¹²⁴

A escolha do nome do Prefeito, que seria submetido à posterior nomeação do Interventor estadual, foi realizada após a elaboração e a discussão do projeto do Regimento Interno da Mesa da Câmara, e depois foi aprovada pelos vereadores que haviam sido eleitos em 1936, na cidade de Uberaba e nos distritos do município.

¹²⁴ Arquivo Público Municipal de Uberaba. “**O Poder Legislativo Municipal Através do Tempo**”. Edição Comemorativa de 161 Anos. Editado pela Câmara Municipal e o Arquivo Público Municipal de Uberaba. Uberaba: 1998. p. 20

Houve um atraso no início dos trabalhos, que só começaram na reunião do dia 12 de junho de 1937, quando os vereadores eleitos se reuniram pela primeira vez. Nessa reunião, não conseguiram eleger a Mesa da Câmara e nem o Prefeito porque não houve “quorum” suficiente.¹²⁵ Foram necessárias ainda mais três reuniões e somente no dia 23 de julho de 1937 é que foram escolhidos os vereadores que ocuparam os cargos de Presidente da Câmara, João Machado Borges; de 1º Secretário, Jorge Antônio Frange; de 2º Secretário, João Ferreira Rosa; e de Prefeito, Whady José Nassif, com 10 votos.¹²⁶ A posse do prefeito eleito pela Câmara, embora ainda não nomeado oficialmente pelo Interventor estadual, na época Benedito Valadares, ocorreu no mesmo dia da escolha de seu nome pelos vereadores.

O projeto do Regimento Interno da Câmara Municipal e o estabelecimento das normas que regulamentariam as novas atribuições, tanto dos vereadores quanto dos prefeitos a serem escolhidos a partir daquela data, apesar de aprovado em julho de 1937, somente seriam concluídos na reunião do dia 14 de setembro de 1937.¹²⁷

Existia uma expectativa tanto da população quanto dos grupos políticos com relação à escolha e a posse do prefeito da cidade. A população desejava alguém que administrasse a cidade de maneira mais honesta e que fizesse melhorias na infraestrutura, assim como o próprio grupo político que encampou as propostas do Estado, incluindo o Prefeito eleito.

A elite desejava alguém que fosse aceito pelo Interventor, que pudesse ser manipulado de acordo com seus interesses e que fosse capaz de realizar as mudanças que se faziam necessárias na cidade, mas que representasse também as novas aspirações políticas do momento.

Essa expectativa ficou evidente quando o resultado da eleição foi manchete de primeira página em um dos jornais diários de Uberaba, no dia 24 de julho de 1937:

¹²⁵ Conforme registros de Pastas do Arquivo Público Municipal de Uberaba contendo as Atas da Câmara Municipal, do período de 1941 a 1943, p. 4 a 6, atas das reuniões dos dias 12/06, 24/06, 09/07.

¹²⁶ Pastas do Arquivo Público, Op. Cit, reunião do dia 23/07/1937, p. 4 a 6.

¹²⁷ Pastas do Arquivo Público, Op. Cit, reuniões dos dias 03/08, 25/08, 26/08, 27/08 e 14/09/1937.

A primeira página do Lavoura e Comércio é integralmente dedicada à constitucionalização do município de Uberaba, ocorrida no dia anterior. Até então, a cidade era administrada pelo interventor Menelick de Carvalho, nomeado pelo interventor estadual Benedito Valadares. Ele assumira a Prefeitura no dia 7 de dezembro de 1936, em razão dos impasses surgidos na eleição que se realizara dia 7 de junho daquele ano. A Câmara Municipal é instalada, elege e dá posse então, a um de seus vereadores – Whady José Nassif – como prefeito de Uberaba. Eram vereadores: Fidélis Reis, Boulanger Pucci, João Ferreira Rosa, Emerenciano Ferreira Junqueira e Whady José Nassif (pela Aliança dos Partidos), João Machado Borges, Augusto Borges de Araújo, Olavo da Silva Oliveira, Alberto de Oliveira Ferreira, Jorge Antônio Frange (do Partido Progressista). Com a eleição de Nassif, assumiu seu lugar na Câmara, o suplente Carlos Gabriel de Carvalho.¹²⁸

Embora Whady, como vereador, fosse representante de um pequeno Distrito da cidade de Uberaba, conseguiu congregiar em torno de si muitos aliados à sua candidatura ao cargo de prefeito.¹²⁹ Isso explica a sua votação expressiva, já que foi eleito com os votos de todos os vereadores, ou seja, recebeu 10 votos, segundo consta na ata da sessão que o elegeu.¹³⁰ Isso também não deixou de ser uma demonstração de que as novas figuras políticas que surgiam na cidade e região, até certo ponto eram bem aceitas pela coletividade e pelos grupos políticos mais tradicionais. As novas figuras políticas, que vinham dos setores comercial e profissional liberal, estavam engajadas na proposta do novo regime e a elite via nisso a possibilidade de agradar ao regime e tentar ainda manipular, nos bastidores, os novos eleitos.

A unanimidade na escolha de seu nome pode também ser explicada como resultado de um trabalho político junto aos vereadores dos setores da oposição, mas também como uma constatação de que, no momento, seu nome era o mais viável para a situação. Viável porque era uma figura nova no cenário político, pertencente a uma família de certa forma bem vista pela sociedade, o que contribuía para que seu nome fosse bem visto também pelo Interventor mineiro.

¹²⁸ LAVOURA E COMÉRCIO – **Caderno Especial – Nossa História: 1932-1942**. Uberaba. Encarte do jornal do dia 13 de dezembro de 1999, p. 6 (Edição comemorativa dos 100 anos do jornal Lavoura e Comércio).

¹²⁹ Esse apoio foi confirmado por uma entrevista realizada no dia 24/07/2002, com a senhora Lúcia de Oliveira Souza, cunhada de Whady Nassif, em Uberaba. Na ocasião a senhora Lúcia afirmou que:

“Meu pai, o Dr. Olavo, que era também vereador por Conceição junto com o Whady, apoiou sua candidatura a prefeito de Uberaba e inclusive trabalhou para sua eleição”.

Isso demonstra o apoio vinculado a uma expectativa de que conseguisse melhorias para o Distrito que representava e também para a cidade.

¹³⁰ Atas da Câmara. Arquivo Público. Op. Cit.

Quanto a este aspecto se observarmos que o novo regime queria mudanças, retirando as oligarquias do poder, constatamos que o nome de um advogado recém-formado, vereador pela primeira vez e aparentemente não ligado aos grupos tradicionais, teria mais chance de ser aceito pelo Interventor, o que afinal acabou ocorrendo. Ele era também uma nova figura que surgira na política e que não tinha vínculos diretos com as oligarquias, que anteriormente dominavam o cenário político local e que, pelo projeto do governo federal, deveriam ser afastadas do poder.

Segundo Carvalho:¹³¹

... o regime autoritário desenvolveu uma ideologia segundo a qual Estado e nação constituíam uma unidade indissolúvel que dispensava os mecanismos de representação. E especialmente a oligárquica.

Além do mais tinha também a seu favor uma boa formação profissional, era Doutor em Direito, se graduara em uma universidade do Rio de Janeiro e trabalhara como advogado na região. Sem falar no aspecto moral, que contava com boas vantagens, considerado por muitas pessoas como íntegro, religioso e católico; “cavalheiro de fino trato, de honestidade inatacável”.¹³²

E o mais importante não era uma pessoa que se posicionara contra o regime estabelecido. Ao contrário, suas idéias iam de encontro ao grupo, que assumira o poder em 1930, sua formação e suas qualidades correspondiam ao perfil desejado pelo regime imposto por Getúlio Vargas, afinado ao projeto do Estado Novo. Novas figuras eram desejadas em substituição às que existiam, o que facilitou a sua nomeação.

2.3. A Administração Municipal no Contexto do Estado Novo.

Apesar de eleito e de já estar empossado, o prefeito Whady Nassif, assim como também os membros da Câmara Municipal, tiveram suas ações regulamentadas e reconhecidas por meio do Decreto-Lei nº 11. Expedido pelo Estado de Minas Gerais, na

¹³¹ CARVALHO, José Murilo de. **Pontos e bordados**: escritos de história e política. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 257, 258, 259.

¹³² **Livro comemorativo da inauguração da ABCZ e do Parque Fernando Costa**. Arquivo Público de Uberaba. Maio de 1941, p. 3. Expressão utilizada para definir o Prefeito, em cuja gestão fora inaugurada a sede da entidade pecuarista e onde passaram a serem realizadas exposições anuais de gado zebu.

figura do Interventor Benedito Valadares, o referido decreto, que passou a vigorar em 13 de Dezembro de 1937, regulamentava a organização dos municípios.¹³³ Posteriormente também tiveram que seguir as determinações do Decreto-Lei nº 1202, de 08 de Abril de 1939,¹³⁴ decreto federal que também dispunha sobre a administração dos estados e municípios. O decreto estadual regulamentava as atribuições dos prefeitos e interventores, dispunha sobre as condições que seriam observadas para as nomeações das pessoas que ocupariam esses cargos, e também especificava o que era permitido e o que era vetado às administrações municipais a partir daquele momento. Os regulamentos não deixavam dúvidas quanto ao controle exercido pelas administrações estadual e federal sobre os prefeitos, ainda que eleitos pelo voto dos representantes locais. O decreto federal estabelecia as normas para a administração de estados e municípios, que os interventores e os prefeitos estavam submetidos às determinações do governo central e que todos os atos dos prefeitos teriam que ter a aprovação dos interventores, que se responsabilizariam, por sua vez, pelos seus atos diante do governo central. Essas determinações federais nortearam o decreto estadual.

A dependência dos prefeitos aos interventores e o sistema de controle sobre as administrações municipais são apresentadas por Leal:

O legislador constituinte de 1937 foi ... inequivocamente antimunicipalista. Não só conservou os departamentos de municipalidades, como reduziu a receita municipal e suprimiu o princípio da eletividade dos prefeitos. As idéias sustentadas havia mais de três lustros pelo Prof. Francisco Campos vinham concretizar-se na Carta Constitucional de que fora o principal redator. Relativamente, porém, ao período do Estado Novo, o que cumpre ao observador examinar não é a letra da Constituição, que nunca chegou a ser aplicada nas partes em que devia atuar o princípio eletivo ou representativo, do qual dependia a organização constitucional dos Estados. Quanto aos Estados e municípios, o que vigorou durante essa fase foi o regime declarado provisório, instituído pelo decreto-lei nº 1202, de 8/04/1939. Culminou aí o sistema da tutela. Não só o município ficou privado de qualquer órgão local representativo... como ainda ficou a sua administração sujeita a um severo sistema de controle, tanto prévio como ulterior. Além dos departamentos de municipalidades, que podiam subsistir, o decreto-lei nº 1202 criou, em cada

¹³³ Livro de Decretos Estaduais. Gerência Geral de Documentação e Informação da Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais. P. 34-42, 102-105. Esse decreto-lei estadual aperfeiçoava um decreto anterior de nº 9.847, de 02 de Fevereiro de 1931, que instituíra as prefeituras e estabeceu as normas para a escolha indireta dos prefeitos e sua nomeação.

¹³⁴ RANGEL, Leyla Castello Branco. **Constituições do Brasil:** de 1824, 1891, 1934, 1937, 1946 e 1967 e suas alterações. Índice Ana Valderéz A. N. de Alencar. Brasília: Senado Federal. Subsecretaria de Edições Técnicas, 1986, p. 225 a 234.

Estado, um Departamento Administrativo, destinado a prestar assistência aos governos estaduais e municipais e exercer controle sobre eles. Esse departamento era, sem dúvida, de certa utilidade para a administração, sobretudo quando nele tinham assento pessoas de experiência administrativa e competência técnica. Sua principal tarefa consistia em dar aprovação prévia a decretos-leis do interventor e dos prefeitos, tarefa em que o departamento exercia controle de legalidade, oportunidade e conveniência. Esse órgão, cujos membros eram de livre nomeação do Presidente da República, deveria funcionar principalmente como instrumento de contraste do interventor. Na prática, porém, as nomeações eram feitas por indicação exclusiva do interventor, que passava a ter no departamento, não um fiscal, mas um aliado¹³⁵

O Decreto Federal entrou em vigor no final de 1937. Logo depois que Whady Nassif assumiu a prefeitura passou a ser um representante de uma nova forma de administração, que aparentemente funcionaria de forma autônoma, mas que estava totalmente sujeita ao controle do interventor do Estado de Minas Gerais.

A partir de 1938, ano em que efetivamente começou a sua administração, Nassif já não contava mais com a Câmara de Vereadores, pois de acordo com a Ata da Sessão Especial da Câmara de Uberaba, do dia 11 de novembro deste ano, ela foi realizada para que os vereadores tomassem conhecimento dos acontecimentos que resultaram na nova Constituição Brasileira, a qual dissolvia novamente as Câmaras Municipais do país. Foi lido um radiograma do senhor Interventor do Estado comunicando a dissolução da Câmara Municipal de Uberaba e ao mesmo tempo agradecendo a todos os senhores vereadores pelos relevantes serviços públicos prestados ao Município. O que parecia um pequeno retorno ao estado democrático, representado pela eleição dos vereadores e da escolha do prefeito, da qual os diversos grupos políticos locais e da região participaram, tinha durado pouco.¹³⁶ Com isso se eliminou também a atuação dos partidos e de seus representantes locais, na figura dos vereadores eleitos.

Isso se explica, segundo Gomes porque:¹³⁷

O projeto político do Estado Novo combatia ainda um terceiro grande erro do liberalismo: o formalismo político, que postulava a existência de contradições doutrinárias e de interesses na sociedade. Negava-se, assim, a idéia de que a democracia fundava-se no dissenso; em contrapartida, afirmava-se a tendência à unidade em todos os aspectos políticos e sociais.

¹³⁵ LEAL, Vítor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1978, p. 92 e 93.

¹³⁶ Folheto: “**O Poder Legislativo Municipal Através do Tempo**”. Op. Cit. p. 21.

¹³⁷ GOMES, Angela Maria de Castro. **A Invenção do Trabalhismo**. Op. Cit. p. 189.

Em primeiro lugar, isto significava o abandono do “velho princípio de separação dos poderes”, que já vinha sendo criticado e transformado pelo conceito germânico de “harmonia de poderes”. Superava-se o falso impasse entre optar por democracias ou ditaduras, na medida em que se abria a possibilidade de existir um Estado forte e democrático através da revitalização do sistema presidencial de governo. O Brasil integrava-se a este projeto de salvação da democracia, convertendo a autoridade do presidente em “autoridade suprema do Estado” e em “órgão de coordenação, direção e iniciativa na vida política”. Em segundo lugar, isto significava a impossibilidade de manutenção dos partidos políticos, que eram exatamente os órgãos de manifestação dos antagonismos sociais. No dizer de Azevedo Amaral, “a democracia nova só comporta um único partido: o partido do Estado, que é também o partido da Nação”. A construção da unidade nacional não comportava a existência de partidos ou facções que impediam a formação de um verdadeiro espírito nacional, alimentando conflitos regionais e setoriais.

O sistema Interventorial do Estado Novo representou um retrocesso no processo político brasileiro, não permitindo nenhum espaço para manifestações locais em prol do município, uma vez que os prefeitos não podiam reconhecer qualquer órgão de representação popular. O que fazia a ligação entre o Presidente e os Interventores Estaduais com o povo era o Prefeito e seus auxiliares na administração, que eram na sua maioria técnicos e não políticos.

O controle sobre os prefeitos, exercido pelos interventores e por meio dos decretos-lei, de origem estadual e federal é, na visão de Bonavides, resultante também do fato de

... ter a Carta de 37 consagrado a independência e a harmonia dos Poderes apenas na aparência, sem real embasamento na realidade da estrutura legislativa e judiciária. ... e a competência dos três Poderes ficou limitada ao centralismo do Executivo e condicionada aos interesses do chefe supremo da administração – o Presidente da República.¹³⁸

Esse controle sobre a administração tanto estadual quanto municipal, por parte do Estado Novo, através dos decretos-leis, constitui um discurso de dominação imposto pelo governo central.

Whady Nassif, apesar de ser um prefeito cerceado em suas ações pelo regime ditatorial, teve uma vantagem sobre seus antecessores, pois, segundo depoimento de

¹³⁸ BONAVIDES, Paulo. **História Constitucional do Brasil**. Paulo Bonavides e Paes de Andrade. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 344 e 345.

Dirce Miziara, sua sobrinha,¹³⁹ ele era conhecido do interventor mineiro Benedito Valadares, que o teria também ajudado a ser nomeado sem restrições. Esse fato ainda explica como ele conseguiu realizar obras de infra-estrutura necessárias na cidade, possíveis apenas graças à liberação de verbas estaduais.

2.4. A administração Whady José Nassif: as teias do poder

Logo que assumiu a prefeitura, Whady Nassif começou a colocar em prática seus projetos para dotar a cidade de uma infra-estrutura urbana, há muito considerada necessária, mas que não tinha recebido atenção dos governos municipais anteriores, e que marcariam a sua gestão.

O olhar do Prefeito sobre as questões sociais não estava desvinculado do Projeto Político do Estado Novo, que priorizava a questão social, relegada a segundo plano durante a Primeira República. Segundo Gomes:¹⁴⁰

... a questão social surgiu como a grande marca distintiva e legitimadora dos acontecimentos políticos do pós-30. Nesta visão, legítimo seria o regime que promovesse a superação do estado de necessidade em que vivia o povo brasileiro, enfrentando a realidade política e econômica da pobreza das massas.

Se nenhum dos governos do pré-30 reconheceu a prioridade da questão social no Brasil, isto se deu justamente porque encaravam o problema da pobreza como inevitável e até funcional para a ordem sócio-econômica. Mas tal perspectiva precisava ser radicalmente transformada, uma vez que cumpria dar ao homem brasileiro uma situação digna de vida.

O Estado Novo traçou para si um novo conceito de democracia, ... onde o novo homem brasileiro deveria ser “criado” por esta inédita proposta política.

A nova democracia tinha o ser humano como alvo de suas preocupações,.... Para tanto, o Estado Novo devia integrar-se à vida popular, dando “melhor assistência social às populações, maior amparo e dignidade à personalidade humana”. Desta forma, a grande evolução das democracias seria abraçar o ideal de respeito ao trabalho, como meio de valorização do homem.

¹³⁹ No relato biográfico de Whady Nassif, feito por sua sobrinha, a professora Dirce Miziara, em 05/09/2000, ela confirma a amizade, a honestidade e a lealdade de seu tio ao governo de Benedito Valadares (interventor de Minas Gerais na época) e também ao governo de Getúlio Vargas. Ela cita, inclusive, que era um político de grande influência no estado e homem de confiança tanto de Benedito Valadares quanto de Getúlio Vargas. Por isso Uberaba recebeu no período vários investimentos em diversos setores e também contou com verbas para obras de infra-estrutura que se faziam necessárias. Assim, a cidade teria crescido e até mesmo os pecuaristas ganharam muito com a sua administração. E ainda segundo ela, Whady teria sido responsável pela geração de muitos empregos, além de ter realizado muitas obras voltadas para as necessidades sociais do povo, nas áreas de educação e saúde; isso, porque desde aquele tempo ele tinha um senso de justiça social muito grande.

¹⁴⁰ GOMES, Angela Maria de Castro. Op. Cit. p. 180-182, 184-185.

O cidadão desta nova democracia, identificado por seu trabalho produtivo, não mais se definia pela posse de direitos civis e políticos, mas justamente pela posse de direitos sociais.

Esse projeto político que começou a ser implantado também em Uberaba, foi aceito pelo povo porque o descaso das administrações anteriores com as necessidades mínimas da população era alvo de críticas de opositoristas, que acusavam os governantes de visarem apenas a seus próprios interesses e não aos do povo. Percebendo isso, o prefeito começou o seu trabalho priorizando esse aspecto, o que fez com que a sua administração ficasse marcada pelas mudanças na estrutura urbana da cidade e principalmente pela implantação de redes de água encanada e esgoto, pela abertura de avenidas e estradas, ligando a cidade a outros pontos próximos, pelo calçamento de ruas, por melhoramentos em telefonia e abastecimento de energia.

Entre os críticos das administrações anteriores não poderíamos deixar de citar Orlando Ferreira,¹⁴¹ um escritor autodidata, que trabalhava nos correios e por isso conhecia todos os problemas da cidade e da região. Ele deixou algumas obras polêmicas sobre este período; em que criticava duramente as administrações anteriores, os coronéis e até a Igreja Católica local. Ele sempre se manifestava com relação aos problemas da cidade de forma bastante crítica, o que lhe rendeu inúmeros inimigos entre os poderosos, entre os quais políticos e membros da Igreja.¹⁴²

¹⁴¹ RICCIOPPO, Thiago. **Caminhando pelo Pântano Sagrado**: Imaginário, conflitos políticos e religiosos em Uberaba/MG por meio da análise da obra de Orlando Ferreira (1912-1948). Monografia para conclusão de curso de Pós-Graduação, Franca. São Paulo: UNESP, 2003.

¹⁴² Um de seus inimigos mais influentes foi o arcebispo da época, D. Alexandre Gonçalves do Amaral, ferrenho defensor das idéias da Igreja Católica. Tudo aconteceu por causa de uma de suas obras, **O Pântano Sagrado**, onde ele faz uma crítica muito forte aos membros da Igreja e defende os espíritas da cidade que eram perseguidos sem trégua pelo arcebispo. O fato não ficou apenas em ofensas literárias, pois o arcebispo respondia às críticas no jornal da arquidiocese de Uberaba, o *Correio Católico*, levando o caso às barras dos tribunais. Orlando foi processado por difamação pelo arcebispo e acabou perdendo a ação para a Igreja. Os exemplares do livro que não tinham sido vendidos foram queimados em público pelo arcebispo, constituindo um verdadeiro auto-de-fé em pleno século XX. Esse fato foi relatado em uma entrevista concedida pelo senhor Antônio Corrêa de Paiva, líder espírita, em sua residência em Uberaba – MG, em 25/07/2002. Segundo ele: “O auto-de-fé realizado por D. Alexandre foi feito no pátio da delegacia de polícia, onde hoje funciona a Faculdade de Medicina, na praça do atual Mercado Municipal. Os livros estavam na residência do Bento Polveiro. Foi lá que a polícia apreendeu os livros e foram levados para a delegacia. O Orlando Ferreira tinha o apelido de “Doca”, era um homem muito sério, tudo o que escrevia era baseado em documentação e resultado de pesquisa em documentos. Ele era muito polêmico”...

Em duas de suas obras, **Terra Madrasta** e **O Pântano Sagrado**, Orlando Ferreira¹⁴³ fez críticas muito fortes às administrações municipais e entrou em confronto com a Igreja Católica de Uberaba.¹⁴⁴

Em uma de suas publicações ele afirma:

*(...) sabemos que, em Uberaba, naquele tempo (1917), a mortandade infantil foi uma coisa espantosa, diferente da de todos os outros anos; mas, isto se deu devido a nossa incúria, a nossa negligência, à falta de higiene na cidade que, até hoje, depois de tantos anos de administração municipal, não obstante dispor de enormes recursos e grande crédito, ainda não possui uma rede de água potável e esgoto.*¹⁴⁵

Das suas obras literárias, uma das mais polêmicas, no entanto, foi **Terra Madrasta**, uma obra bastante extensa, publicada em 1928, em que ele fez um balanço de várias administrações municipais e atacou sua ineficiência com relação à falta de infra-estrutura básica da cidade de Uberaba. Para exemplificar o que afirmava em sua crítica, Orlando utilizou diversas planilhas, dados comparativos, fontes de vários jornais da época, bibliografias de diversos autores, receitas e gastos do Município; além de várias fotografias das principais ruas e bairros, todas sem calçamento, sem rede de água e luz, com buracos e matos, que provocavam doenças e representavam um perigo para a população. No prefácio, deixa visível a linha de pensamento da obra, ou seja, a de denúncia dos problemas da cidade:

*Uberaba, porém, está em decadência? Não! Discordo dos meus conterrâneos. Uberaba é o que ela sempre foi... Apenas o sofrimento do povo tem argumentado daqui e dali a sua queixa e lamúria, a cidade continua a mesma, isto mesmo atrasada, sem direção e abandonada!... (...) entristece-me vê-la nesse estado deprimente e vergonhoso, abatida e exânime, sob o guante de exploradores ignóbeis, enquanto outras irmãs crescem catitas e felizes pela inteligência e patriotismo de seus filhos.*¹⁴⁶

¹⁴³ Ao todo ele escreveu seis livros: **Pela Verdade: Catolicismo versus Espiritismo** (1919), **Terra Madrasta** (1928), **Capitalismo e Comunismo** (1932), **Ilusões Capitalistas** (1932), **Forja de Anões** (1940) e **O Pântano Sagrado** (1948).

¹⁴⁴ Suas obras são difíceis de ser encontradas, pois, muitos exemplares foram destruídos por opositores, os poucos que restam estão na biblioteca do Sanatório Espírita, um exemplar de cada no Arquivo Público, em bibliotecas particulares e alguns guardados como preciosidades. Seu primeiro livro foi editado em 1919 e o último em 1948, alguns em São Paulo e outros em Uberaba.

¹⁴⁵ FERREIRA, Orlando. **Pela Verdade: Catolicismo versus Espiritismo**. Uberaba: O Triângulo, 1919, p. 17.

¹⁴⁶ FERREIRA, Orlando. **Terra Madrasta** (Um povo infeliz). Uberaba: O Triângulo, 1928, p. 1.

Mais à frente ele lista o que considerava como as forças oponentes que impediam o progresso da cidade:

Ao contemplarmos Uberaba atual e de todas as épocas, temos diante dos olhos a visão clara e nítida, das grandes desproporções que existe entre as forças concorrentes e as forças oponentes!...

Entre nós tem sido e são terríveis as forças oponentes ao progresso do município:

1. A administração.

2. A política.

3. O Clero.

4. A empresa Força e Luz.

5. A família Borges.

6. A família Prata.

7. A família Rodrigues da Cunha.¹⁴⁷

Além de citar o que considerava como os fatores que impediam a cidade de crescer, Orlando faz toda uma justificativa para cada uma das forças oponentes. Diz que a administração pública e a política local, desde o primeiro administrador municipal, fora marcada pela incompetência e falta de interesse pelas necessidades do povo; o Clero é considerado como o causador da inércia da população diante de tantas falcatruas e irresponsabilidades dos administradores e políticos ligados aos “coronéis”; a empresa Força e Luz, que seria uma exploradora do povo, além de não prestar serviços decentes, ainda extorquia a população com preços muito elevados para as condições de vida da cidade; e fecha as suas colocações falando sobre os desmandos e as manipulações políticas e econômicas das três maiores famílias da cidade, donas de terras, gado e de onde saíam todos os administradores municipais, como também, às vezes, representantes na Câmara Municipal.

Ainda com relação às administrações municipais, ele esclarece que fez uma pesquisa para observar as maiores irregularidades administrativas de 1915 a 1925, expondo onze provas dessas irregularidades, entre elas os funcionários executivos desonestos, que já haviam sido processados e presos por desfalques e ainda eram funcionários públicos; escândalos; acordos com empreiteiros; roubos e abusos de poder. Ele faz tudo isso com citações de testemunhos, jornais, cópias de documentos, enfim, uma série de argumentos, alguns convincentes e outros cuja veracidade não foi possível averiguar, mas que servem para traçar um perfil diferente da cidade no período, e

¹⁴⁷ FERREIRA, Orlando. **Terra Madrasta** – Um povo infeliz. Op. Cit. p. 26 e 27.

também para analisar sua posição de contestação da realidade em que vivia. Com pesar e revolta, conclui dizendo:

*Entretanto, há homens aqui, uns uberabenses e outros não, que absolutamente não se corromperam, vencendo a influência do meio: possuem todos os requisitos para erguer o município, mas estão à margem, porque a malfadada política mineira não os quer...*¹⁴⁸

Portanto, em um século, das 155 ruas de Uberaba, apenas 11 foram calçadas pessimamente e de modo incompleto e, igualmente, 3 praças das 19 existentes!...

*A nossa terra vive ainda, portanto, os mesmos dias apagados da monarquia; em 36 anos de vida republicana, em pleno regime de descentralização, Uberaba nada construiu de importância, esteve sempre devendo e deve atualmente uma quantia enorme, mas permanece sem água encanada, sem esgoto, na balbúrdia, na ruína, no descrédito, na imoralidade, no desconforto, na imundície, na lama, na poeira, no capim, no matagal, na buraqueira!... E as rendas aumentaram para felicidade de meia dúzia de laráprios!...*¹⁴⁹

Foi nesse Município com condições precárias que Whady Nassif começou a sua administração. Um mês após a sua posse, expôs publicamente suas primeiras medidas administrativas, como pudemos constatar em publicações de um jornal local do período, em que ele defendeu a garra do povo e expôs suas metas de trabalho:

*... a implantação de água encanada, pura e abundante e pelo mínimo preço possível; serão implantados serviços de força e luz, com a rápida construção da nossa usina de força e luz; implantar o sistema automático nos serviços telefônicos; remodelar as estradas do município; comprar um veículo apropriado para o transporte de carnes (obediente às regras de economia e de higiene); calçar as ruas e providenciar o conserto das ruas asfaltadas; aparelhar as escolas rurais e encampar as escolas urbanas e suburbanas, passando para o Estado; e providenciar uma melhoria nos atendimentos na Prefeitura.*¹⁵⁰

Ainda no mesmo mês o prefeito concedeu outra entrevista,¹⁵¹ adiantando que iria pessoalmente a Belo Horizonte negociar a dívida pública de Uberaba e também trataria de assuntos ligados à obtenção de subsídios estaduais para efetuar os melhoramentos na cidade. Com essa atitude o prefeito passou a ser visto por muitos como o administrador que, enfim, iria realizar as melhorias que a cidade necessitava há muito tempo.

¹⁴⁸ Idem, p. 25.

¹⁴⁹ FERREIRA, Orlando. **Terra Madrasta** – Um povo infeliz. Op. Cit. p. 30.

¹⁵⁰ LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, nº 7606, 12/08/1937, primeira página.

¹⁵¹ Idem, nº 7619, 27/08/1937, primeira página.

Conseguindo, em sua viagem a Belo Horizonte, renegociar a dívida pública de Uberaba e ainda a liberação de verbas estaduais para os melhoramentos na infraestrutura da cidade, deu início, já em 1938, aos projetos para as modificações tanto no aspecto urbano, quanto nas outras áreas em que tinha firmado o compromisso de fazer melhorias. Em janeiro de 1939, já estava assinado o contrato entre a Prefeitura e uma firma de nome Silva & Alexandre (com Alexandre Campos) para implantação, na cidade, dos novos serviços telefônicos, mais modernos do que os que existiam.¹⁵² E em fevereiro do mesmo ano, tiveram início as obras de melhoramentos nas ruas e o começo da implantação do sistema de água canalizada e da rede de esgoto.¹⁵³



Figura 6. Instalação da rede de esgoto sanitário na Rua Arthur Machado, junho de 1942.
Referência: Acervo da família Nassif.

Essas mudanças na estrutura urbana da cidade, realizadas pelo Prefeito Whady Nassif, além de levar adiante o Projeto Político traçado pelo Estado Novo, promoveu a melhoria na qualidade de vida das pessoas. Não porque a preocupação principal fossem as pessoas, mas porque fortalecia o Estado Novo. Segundo a noção foucaultiana de governamentalidade liberal¹⁵⁴

Os indivíduos... tornam-se instrumentais aos fins do Estado. A justiça, o bem-estar e a saúde são importantes para os indivíduos, não porque eles são bons em si para os indivíduos, mas porque eles aumentam a força do Estado. Os

¹⁵² Idem, nº 8050, 14/01/1939, p. 2. Com isso a cidade foi ligada às Capitais e principais cidades brasileiras pelos fios da Companhia Telefônica Brasileira.

¹⁵³ LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, nº 8066, 02/02/1939, primeira página.

¹⁵⁴ MARSHALL, James. Governamentalidade e educação liberal. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) **O sujeito da educação: Estudos Foucaultianos**. 3ª Ed. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1999, p. 30.

investimentos na saúde e na educação são agora investimentos instrumentais no indivíduo, a serem sacados mais tarde pela crescente força do Estado.

Os trabalhos de melhorias transformaram então a cidade em um grande canteiro de obras,¹⁵⁵ o que foi visto pela população local de dois pontos de vista. A população mais carente, que esperava há muito tempo por um administrador que voltasse seus olhos para ela, via com esperança e satisfação as novas melhorias, apesar dos transtornos provocados pelo andamento das obras nas ruas da cidade. As obras representavam a esperança de dias melhores, expressa em várias demonstrações populares de apoio ao Prefeito.

Essas melhorias, que eram um anseio da população, há muito tempo, estavam incluídas no projeto de desenvolvimento e saneamento do governo Federal e Estadual e ocorreu em outras localidades brasileiras no período. As melhorias na infra-estrutura urbana se refletiam no bem-estar e na saúde do brasileiro, que devido a essas melhores condições de vida poderia aumentar a capacidade produtiva do país levando-o ao crescimento e ao progresso.



Figura 7. Construção da casa das bombas, para bombear água para a cidade de Uberaba, às margens do Rio Uberaba, 1940. Referência: Acervo da família Nassif.

¹⁵⁵ O ex-prefeito Whady teve o cuidado de organizar e catalogar, através de várias fotografias, diversas obras feitas durante a sua administração, como as de melhorias nas ruas, como calçamento e abertura de novas ruas, colocação de postes de iluminação; serviços de canalização dos córregos que cortam a cidade; implantação da água encanada e de esgoto; construção de pontes em áreas rurais e diversas outras obras, entre elas a construção do Parque Fernando Costa, para a realização das feiras anuais de gado zebu. O arquivo contém fotografias que não são encontradas em nenhum outro local, nem o arquivo público as tem, que mostram um período da história da cidade marcado por muitas modificações na sua estrutura física urbana. (Acervo particular de Lúcia Nassif)

Por outro lado, as obras foram utilizadas como instrumento de luta política. O Prefeito era hostilizado com comentários preconceituosos, lembrando sua origem imigrante e o que se tentava era jogar a população contra ele.¹⁵⁶ Esses comentários foram citados por Dirce Miziara:

*“Existia e existe até hoje preconceito contra os orientais. Assim o povo não aceitava um prefeito de origem oriental. Quando foram abertos os buracos para colocar a rede de água e de esgoto, pessoas importantes da cidade, por preconceito, perguntavam-lhe se na Turquia era daquela forma que eles viviam. Todos os orientais eram rotulados de turcos.”*¹⁵⁷

Isso faz pressupor que uma parcela da sociedade uberabense não via o Prefeito como um igual, mas sim como um diferente, o outro, que não poderia ter mais poder e nem reconhecimento do que os “verdadeiros uberabenses”, filhos da terra. Essa parcela que passa a hostilizar e desmerecer os atos do Prefeito era a elite, que via também suas ações como um perigo ao controle que sempre exercera sobre a população local, mas que não estava disposta a perdê-lo, mesmo que para isso tivesse que colocar a população contra o administrador público.

Enquanto Whady Nassif começava a colocar em prática os planos de mudanças na cidade, o Interventor Benedito Valadares, através do Decreto-Lei nº 148 de 17 de dezembro de 1938, criou os Municípios de Conceição das Alagoas, Veríssimo, Campina Verde e Campo Florido, que eram até então distritos de Uberaba.¹⁵⁸ A instalação do novo Município de Conceição das Alagoas se deu em 01 de janeiro de 1939.¹⁵⁹

Com a emancipação de quatro distritos, entre eles Conceição das Alagoas que era o maior, a cidade de Uberaba perdeu em termos de arrecadação de impostos e tornou-se necessária uma atuação política mais intensa do Prefeito junto ao Interventor Benedito Valadares para conseguir as verbas necessárias para as obras públicas a serem iniciadas e para dar continuidade a outras que já estavam em andamento.

¹⁵⁶ Depoimento de Dirce Miziara, em entrevista concedida no dia 05/09/2000, em sua residência, em Uberaba - MG.

¹⁵⁷ Idem, comentário de Dirce Miziara.

¹⁵⁸ Depoimento de Antonio Oliveira Souza, Juiz de Paz de Conceição das Alagoas, em 08/09/2000, em sua residência, em Conceição das Alagoas - MG. Na oportunidade ele falou sobre a emancipação de Conceição das Alagoas, segundo ele o prefeito Whady Nassif podia ter influenciado a mesma junto ao Interventor.

¹⁵⁹ MARQUES, Braz José. **De Garimpo a Conceição das Alagoas**. 1 ed. Op. Cit. p. 21.

A partir de 1940 começaram a ser vistas as mudanças na área urbana. Muitas delas foram noticiadas nos jornais da cidade, com demonstrações de apreço à administração inovadora e também à figura do político, as quais podem ser exemplificadas com trechos das reportagens abaixo:

...Aos seus predicados de grande administrador o Dr. Whady Nassif junta o exemplo de um caráter profundamente católico, destes de cujas convicções não se duvida, porque não há uma desligação prática entre o católico e o homem público.¹⁶⁰

O Prefeito Whady Nassif canalizou os córregos das Lages e do Barro Preto; construiu vários quilômetros de redes de esgotos sanitários, nas principais ruas da cidade; asfaltou as ruas João Pinheiro, Governador Valadares, Alaor Prata; e também a Praça Rui Barbosa (principal praça da cidade); construiu as praças Dom Eduardo e Dr. Tomás Ulhôa; construiu também a praça de esportes Minas Gerais (atual Uberaba Tênis Clube); ainda manteve 18 escolas primárias na zona urbana e 11 na zona rural.¹⁶¹

Fez a planta cadastral da cidade...

Instalou a Fazenda Modelo, local de pesquisas agropecuárias, obra construída com auxílio do Ministério da Agricultura.¹⁶²



Figura 8. Instalação da rede de água encanada na Praça Rui Barbosa em 1942.

Referência: Acervo da família Nassif.

A imprensa da época, aparentemente apoiou sua administração, em especial o jornal **Lavoura e Comércio**, pois existem muitos dados em seus arquivos; quase que diariamente saíam reportagens sobre os atos do prefeito ou o que ele pretendia fazer.

¹⁶⁰ CORREIO CATÓLICO, Uberaba, n° 835, 27/06/1940, primeira página.

¹⁶¹ Idem, n° 881, 28/06/1941, pág. 3.

¹⁶² LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, n° 8466, do dia 16/05/1940, primeira página.

O apoio do jornal **Lavoura e Comércio** à administração municipal no período, se explica pelo fato do mesmo ter sido criado para ser um defensor dos interesses dos fazendeiros e comerciantes, o que comprova que inicialmente parte da elite estava concordando com suas ações à frente da Prefeitura. Esse apoio era também devido ao fato do prefeito ter sido escolhido para ser um representante dos próprios comerciantes, o que levava o jornal a publicar diariamente seus feitos, valorizando seu trabalho. Embora tenhamos que considerar também que a imprensa sofreu na época toda uma censura promovida pelo DIP e também viveu toda uma pressão de ordem financeira. Como o Prefeito defendia as idéias do Estado Novo, isso devia ser considerado pelo jornal.

Em um estudo sobre essa questão do controle da imprensa e da propaganda política no Estado Novo, Capelato¹⁶³ afirma:

A Constituição Brasileira de 1937 legalizou a censura prévia aos meios de comunicação.

Os periódicos acabaram sendo obrigados a reproduzir os discursos oficiais, a dar ampla divulgação às inaugurações, a enfatizar as notícias dos atos do governo,...

A cooptação dos jornalistas se deu através das pressões oficiais mas também houve concordância de setores da imprensa com a política do governo.

Em seus planos Whady Nassif preconizava melhorias também para a administração pública. Em meados de 1941 foi concluído o Estatuto dos Funcionários Municipais, visando melhorar o trabalho administrativo, acatando as novas determinações estabelecidas para o setor pelo interventor estadual Benedito Valadares.¹⁶⁴ Esse estatuto estabelecia, entre outras coisas, os salários do funcionalismo público municipal e seu pagamento em dia, a maneira de acesso aos cargos públicos, um seguro de todos os operários da Prefeitura que trabalhavam nas construções municipais em andamento na ocasião.¹⁶⁵ O estatuto se constituiu na concretização da política de

¹⁶³ CAPELATO, Maria Helena R. **Multidões em Cena** – Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo. Campinas: Papirus, 1998, p. 69, 75, 76.

¹⁶⁴ LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, nº 8874, do dia 21/08/1941, primeira página e página 3. A reportagem fala do estatuto, de como ele foi concluído e seus objetivos, e dos seus detalhes em entrevista com o prefeito Whady Nassif, quando de seu retorno de uma viagem a Belo Horizonte, onde foi em busca de um empréstimo junto ao Banco de Crédito Real de Minas Gerais para continuar as melhorias na cidade.

¹⁶⁵ Idem, nº 8749, do dia 26/03/1941, p. 4.

burocratização da administração pública prevista no Decreto nº 9847¹⁶⁶ que estabelecia as normas de reorganização dos municípios e as ações dos prefeitos, suas atribuições e do funcionalismo municipal. Mas, ao mesmo tempo que implantava mudanças significativas na administração pública, o estatuto tentava acabar com a influência dos “coronéis” na própria administração, cujos cargos eram utilizados como estratégia de controle político, não havendo nenhuma garantia de trabalho para o funcionário público de carreira. A partir do estatuto prevalecia a competência para o exercício dos cargos na Prefeitura e não mais a indicação feita por algum político ou coronel.

Com relação às obras de melhorias na infra-estrutura urbana, o prefeito Whady Nassif conseguiu obter recursos estaduais para abrir avenidas que cortam a cidade, as quais se tornaram importantes vias de acesso ao centro financeiro e bancário, como a Avenida Leopoldino de Oliveira, aberta em 1938,¹⁶⁷ a Avenida Fernando Costa, em 1940,¹⁶⁸ e a Avenida Guilherme Ferreira, em 1941.¹⁶⁹ Após o início das obras da avenida Leopoldino de Oliveira, o prefeito proibiu a construção de prédios ou quaisquer imóveis às margens dos córregos que atravessavam a área urbana, já que seriam canalizados para que as avenidas fossem abertas nestes locais.¹⁷⁰ Isto desagradou algumas famílias tradicionais da cidade que tinham lotes nas áreas desapropriadas pela prefeitura para a abertura das avenidas, com o argumento de que foram lesadas, ao receberem um preço menor pelos lotes na desapropriação.



Figura 9. Prédios desapropriados no centro da cidade por 165 contos de réis, para prosseguimento da Av. Leopoldino de Oliveira. Referência: Acervo da família Nassif.

¹⁶⁶ **Livro de Decretos Estaduais**, p. 34-43. Gerência-Geral de Documentação e Informação da Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais.

¹⁶⁷ Decreto Municipal de nº 50, de 05/03/1938, que estabelecia a abertura da avenida, uma das mais importantes da cidade. Arquivo Público Municipal.

¹⁶⁸ Decreto Municipal de nº 342, de 06/11/1940. Arquivo Público Municipal.

¹⁶⁹ Portaria de nº 40, de 25/09/1941. Arquivo Público Municipal.

¹⁷⁰ Decreto Municipal de nº 69, de 10/05/1938, que proibiu a construção de imóveis às margens dos córregos que atravessam a cidade e onde seriam abertas as avenidas. Arquivo Público Municipal.



Figura 10. Av. Leopoldino de Oliveira anos 50. Já com canalização do Córrego das Lages concluído. Referência: Acervo do fotógrafo Ricardo Prieto.

Uma das mudanças na infra-estrutura local feita pelo prefeito Whady Nassif, embora tenha sido muito elogiada pela imprensa local, foi muito polêmica: a reforma da Praça Rui Barbosa, na área central da cidade. Circundada por palmeiras que lhe davam um ar aristocrático, lembrando as palmeiras imperiais de D. Pedro II, a praça mudou totalmente de aspecto com o corte das palmeiras autorizado pelo prefeito. Segundo o depoimento de uma de suas cunhadas,¹⁷¹ ele as cortou porque uma delas havia caído em cima de um rapaz e o teria matado. E como a maioria das palmeiras estava com problemas nas raízes, optou por cortá-las. Na nova praça, com um aspecto mais moderno, foi colocado um obelisco confeccionado por um artista modernista do Rio de Janeiro, uma fonte luminosa que se destacava por sua beleza e a iluminação foi projetada com um esmero muito grande.

A transformação da praça, de um modelo tradicional e imponente para uma visão moderna e que não lembrava em nada a que existia, justifica a reação de descontentamento das famílias mais tradicionais, que tinham suas residências em volta da mesma e que se sentiram ofendidas,¹⁷² pois ele tinha destruído um marco referencial da cidade, com um valor histórico muito grande. Alguns descendentes dessas famílias ainda se recordam do prefeito apenas como o que cortou as palmeiras imperiais que embelezavam a praça, como se as árvores fossem uma prova da exuberância e do luxo da própria cidade; para elas, parte da memória local e das próprias famílias teria se perdido com a remodelação da praça.

¹⁷¹ Depoimento da senhora Diva de Oliveira Nassif, em 10/08/2002, em Uberaba – MG.

¹⁷² “Muitas pessoas que tinham residências em volta da praça, grandes proprietários de terras, protestaram contra o corte das palmeiras, demonstrando seu descontentamento com o Prefeito.” Depoimento de Diva de Oliveira Nassif, em 10/08/2002, em Uberaba – MG.



Figura 11. Praça Rui Barbosa anos 30 com as majestosas palmeiras. Referência: Mostra fotografia memórias de Uberaba - Arquivo Público de Uberaba.



Figura 12. Praça Rui Barbosa anos 40 sem as palmeiras. Referência: Mostra fotografia memórias de Uberaba - Arquivo Público de Uberaba.

No entanto, a praça Rui Barbosa não sofreu apenas esta remodelação feita na administração de Whady Nassif, ela passou por outras modificações em administrações posteriores, nos anos 70 e 80. E a população não se manifestou contrária às mudanças, pelo menos oficialmente. Só há alusão ao descontentamento de parte da população quando ocorreu a reforma em que foi feito o corte das palmeiras.

Outro aspecto que o prefeito Whady dedicou atenção, durante a sua administração, foi o problema da energia elétrica. Em Uberaba, o abastecimento de energia elétrica, além de não atender às necessidades da população, tinha tarifas elevadas para o período. Ele conseguiu recursos para construir uma pequena usina geradora de energia na Cachoeira Pai Joaquim, no Rio Araguari, próximo à cidade e que supriu as necessidades locais até os anos 70, quando então a Cemig construiu a hidrelétrica de Volta Grande, no Rio Grande, e que hoje abastece a cidade e a região.

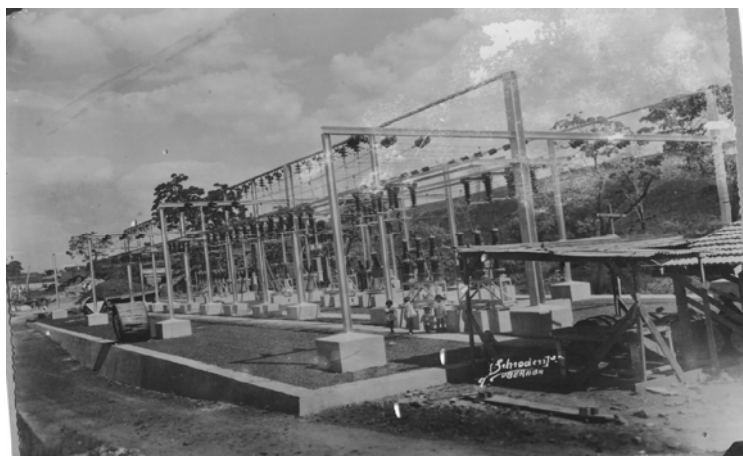


Figura 13. Instalações do serviço de força e luz de Uberaba, em fase de conclusão, Cachoeira Pai Joaquim, Rio Araguari, 1939. Referência: Acervo da família Nassif.

A Usina de Pai Joaquim ainda existe, embora não tenha a importância que tivera nos anos 40, quando, além da sua construção, tendo 15 metros de altura, sendo ao todo concluídas cerca de 300 torres de concreto armado para que a energia gerada pela usina chegasse à cidade. Também foi preciso fazer a instalação de vários postes nas ruas, para que a energia chegasse à maioria das casas de Uberaba para servir à população.¹⁷³

2.5. Políticas de saneamento e desenvolvimento social

Também à área da saúde dedicou uma atenção especial, tendo desenvolvido projetos sociais para atender os mais carentes. Um desses projetos estava ligado à política de valorização da perfeição física, inspirada na ideologia nazi-fascista, que era estimulada pelo governo Vargas.

A atenção à saúde, no interior do país, era uma preocupação do governo federal. As ações do Prefeito decorriam de determinações do Ministério da Saúde, que deu ênfase a campanhas nacionais de saúde pública e combate a endemias (como a Malária

¹⁷³ Arquivo de fotos fornecido pela família, onde o prefeito fez toda uma seleção e registro de suas realizações durante a sua administração, principalmente de suas obras na infra-estrutura da cidade, na construção da usina de energia, e também em obras nas estradas e pontes da região. A maior parte dessas fotos tem anotações feitas por ele de próprio punho, que explicam cada uma delas.

e a Febre Amarela) e melhoramento dos hospitais para que a população fosse mais assistida, mesmo que ainda de forma modesta.¹⁷⁴

Uma reportagem sobre a criação do lactário no Centro de Saúde de Uberaba, apresentado como um serviço de assistência à saúde da população, dá ênfase também à política de melhoramento da saúde pública:

Interessante prélio entre bebês sadios realizado pelo Lactário “Whady Nassif” sob o patrocínio do Centro de Saúde de Uberaba.

Esse gesto nobre das mães uberabenses evidenciaram não só a beleza esplêndida da maternidade bem compreendida, como a beleza dos seus patrióticos sentimentos, pois que assim procedendo mostraram que sabem – formando seres fortes e sadios – servir à Pátria, à Humanidade e a Deus.

*Palavras de Mario de Figueiredo no discurso no Lactário.*¹⁷⁵

Segundo a reportagem, o lactário assistiria às mulheres gestantes e aos bebês, preparando-os no pré-natal e dando assistência às crianças, que seriam acompanhadas desde o seu nascimento através de fichas do Departamento de Higiene Infantil. Tudo isso gratuitamente, incluindo o atendimento aos indigentes, que receberiam alimentação e medicamentos.

Nesse projeto, o Prefeito contava com o apoio dos médicos Henrique Von Krüger Schroeder¹⁷⁶ e Inácio Ferreira,¹⁷⁷ que na época eram médicos conceituados na

¹⁷⁴ GOMES, Ângela de Castro. O Homem que virou palácio. In: **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Ano 1, nº 2. Rio de Janeiro, Agosto/2005, p. 84.

¹⁷⁵ LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, nº 8675, 04/01/1941, p. 4.

¹⁷⁶ O Dr. Henrique ficou também conhecido como o “médico dos pobres”, porque atendia pessoas carentes sem cobrar pelas consultas e ainda dava remédio de graça; quando ele morreu, em 1949, uma quantidade muito grande de pessoas compareceu ao seu velório e acompanhou o seu enterro. Ele foi também o primeiro vereador eleito em Uberaba em 1947, após o retorno ao regime democrático, pelo Partido Trabalhista Brasileiro. Juntamente com o Dr. Inácio Ferreira esteve ligado à fundação do Sanatório Espírita de Uberaba, ocorrido em 31 de dezembro de 1934 e que existe até hoje. O Sanatório Espírita é um dos poucos da região que ainda interna doentes mentais, fazendo um trabalho diferenciado, aliando ao tratamento clínico um trabalho espiritual. Hoje existe uma praça e uma casa espírita que levam o nome do Dr. Henrique. Ele era descendente de imigrantes e também se formou no Rio de Janeiro. Atuou no Lactário porque acreditava no projeto de melhoria da saúde da população mais carente de Uberaba. Era também maçom e membro da Loja Maçônica “Estrela Uberabense.” (BACCELLI, Carlos A. **O Espiritismo em Uberaba**. Uberaba: Fundação Cultural de Uberaba, 1987.)

¹⁷⁷ O Dr. Inácio Ferreira foi um dos fundadores do Sanatório Espírita de Uberaba e além do exercício da medicina, esteve, até a sua morte, ligado aos estudos sobre a psiquiatria à luz do espiritismo, o que fez com que escrevesse inúmeros livros sobre este tema. Seus livros estão na biblioteca do sanatório em Uberaba, local onde estão todos os outros livros que pertenceram a sua biblioteca particular. Muitos de seus livros tiveram uma repercussão internacional e ele chegou a receber o reconhecimento de seus estudos por parte de psiquiatras de vários países, como da Inglaterra, Itália, Estados Unidos. (BACCELLI, Carlos A. **O Espiritismo em Uberaba**. Op. Cit.)

cidade e que também desenvolviam um trabalho de assistência aos carentes.¹⁷⁸ A reportagem ainda afirmava que o lactário era o único existente em toda a região do Triângulo Mineiro.¹⁷⁹

Embora se possa considerar a assistência do lactário como uma obra social, incluída no Projeto do Estado Novo, que tinha como objetivo a melhoria do atendimento à população em questões de saúde pública, temos que levar em conta que a visão do governo central era também estimular o aleitamento materno para uma melhoria racial das gerações futuras. Isso porque o ideário oficial vigente, no período, pregava que uma mulher saudável era sinônimo de perfeição física, estando apta, portanto, a ter filhos fortes, garantindo a continuidade da raça e o futuro de uma nação poderosa.

O aprimoramento físico da raça, que não deixa de ser também uma forma de controle social e que atendia ao interesse do grupo, que dominava o poder nacional, promovido pelo lactário, ficou visível quando este chegou a organizar o concurso de bebês, anunciado na imprensa local, como um concurso de *robustez infantil*, visando escolher o bebê mais saudável e perfeito da cidade.¹⁸⁰ Esses concursos eram comuns no período, visando levar as mães a terem mais cuidado com seus filhos.

Essa política de mudança da mentalidade das mulheres com relação ao cuidado com os filhos recém-nascidos era fruto também de uma tentativa de regulamentação do papel da mulher na família como esposa-mãe, que já vinha sendo desenvolvida por alguns médicos e foi apropriada pelo Estado Novo, o que ficou visível na criação do Lactário e nos cuidados com as gestantes e crianças.

A atenção dada a gestantes e bebês no começo do século XX foi analisada por Rago:¹⁸¹

O discurso médico, partindo das classes dominantes, condenava autoritariamente quase todas as práticas populares de cuidados com a

¹⁷⁸ BACCELLI, Carlos A. **O Espiritismo em Uberaba**. Fundação Cultural de Uberaba. 1987.

¹⁷⁹ LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, nº 8582, 28/09/1940, p. 2.

¹⁸⁰ LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, nº 5595, 26/10/1940, p. 2.

¹⁸¹ RAGO, Luzia Margareth. **Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, (Coleção Estudos Brasileiros: V. 90)p. 127.

infância, transmitidas oralmente de geração a geração e que expressavam o saber autônomo das mulheres...

... A inobservância das prescrições higiênicas, transmitidas como regras morais, era ameaçada com o perigo de morte dos nenês ou com o risco de deformidade física, culpabilizando-se a mãe.

No início do século XX o Dr. Moncorvo Filho já fazia campanhas com palestras lembrando os cuidados que deveriam ser dadas às crianças e estimulava a amamentação natural. Mas não se discutia os problemas das mães pobres, suas condições de trabalho e moradia, que também eram responsáveis pelos altos índices da mortalidade infantil.

No conjunto de todos esses elementos podemos perceber um clima de moralização e de reordenação da sociedade e da cultura, visando atingir o grande ideal de eugenia de cunho germânico, que tinha defensores no país. Simultaneamente, eram adotadas medidas de controle da vida das pessoas, não só em relação às posturas políticas, mas também no que diz respeito ao cotidiano.

A busca pelo ideal de eugenia foi apresentada por Fontoura¹⁸² como um valor disseminado na época. Ao fazer ligação entre os *projetos de branqueamento da raça*, com o estímulo à vinda de imigrantes para o país e a implantação das aulas de Educação Física na cidade, como

fazendo parte de um plano maior, onde iam sendo incluídos os apelos do poder para definir um tipo racial “pronto e acabado,” com uma imagem positiva do corpo humano para estabelecer a relação entre raça e nação constituída.

Afirma¹⁸³ também, referindo-se a Lenharo que

o preparo físico tinha repercussões no mundo do trabalho, onde faria do trabalhador da fábrica o soldado no campo da produção para a guerra. ... essas idéias, por mais assustadoras que possamos pensar, foram incorporadas na cidade de Uberaba e ganharam seguidores no período.

Além do projeto político de perfeição física implantado pelo Governo de Vargas, a criação do lactário pode ser considerada como uma ação que favoreceu a população carente, a qual, através dele podia ter atendimento médico, até então privilégio das pessoas mais abastadas. Sem falar na assistência fornecida às famílias, com distribuição

¹⁸² FONTOURA, Sonia Maria. **A Invenção do Inimigo: Racismo e Xenofobia em Uberaba. 1890-1942.** Op. Cit. p. 149-150.

¹⁸³ Idem.

de alimentos e remédios para as mães carentes que estavam sendo acompanhadas pelo lactário.¹⁸⁴

Devemos considerar que a adesão da população à assistência prestada pelo lactário pode ser analisada sob dois pontos de vista. Um deles pode nos levar a ver essa adesão como ligada à crença de que a política de saúde era muito bem vista pelas mães uberabenses, que apoiavam as idéias do regime de Vargas. E o outro, de que as mães de baixa renda se inscreveram no programa de assistência devido à sua dependência dessa ajuda do lactário, motivadas pela carência muito grande de assistência médica no período e ao fato delas poderem ser assistidas gratuitamente, juntamente com seus filhos.

Ainda em cumprimento às determinações de Vargas e de Benedito Valadares e buscando dar continuidade ao trabalho do lactário, o Prefeito procurou criar os meios para a adoção das aulas de Educação Física nas escolas de Uberaba. A implantação da Educação Física já tinha sido regulamentada por decretos-leis do presidente da República, só faltando a sua adoção nas escolas.

A implantação da disciplina obrigatória de Educação Física e Esportiva fazia parte também da ideologia que vigorou durante o Estado Novo e que foi marcadamente inspirada também no “*regime fascista, que sustentava que só são fortes os países de população forte*”¹⁸⁵ Com esse pensamento teve início uma série de ações efetivas, por parte do governo central e dos governos estaduais e locais, em busca do aperfeiçoamento do corpo e da raça, através do estímulo à prática de esportes, pois foi considerada um remédio para a falta de homogeneidade e a fraqueza do tipo físico brasileiro. O tipo físico no qual o regime se espelhava era o branco, ariano, europeu, considerado mais forte e superior que o brasileiro, que era fruto de miscigenação.

A busca por uma raça brasileira aprimorada, característica do regime fascista que Vargas copiou e que estava por trás da criação tanto do lactário quanto da implantação das aulas de educação física nas escolas, podemos destacar como uma

¹⁸⁴ LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, nº 8582, do dia 28/09/1940. p. 2.

¹⁸⁵ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O Racismo na História do Brasil** – Mito e Realidade. 8 ed. São Paulo: Ática, 2002, p. 38 a 40.

visão relacionada à busca pelo tipo físico ideal brasileiro no bojo das discussões e esforços pela definição de uma identidade brasileira.

O Brasil é um país, que desde a sua origem tem uma particularidade bastante diferenciada dos demais países latino-americanos. Sua origem foi marcada pela dominação do colonizador português sobre duas outras etnias, a africana e a indígena. Do relacionamento forçado entre essas etnias surgiu um tipo brasileiro, o mameluco, considerado por alguns historiadores, como o verdadeiro brasileiro. Nessa discussão, que vem de longa data, se destacam pensadores como Darcy Ribeiro, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda.

Darcy Ribeiro¹⁸⁶ fala que a formação do povo brasileiro é resultado da mixagem do índio desindianizado, do escravo não mais totalmente negro e africano e do europeu que não é mais exatamente europeu. Ele afirma que somos um povo novo, com várias facetas e formas, por isso não podemos falar em uma característica única para o brasileiro. Embora o povo brasileiro tenha o seu próprio jeito de ser, marcado pela sua capacidade de se adaptar às situações inusitadas e de ter as reações mais inesperadas, fruto de nossa própria história.

Por sua vez, Gilberto Freyre¹⁸⁷ defende a idéia de que para caracterizarmos o povo brasileiro e descobrirmos a nossa verdadeira identidade nacional devemos respeitar os diversos tipos brasileiros, frutos das nossas características regionais. Mas será que podemos pensar em um tipo genuinamente brasileiro, já que somos produto de uma miscigenação?

Para Sérgio Buarque de Holanda¹⁸⁸ o Brasil foi considerado um paraíso pelos primeiros portugueses que aqui chegaram, mas, com a colonização, isso se perdeu. A relação entre o português e o escravo africano, assim como a relação entre o português e o indígena, embora tenham sido “cordiais”, não foram “amistosas”, porque existiam

¹⁸⁶ RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

¹⁸⁷ FREYRE, Gilberto. **Interpretação do Brasil**: aspectos da formação social brasileira como processo de amalgamento de raças e culturas. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1947, Cap. IV, p. 139-175.

¹⁸⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense, Publifolha, 2000, Prefácio e Cap. 1.

entre eles muitos conflitos. E no meio dessas relações entre o português, o indígena, e o africano, foi que surgiu o tipo físico brasileiro, ou seja, o miscigenado.

Por sua vez, a política imigrantista, desenvolvida após a abolição da escravatura, a qual teve um impulso muito grande, no início do século XX, tinha como um de seus propósitos o clareamento da população brasileira. Acompanhando esta linha de raciocínio, é possível verificar que a política de Vargas tinha sua lógica fundamentada numa corrente do pensamento intelectual e nos projetos políticos dos detentores do poder anterior ao movimento de 1930, que visavam à formação de um novo tipo físico brasileiro, branco e forte, que não lembrasse o miscigenado, moreno e raquítico.

Ao mesmo tempo em que Vargas se espelhava no discurso fascista, também estabeleceu um padrão de brasileiro bem sucedido, exatamente como Hitler havia desenvolvido na Alemanha. Porém esse brasileiro idealizado não existia, por isso precisaria ser moldado desde o nascimento até se tornar um cidadão. Por isso era necessário investir em saúde para garantir uma geração mais sadia e também em práticas desportivas para que os jovens crescessem de forma mais saudável. Aliando saúde e esporte, teríamos toda uma geração de brasileiros aptos ao trabalho, o que facilitaria o desenvolvimento do país. Tudo isso desviaria também a atenção dos trabalhadores dos ideais anarquistas que vinham ganhando espaço no Brasil e cujo alvo principal foram os jovens e os trabalhadores.

Outro aspecto observado na política de Vargas é que a fala sobre a valorização da saúde e do esporte estava ligada a outra idéia, a de que o brasileiro miscigenado era inferior ao europeu, que era o tipo ideal.

Essa política se relacionava também ao pensamento do movimento integralista,¹⁸⁹ que buscou a valorização de tudo que fosse nacional e que defendeu o fortalecimento do povo brasileiro, através do controle de todos os males sociais e raciais. Os integralistas apoiaram Vargas e, em seu discurso, veicularam conceitos de unidade, nacionalidade, trabalho, disciplina e ordem como forma de prosperidade do

¹⁸⁹ BERTONHA, João Fábio. **Fascismo, nazismo, integralismo**. 1 ed. São Paulo: Ática, 2000, p. 64.

país, tudo o que estava também presente nas ações do prefeito Whady Nassif, quando buscava cumprir as determinações impostas pelo regime.

No Brasil, o integralismo atraiu para suas fileiras vários setores das classes médias urbanas e até camadas não representadas na política tradicional, que respondiam ao discurso de um movimento que prometia a libertação do poder das oligarquias regionais. Aderiram também ao movimento muitos jornalistas, advogados, professores, estudantes, empregados domésticos, médicos, funcionários públicos, padres e operários, entre outros. Esse apoio social diversificado ao integralismo é um dado significativo de uma representação política distinta, que apoiou inicialmente o governo ditatorial de Vargas, ajudando a implantar a política de busca da perfeição física do brasileiro. O próprio apelo aos valores da nação e da família foram elementos que motivaram também os imigrantes e seus descendentes a aderirem ao movimento integralista em várias regiões do Brasil. Em Uberaba e regiões adjacentes, muitas pessoas eram simpatizantes do movimento integralista reforçando o conservadorismo da sociedade local.

Essa adesão dos uberabenses aos ideais integralistas fica evidente quando, em 1937, um grupo da colônia italiana fez uma manifestação fascista, com uma passeata pelas ruas da cidade e discursos inflamados, sendo a princípio tolerada pela população.

Porém pouco antes da entrada do Brasil, na Segunda Guerra, essa manifestação dos colonos italianos serviu de pretexto para uma campanha que os jornais locais desenvolveram contra o que eles denominavam de “Quinta-Coluna”, identificados como simpatizantes dos regimes fascistas e com “os indesejáveis estrangeiros” presentes na cidade: os imigrantes oriundos dos países do eixo ou seus descendentes. A figura do Quinta-Coluna, como um “inimigo comum” foi construída pelo governo e pelos membros da Liga de Defesa Nacional, que pregavam um nacionalismo xenófobo (que se baseava no estímulo ao patriotismo; na propagação da instrução profissional, militar e cívica, entre outras coisas) e combatia todas as manifestações de extremismos.

A Liga de Defesa Nacional projetou essa imagem do inimigo do regime nos brasileiros integralistas - vistos no momento como indesejáveis - e nos imigrantes - vistos como representantes do eixo. Isso resultou no estabelecimento de uma sede da

liga em Uberaba em 1942, na perseguição a integralistas e em manifestações de intolerância e racismo contra muitos imigrantes, na cidade e região, como também ocorreu em outras partes do país.¹⁹⁰

Para implantar a educação física nas escolas de Uberaba foram realizadas algumas reuniões entre o Prefeito e os diretores das escolas da cidade. A essas reuniões compareceram não só os diretores das escolas públicas, mas também os das particulares e até o bispo da época, que não gostava da idéia e fez forte oposição à mudança no currículo escolar imposta pelo governo federal, bem como aos desfiles militares dos estudantes, que eram freqüentes na cidade em manifestações cívicas e à construção de uma praça de esportes.¹⁹¹



Figura 14. Praça de Esportes de Uberaba (atual Uberaba Tênis Clube) em construção, abril de 1941. Referência: Acervo da família Nassif.

A implantação da educação física nas escolas, determinada pela reforma do ensino promovida pelo Ministro Gustavo Capanema¹⁹², foi vista por Lenharo como *uma*.¹⁹³ “militarização – moralização do corpo”, isto é, a disciplina física que ia se impondo à população de forma sedutora, demonstrou como a “educação física” fazia parte de um plano maior.

¹⁹⁰ FONTOURA, Sonia Maria. **A Invenção do Inimigo: Racismo e Xenofobia em Uberaba. 1890-1942.** Op. Cit. Cap. III e IV.

¹⁹¹ LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, nº 8881, 29/08/1941, p. 3. A reportagem confirma o comparecimento às reuniões com o Prefeito, do arcebispo diocesano D. Alexandre Gonçalves do Amaral, dos Irmãos Maristas, das Irmãs Dominicanas, professoras de várias escolas municipais e outras autoridades.

¹⁹² “A reforma de ensino promovida pelo Ministro Gustavo Capanema atingiu o ensino secundário, criou cursos profissionalizantes, embora suas propostas seguissem as diretrizes autoritárias, nacionalistas e centralizadoras do Estado Novo.” E entre essas propostas estava a criação de novas disciplinas, como a educação física. (GOMES, Angela de Castro. O Homem que virou palácio. In: Revista de História da Biblioteca Nacional. Op. Cit. p. 84.)

¹⁹³ LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política.** 2 ed. Campinas. São Paulo: Ed. Papirus. 1986. p. 75 a 106.

Para Fontoura,¹⁹⁴ ao implantar a Educação Física nas escolas de Uberaba, Nassif estava manifestando obediência ao governo federal.

*Perfeitamente “integrados” à Ditadura do Estado Novo, o governo da cidade, a elite local, e até representantes da classe média, profissionais liberais, funcionários públicos lançaram-se à nova política...
... em acordo com os interesses do Estado Novo tendo, porém, a Igreja representada por D. Alexandre como questionadora.*

O prefeito cumpriu sua obrigação, estimulando a prática desportiva segundo as determinações dos governos Estadual e Federal. Mas também o fez por compartilhar as concepções relativas à valorização do esporte como meio para se obter uma perfeita forma física, já que o mesmo fora um atleta, jogara futebol, quando jovem. Era, portanto, um amante dos esportes.

Whady Nassif estimulou a prática dos esportes também por meio da construção da Praça de Esportes Minas Gerais, considerada uma das mais modernas e amplas do interior brasileiro.¹⁹⁵ Segundo a imprensa local, no período ele também prestigiou pessoalmente muitas competições esportivas realizadas na Praça de Esportes (de natação e de ginástica), como também possibilitou várias demonstrações em praça pública das habilidades dos atletas uberabenses, principalmente dos ginastas,¹⁹⁶ durante comemorações cívicas.

Ainda relativamente à saúde pública, o prefeito Whady Nassif não mediu esforços em mobilizar a sociedade para que fosse resolvido um problema há muito existente na cidade: a lepra. No Estado de Minas Gerais, a cidade apresentava o maior índice de leprosos relativamente ao número de habitantes, os quais viviam pelas ruas

¹⁹⁴ FONTOURA, Sonia Maria. Op. Cit. Cap. IV. Para a historiadora o prefeito estava engajado na política do Estado Novo e contava com o apoio de parte da sociedade e até de intelectuais uberabenses, entre eles o Dr. José Mendonça, um defensor dessa idéia do melhoramento genético através do esporte.

¹⁹⁵ A construção da Praça de Esportes acarretou ao prefeito um problema com o bispo de Uberaba, D. Alexandre Gonçalves do Amaral, que na época queria que o terreno em que foi construída a praça fosse doado às Irmãs Dominicanas. Como o prefeito não atendeu ao seu pedido, o bispo se tornou um grande crítico da administração municipal, chegando inclusive a tecer duros comentários no jornal da diocese, o **Correio Católico**, no qual se pôde notar, segundo Lúcia Nassif, a clara perseguição ao administrador. Depoimento de Lúcia Nassif, em 04/12/2001, em Uberaba - MG.

¹⁹⁶ LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, nº 8944, 11/11/1941. A reportagem fala sobre comemorações cívicas que ocorreram na Praça de Esportes, com demonstrações de habilidosos nadadores e ginastas, além da instalação do Primeiro Congresso de Brasilidade, ocorrido no dia 10/11 e que contou com a presença do prefeito Whady Nassif, o qual em seu discurso, homenageou Getúlio Vargas e o 4º ano do Estado Novo.

esmolando, o que resultava em inúmeras reclamações da população em geral, pelo temor do contágio e porque não via com bons olhos a mendicância dos leprosos, principalmente nas ruas centrais da cidade.

Nesse período muitos doentes se encontravam num leprosário, chamado de Lazareto, no Bairro Abadia, mas que não tinha instalações adequadas para acomodá-los e muito menos oferecia boas condições de higiene. Outros moravam em casinhas construídas pela Sociedade São Vicente de Paulo. Os doentes só contavam com a ajuda de algumas pessoas piedosas e com a Sociedade de Proteção aos Lázarus, entidade formada por alguns membros da sociedade uberabense, mas que pouco podiam fazer em relação à necessidade de assistência médica e a de um lugar com boas condições de higiene para viverem.

O prefeito Whady, então, entrou em contato com colônias de leprosos com o intuito de mediar a internação dos doentes. Algumas colônias de leprosos foram criadas pelo governo de Minas Gerais como parte de uma política de amparo aos enfermos, implantada no período, mas que visava o isolamento dos doentes da população em geral.

Essas colônias ou hospitais construídos pelo Estado de Minas Gerais fizeram parte de um programa federal de combate a epidemias, que já era uma preocupação no século XIX, mas que se intensificou, no Brasil, no início do século XX. A necessidade de evitar e combater as epidemias, entre elas, a lepra, levou à criação das colônias, dos hospitais e também a toda uma preocupação com a higienização das cidades (e a implantação de água encanada, eliminação de cortiços, construção de novos banheiros, rede de esgoto).

Foucault,¹⁹⁷ em seu estudo sobre a loucura, afirma que apesar da lepra ter desaparecido do mundo ocidental no final da Idade Média, *a doença assim como a loucura, se isolou no contexto médico e se integrou num espaço moral de exclusão*. Na sua visão *os leprosários segregavam os doentes, mas num sentido médico, onde se buscava dar a ele um atendimento diferenciado, já que eles eram diferentes*. No Brasil a

¹⁹⁷ FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2000, p. 56.

idéia de se dar mais atenção à questão da lepra começou no governo Vargas, com a criação das colônias para substituir os antigos leprosários que não atendiam ao objetivo de isolar os doentes da sociedade, já que muitos deles ficavam nas cidades, enquanto as colônias, na sua maioria, foram criadas na zona rural.

Uma das colônias contatadas pelo prefeito foi a Colônia Santa Isabel, em Belo Horizonte, que num primeiro momento não pôde receber os doentes de Uberaba, mas que após um tempo se dispôs a internar em torno de 40 pessoas. Tempos depois foram mandados mais doentes para a Colônia Santa Fé, de Três Corações.¹⁹⁸

Para conseguir a internação dos leprosos, o prefeito, juntamente com o Centro de Saúde e a Sociedade de Proteção aos Lázaros, promoveu uma conferência no Jôquei Clube da cidade, sobre o Problema da Hanseníase no Triângulo Mineiro e em Uberaba, proferida pelo Dr. Afrânio Rodrigues da Cunha, médico e membro do Centro Internacional de Hansenologia. Além disso, tiveram que providenciar um censo de todos os doentes do município, que depois foram examinados por médicos que vieram de Belo Horizonte.

Para custear a ida dos doentes para a colônia, o município, juntamente com o Centro de Saúde, a Sociedade de Proteção aos Lázaros, a imprensa local e até a Rádio Sociedade do Triângulo Mineiro – a PRE-5,¹⁹⁹ organizou coletas de donativos entre as entidades de classe e a população em geral. Foram promovidos bailes para arrecadar fundos para a assistência aos portadores de lepra, entre eles a “Noite das Ciganas”, realizada no Grupo Escolar Brasil. Também foram recolhidos roupas e alimentos para abrigá-los no pátio da Penitenciária local por cinco dias, enquanto aguardavam o embarque.

¹⁹⁸ LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, 23/06/1942. O jornal fala em uma reportagem sobre a internação de leprosos de Uberaba na Colônia de Santa Fé.

¹⁹⁹ A Rádio Sociedade foi uma das primeiras rádios de Uberaba e tinha uma importância significativa nos meios de comunicação na época. Ela ainda está em funcionamento.

Após a retirada dos doentes do leprosário, onde se encontravam em um estado de miséria muito grande, foi ateado fogo ao mesmo, só restando uma sinistra lembrança na memória da população.²⁰⁰

A grande preocupação da sociedade não era apenas a ajuda médica e humanitária aos doentes. Essa ação era considerada de importância vital para a proteção da população uberabense contra a doença, o que ficou evidente quando começaram a retornar alguns doentes e as pessoas começaram a reclamar da presença delas nas ruas da cidade. A população não temia apenas o contágio da doença, reclamava da simples presença dos leprosos, como se não desejasse mais vê-los e esperava que o problema fosse solucionado de uma vez por todas.²⁰¹

A atitude do prefeito, de internar os doentes de lepra, acabou tendo um efeito marcante na população, que foi o de demonstrar que ele estava preocupado com os problemas não só de saúde pública, como também se interessava pelos problemas sociais da cidade. Ele pode não ter conseguido resolver o problema, mas conseguiu sensibilizar alguns setores da sociedade para o caso e fez com que aderissem ao seu projeto de buscar recursos para que os leprosos fossem melhor assistidos. A forma também como lidou com os doentes, os contatos que manteve com eles, como conduziu todo o processo, demonstra que ele não queria apenas limpar a cidade da presença deles, mas ao mandá-los para a colônia de leprosos, queria que eles tivessem uma assistência médica que não existia naquela época na região.

A retirada dos leprosos da cidade foi sucedida por um trabalho de saneamento da doença em Uberaba, por meio do calçamento das ruas, da implantação da rede de água e esgoto e de investimentos em saúde pública.²⁰²

Outro aspecto da administração pública na gestão do prefeito Whady foi a atenção dada ao ensino público em Uberaba. Ele buscou recursos para a criação de

²⁰⁰ BILHARINHO, José Soares. **História da Medicina em Uberaba**. Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1983, p. 902 a 918. Essa obra conta a história da medicina em Uberaba e traz os dados sobre esse episódio, além de falar que foram internadas ao todo 140 pessoas portadoras de lepra, embora algumas delas tenham voltado para a cidade sete meses depois, por não terem se adaptado à colônia para a qual foram levadas.

²⁰¹ Idem.

²⁰² BILHARINHO, José Soares. **História da Medicina em Uberaba**. Op. Cit..

novas escolas tanto na zona rural quanto na zona urbana, bem como para manter em bom estado de funcionamento as que já existiam na cidade. As escolas de Uberaba contavam com mais de 6000 alunos matriculados em dezembro de 1941. Esse fato foi motivo de muitos elogios à administração municipal por parte da imprensa da cidade. Em uma reportagem, por ocasião da passagem do ano novo, foi feito um balanço geral da administração Whady Nassif até aquele momento, tendo sido reconhecida como brilhante e seu governo considerado como *um dos mais esclarecidos dos últimos tempos*.²⁰³

Outro ponto considerado relevante de sua administração, não só com relação à educação, mas também no que diz respeito à ampliação da cultura local, foi a criação da Biblioteca Pública Municipal.²⁰⁴ A cidade não tinha, naquela época, uma biblioteca que atendesse à população em geral; as que existiam eram as dos colégios e escolas, acessíveis apenas aos seus alunos e as particulares, que eram privilégio dos poucos membros das grandes famílias tradicionais.

A atenção dada à cultura, no que se refere aos cuidados com o ensino público e a criação da biblioteca, estavam ligados à política de educação implantada por Gustavo Capanema no Ministério da Educação. Como essa política priorizava o ensino primário e secundário, tornou-se necessário criar uma estrutura que possibilitasse essa prioridade educacional, representada na criação de bibliotecas e no estímulo à leitura.²⁰⁵

Segundo Schwartzman:²⁰⁶

O que ocorria na área da educação e da cultura naqueles anos fazia parte de um processo muito mais amplo de transformação do país, que não obedecia a um projeto predeterminado nem tinha uma ideologia uniforme, mas que tem sido estudado, mais recentemente, como um processo de “modernização

²⁰³ LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, 31/12/1941, p. 7.

²⁰⁴ Panfleto sobre os **Cinco Anos de Administração de Whady Nassif**, material cedido pela família. Nele estão as principais realizações do prefeito, entre elas a criação da Biblioteca Pública Municipal.

²⁰⁵ PILETTI, Claudino e Nelson. **História da Educação**. 2 ed. São Paulo: Ática, p. 178-179. A obra aborda as mudanças ocorridas na educação no governo Vargas, antes e depois do Estado Novo, tanto no que se refere ao ensino primário quanto secundário.

GOMES, Ângela Maria de Castro. O Homem que virou palácio. Op. Cit. p. 84. Ela cita também outras iniciativas de Capanema à frente do Ministério da Educação, como a criação da Comissão Nacional de Literatura Infantil, em 1936, coordenada por Murilo Mendes, visando o estímulo à leitura.

²⁰⁶ SCHWARTZMAN, Simon. Introdução. In: **Tempos de Capanema**/ Simon Schwartzman, Helena Maria Bousquet Bomeny e Vanda Maria Ribeiro Costa. Rio de Janeiro: Paz e Terra; SP: EDUSP, 1984, (Coleção Estudos Brasileiros; v. 81) p. 18 e 19.

conservadora”. Um processo que permite a inclusão progressiva de elementos de racionalidade, modernidade e eficiência em um contexto de grande centralização do poder, e leva à substituição de uma elite política mais tradicional por outra mais jovem, de formação cultural e técnica mais atualizada. É natural que os membros desta nova elite, que vêem seus espaços se alargarem, se identifiquem com as virtudes do novo regime, mesmo que percebendo, e freqüentemente criticando, muitas de suas limitações. Isto explica, sem dúvida, a visão contraditória que muitas vezes temos dos tempos de Capanema – tempos da arte moderna, da educação moral e cívica, do predomínio da cultura clássica sobre a científica nas escolas, ... do apoio ao rádio e ao teatro, da censura ideológica... Tempos conturbados, tempo real.

Por isso se fazia necessária a construção da Biblioteca Pública já que a cidade de Uberaba não dispunha de uma.

O Prefeito se preocupou também com instituições prestadoras de serviços, oferecendo os terrenos necessários para a construção de prédios para a instalação dos Correios e Telégrafos, para o Abrigo de Menores, para a Casa da Criança e para o Tiro de Guerra 168.²⁰⁷

Ele subvencionou, anualmente, com mais de 100 contos de réis, as casas de caridade de Uberaba,²⁰⁸ que existiam na época. Entre essas casas de caridade estavam a Santa Casa de Misericórdia, o Asilo dos Dementes, o Asilo São Vicente de Paulo e o Asilo Santo Antônio.²⁰⁹ A ajuda dada às casas de caridade foi discutida em reunião na Câmara Municipal, na qual também se discutiu a assistência que seria dada aos mendigos, doentes e menores abandonados, que traziam uma péssima impressão aos forasteiros. No final da reunião, ficou decidido que não seria permitida a mendicância nas ruas da cidade e que seriam angariados recursos para as casas de caridade, para que elas tentassem resolver o problema.²¹⁰

Com relação à pecuária, que era uma das principais fontes de lucros e negócios da cidade e região, o prefeito também dedicou uma atenção especial, já que as

²⁰⁷ Panfleto: **Cinco Anos da Administração de Whady Nassif**. Produzido pela própria prefeitura, onde nele foi feito um levantamento, de forma bem sintética, das realizações do governo Nassif, durante os cinco anos de sua administração. Ao que parece, foi feito provavelmente em 1942. Ele traz também citações que elogiam o presidente Getúlio Vargas e o interventor Benedito Valadares.

²⁰⁸ Panfleto: **Cinco Anos da Administração de Whady Nassif**. Op. Cit.

²⁰⁹ LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, 31/12/1941, p. 7. Foi encontrado em outros jornais, de anos anteriores, sempre no último dia do ano, uma reportagem falando sobre a administração municipal, resumidamente no período que se encerrava e sobre suas ações sociais.

²¹⁰ Ata da Câmara, do dia 29/08/1941, p. 5 a 10. Arquivo Público Municipal.

exposições anuais de gado zebu atraíam compradores de outras partes do Brasil, sendo também responsáveis pela projeção do nome da cidade. Como medida de apoio aos pecuaristas ele ajudou a implantar na cidade a Fazenda Modelo, que funcionou até bem pouco tempo como uma espécie de campo de pesquisas genéticas, colaborando para a melhoria do plantel zebuino na região; foi inclusive, visitada por Getúlio Vargas nas vezes em que esteve na cidade por ocasião das exposições de gado.²¹¹

O prefeito também mediou um convênio firmado entre a prefeitura de Uberaba e o Ministério da Agricultura, na época sob a gestão do Ministro Fernando Costa, para que fosse criado o Parque de Exposições Agropecuárias, que recebeu a denominação de Fernando Costa em homenagem ao ministro. Para a construção do parque, que é até hoje palco de exposições anuais de gado, a prefeitura doou o terreno, cerca de 150.000 metros quadrados, e o governo federal, através do Ministério da Agricultura, investiu na obra mais de mil contos de réis. As obras de construção do parque começaram em 1939, tendo sido inaugurado pelo Prefeito em 10 de maio de 1941, com a presença do presidente Getúlio Vargas, do interventor Benedito Valadares, do ministro da agricultura, Fernando Costa.²¹²



Figura 15. Entrada do Parque Fernando Costa, construído em estilo colonial meses antes da inauguração em 1941. Referência: Acervo da família Nassif.

A atenção dada aos pecuaristas da cidade e da região, através da doação do terreno para a construção do parque de exposições, também trouxe bom resultado político para o prefeito. Ele passou a ser visto pelos criadores de gado como um grande

²¹¹ LOPES, Maria Antonieta Borges, E, REZENDE, Eliane Mendonça Márquez de. **ABCZ: história e histórias**. 2 ed. São Paulo: Comdesenho Estúdio e Editora, 2001, p. 75.

²¹² LOPES, Maria Antonieta Borges. Op. Cit. p. 79.

incentivador da atividade pecuária e, em especial, do gado zebu, que vivia o processo de expansão dos negócios e enriquecia muitos que investiram no setor agropecuário.²¹³



Figura 16. Baile no Jockey Clube de Uberaba onde compareceram autoridades governamentais incluindo Getúlio Vargas, maio de 1941. Referência: Acervo da família Nassif.

Ainda com relação às suas ações como prefeito de Uberaba, Whady conseguiu recursos para adquirir caminhões e automóveis, além de tratores e máquinas para o município, com os quais ele abriu estradas, como a que ligava Uberaba a Barretos, passando por Barra do Buriti e a estrada Uberaba a Uberlândia, passando pela Palestina. Sem falar que reformou mais de 650 km de rodovias que já existiam, construiu centenas de “mataburros”²¹⁴ e pontilhões nas estradas rurais, bem como pontes de concreto armado sob o Rio Tijuco, na estrada de Uberaba - Uberlândia , via Tijuco.²¹⁵



Figura 17. Construção de aterro em trecho da estrada entre Uberaba e Conceição das Alagoas, 1942. Referência: Acervo da família Nassif.

²¹³ Idem, p. 103-104. A gestão de Whady Nassif é mostrada como “transformadora e resultante dos bons negócios e do dinamismo econômico alcançado pela cidade com a criação e comercialização do gado zebu.”

²¹⁴ Um mataburro fica sempre em uma divisa de uma propriedade rural, ele pode ser construído de madeira, trilho de ferro ou até mesmo de vigas de concreto. É muito comum nas estradas da zona rural.

²¹⁵ Panfleto: **Cinco Anos da Administração de Whady Nassif**. Op. Cit.

Entre as obras da administração municipal, acrescentam-se reformas nas dependências do Mercado Municipal, no Matadouro Municipal, no prédio da Prefeitura, e até no Aeroporto, onde foi colocada uma melhor sinalização, construída uma casa para rádio e colocadas antenas, além de outros serviços.²¹⁶

2.6. A estética estadonovista na representação da gestão Nassif

A administração do prefeito Whady Nassif, até 1942, parece ter se desenrolado de uma maneira muito satisfatória para o governo, tanto federal quanto estadual. A própria população uberabense parece ter visto com bons olhos as melhorias realizadas por ele e o impulso que foi dado em termos do crescimento da cidade. Pelo menos é o que deixam transparecer as várias reportagens encontradas na imprensa local, que não media esforços para cobrir sua administração de elogios. Até um jornal de outra cidade, “O Triângulo” de Araguari, elogia sua administração:

... “A receita da cidade tinha sido orçada em 2.075:000\$000 e a arrecadação total foi além, atingindo nada menos que 2.240:000\$000, havendo portanto, um “superávit” de 165:000\$000.

Esse fato, que se comprova pela afirmação eloqüente dos algarismos, mostra que exuberantemente estão reservados dias de brilhante futuro para o rico município triangulino, onde se verifica atualmente um surto de progresso de grandes proporções.”²¹⁷

O mesmo jornal, alguns meses depois,²¹⁸ torna a destacar uma homenagem prestada ao prefeito de Uberaba, Whady Nassif, pelos inúmeros serviços prestados à sociedade uberabense enquanto à frente da prefeitura. Essa homenagem, segundo o jornal, teria sido feita no salão de festas do Jôquei Club, o maior clube de Uberaba, tendo sido distinguida por um banquete ao qual compareceram personalidades da cidade e um representante do governador do Estado de Minas Gerais.

²¹⁶ Panfleto sobre os **Cinco Anos da Administração de Whady Nassif**. Op. Cit.

²¹⁷ JORNAL O TRIÂNGULO, Araguari, 20/01/1941, primeira página. Trechos da reportagem: Eloqüente afirmação dos algarismos.

²¹⁸ JORNAL O TRIÂNGULO, 03/06/1941, última página. Síntese da reportagem: A Homenagem ao Dr. Whady Nassif.

É farto o material encontrado nos jornais locais, muito mais no Jornal Lavoura e Comércio, que parece ter apoiado a sua administração e o governo de Vargas,²¹⁹ como também em outros que estão no acervo do Arquivo Público Municipal.²²⁰ A maioria elogia o seu trabalho e as suas obras, abordando também a forma com que ele se relacionava com os poderes estadual e federal.²²¹



Figura 18. Reportagem do Lavoura e Comércio onde foi feito um balanço da administração do prefeito no ano de 1941. Referência: arquivo particular do Jornal Lavoura e Comércio.

Nessas reportagens são destacadas também as comemorações organizadas pela prefeitura por ocasião do aniversário do presidente Getúlio Vargas, onde se faziam concentrações na praça Rui Barbosa, com a presença de delegações operárias e milhares de pessoas, para ouvirem os discursos das autoridades e prestigiar os desfiles dos alunos das escolas da cidade, ao som da banda de música do 4º Batalhão.²²²

²¹⁹ Segundo um editorial do dia 13/12/1999, p. 2. Caderno – Especial Comemorativo dos 100 Anos do Jornal Lavoura e Comércio, consta que o jornal “se dividia entre aplaudir e criticar o polêmico presidente Getúlio Vargas; pois ora seu governo merecia aplausos por criar o salário-mínimo, e ora merecia críticas e repúdio por mandar fechar jornais; mas nas entrelinhas, porém, ficava nítida a admiração do jornal pelo homem que também se dividia entre ser ditador e democrático. ”

²²⁰ Foram encontrados artigos em jornais locais, como o Correio Católico, mas também em jornais da região, como O Triângulo de Araguari, e A Tribuna de Uberlândia, todos com reportagens em diferentes momentos da administração do prefeito Whady Nassif, até certo ponto favoráveis à sua atuação.

²²¹ Um dos jornais consultados foi A Tribuna, Uberlândia, do dia 24/06/1943. Primeira página. Reportagem: Dr. Whady Nassif.

²²² LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, nº 8769, 19/04/1941, Primeira página. Reportagem: Presidente Getúlio Vargas – Uberaba vibra de entusiasmo cívico, comemorando a data natalícia do primeiro magistrado da Nação. As imponentes festividades a que o povo em peso está dando a sua solidariedade.



Figura 19. Atividades comemorativas alusivas ao aniversário de Getúlio Vargas na Praça Rui Barbosa em Uberaba, 1941. Referência: Acervo da família Nassif.

Na época, essas manifestações públicas eram freqüentes nas cidades do interior assim como nas grandes cidades brasileiras. A maioria da população local também via essas manifestações de louvor ao chefe da nação e culto à sua imagem, como maneiras de demonstrar seu patriotismo e sua postura cívica.²²³

Essas manifestações públicas segundo Capelato²²⁴ podem ser vistas sob outro olhar, ou seja, como demonstração de que:

*Nos regimes autoritários que se fundamentam na política de massas, a teatralização tem papel mais importante: o mito da unidade e a imagem do líder atrelado às massas convertem o cenário teatral especialmente adequado para o convencimento. O imaginário da unidade mascara as divisões e os conflitos existentes na sociedade. E a propaganda política enfatizava a busca de harmonia social e a eliminação dos conflitos...
... e a teatralização do poder por meio das festas cívicas e esportivas ... tinha como objetivo central criar a imagem da sociedade unida, harmônica, alegre e feliz, ocultando as práticas repressivas exercidas para manter o controle social.*

Nas reportagens, em geral, aparecem palavras de ordem como civismo, patriotismo e também de agradecimentos ao fato do presidente Getúlio Vargas estar à frente do país, colocando-o em uma nova unidade e harmonia, levando-o à sonhada prosperidade que todos os brasileiros tanto esperavam. Em Uberaba essas homenagens eram organizadas pela prefeitura e sempre ocorriam no dia 19 de abril, começando com

²²³ LAVOURA E COMÈRCIO, Uberaba, nº 8769, do dia 19/04/1941. Primeira página.

²²⁴ CAPELATO, Maria Helena R. **Multidões em Cena** – Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo. Op. Cit. p. 57-58.

uma missa campal, às 8 horas da manhã, na praça Rui Barbosa, ponto central da cidade, depois seguidas de desfiles de escolas, entidades trabalhistas e muitos pronunciamentos.²²⁵

Na verdade, esse período foi marcado por muitas contradições, pois apesar de ter instalado um governo ditatorial, Getúlio Vargas sempre soube manipular os corações e as mentes do povo pobre e trabalhador, com seus discursos populistas e carismáticos, com a atuação do DIP e principalmente com sua política de modernização conservadora do Brasil. Por isso, seu nome ganhou ruas, praças e avenidas por todo o país, e mesmo em cidades como Uberaba, que ele visitou somente algumas vezes, por ocasião das exposições de gado, era sempre lembrado como o “pai dos pobres”, merecedor das homenagens por ocasião do seu aniversário.

A manipulação de imagens e símbolos produzidos pela propaganda do governo Vargas, como as marchas, os uniformes, as palavras do chefe nos discursos no dia 1º de maio, compunham um cenário que transmitia ao povo a sensação de ordem e a idéia de progresso. E em Uberaba essa política se concretizava na organização das festividades públicas em torno do aniversário de Getúlio Vargas, nos desfiles das escolas e das entidades operárias e até mesmo nos discursos inflamados de civismo proferidos pelo prefeito e demais autoridades locais, que depois eram amplamente divulgadas nos jornais.



Figura 20. Getúlio Vargas em almoço com demais autoridades na Fazenda Modelo em Uberaba em maio de 1942, por ocasião de sua vinda a cidade durante a feira de gado Zebu. Referência: ABCZ: 50 Anos de Histórias e Estórias.

Ainda segundo Capelato,²²⁶

²²⁵ LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, nº 8769, do dia 19/04/1941. Primeira página.

O efeito do visado controle do Estado Novo sobre os meios de comunicação era a conquista do apoio necessário à legitimação do novo poder, oriundo de um golpe.

Em outro de seus trabalhos, Capelato²²⁷ volta a enfatizar sua posição, afirmando que

No entrelaçamento da política com a ação simbólica, ocorre a teatralização do poder, jogos de cena, dramaturgia e representação. A dramaturgia se relaciona então com o imaginário coletivo. O poder se realiza pela produção e transposição de imagens, pela manipulação de símbolos e sua organização num quadro cerimonial. O varguismo e o peronismo, inspirados no espetáculo nazista, entram em cena promovendo comemorações de todo tipo: festas cívicas e esportivas, com a realização de paradas, desfiles civis e militares, demonstrações de ginástica, jogos, comícios, espetáculos de canto orfeônico, hinos, construção e inauguração de monumentos grandiosos, etc. Nesses eventos a propaganda política oficial se manifestava, apropriando-se dos temas e aspirações populares.

2.7. A relação do prefeito com a sociedade local e a política nacional

O relacionamento de Whady com a sociedade uberabense também se pautava segundo os ditames da ditadura Vargas, nas quais muitas vezes se fundiam, em vários momentos, os sentimentos de patriotismo com os instrumentos de dominação. Ora suas ações eram vistas como progressistas, ora vistas como continuação da política presidencial.

Pois segundo ainda Capelato:²²⁸

No Brasil de Vargas, a batalha de símbolos também visava estimular a produção de sentimentos favoráveis ao regime. O golpe de 1937 e a instauração do Estado Novo eram justificados como medidas de salvação contra os inimigos... as oligarquias decadentes... os comunistas. O Estado Novo completaria a obra de destruição e construiria um Brasil Novo, um Brasil próspero.

²²⁶ CAPELATO, Maria Helena R. **Multidões em Cena** – Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo. Op. Cit. p. 58.

²²⁷ CAPELATO, Maria Helena R. Propaganda Política e Construção da Identidade Nacional Coletiva. In: **Revista Brasileira da História**. São Paulo: ANPUH, Vol. 16, nº 31 e 32, 1996, p.336,337.

²²⁸ Idem, p. 342 e 347.

Esse poder místico atrela o destino do homem deus ao da Pátria. Sua imagem se mescla à da Pátria una e imortal; o destino desse homem é o mesmo do Brasil. A divinização do chefe e sua identificação mística com a Pátria, se insere no movimento de sacralização da política que caracteriza esses regimes, reforçando o exercício da dominação. Atribui-se ao chefe um poder de controle do tempo coletivo, de modificação do passado, transformação do presente e produção do futuro.

Quando o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial, em 1942, os efeitos do conflito começaram a repercutir em Uberaba, embora eles já se fizessem presentes no ano anterior. Um dos primeiros efeitos foi a indicação do prefeito Whady Nassif para a presidência da Junta de Alistamento Militar da cidade.²²⁹ Coube a ele mandar publicar o Edital de Convocação de Sorteados da 12ª Circunscrição de Recrutamento de Juiz de Fora, 4ª Região Militar, à qual Uberaba estava ligada. Os sorteados deveriam se apresentar na cidade de Pouso Alegre, no 8º Regimento de Artilharia Montada.

A ida de vários recrutas de Uberaba para Juiz de Fora, ao todo 416, seguidos de mais 110 que foram para São João Del Rey, mudou a rotina da cidade. Em 1944, outros foram enviados para servir em Natal, na base de defesa do litoral, enquanto outros foram para o Rio de Janeiro e de lá embarcaram para os campos de batalha na Itália, só retornando com o fim da guerra. Ao todo foram convocados 884 reservistas de Uberaba.²³⁰

A população local também se mobilizou para colaborar no esforço de guerra, durante a campanha organizada em todo o país, para arrecadar objetos de metal para a fabricação de armas, que teve início em setembro de 1942, após a declaração de guerra à Alemanha. Os metais doados pela população foram entregues na Praça Rui Barbosa e a quantidade de metal arrecadada foi significativa.

Enquanto isso, foi criada a Legião Brasileira de Assistência para dar apoio às famílias dos recrutas que foram convocados para lutar na Europa ou na defesa do litoral brasileiro. Em Uberaba ela foi presidida pela esposa do prefeito, a senhora Maria

²²⁹ LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, 08/01/1942.

²³⁰ Revista: **Uberaba na 2ª Guerra Mundial**. Arquivo Público de Uberaba. Ano II. Série: Documento e História. Agosto/1995, n 2, p. 16.

Noronha Nassif, que contou com a participação de um número elevado de senhoras da elite local²³¹.

Com a Guerra, vieram também muitas dificuldades, como o tabelamento de preços de alguns gêneros que começaram a faltar no comércio e que também tiveram o seu preço controlado por causa das altas especulativas ocasionadas pelo conflito. Isso fez com que o prefeito tivesse que tomar algumas atitudes mais firmes na resolução dos problemas e convocar reuniões na Câmara para que fossem discutidas as medidas a serem tomadas.

Outro problema que afetou a cidade foi o racionamento de combustível, que, para ser solucionado, foi necessário a convocação de uma reunião na Câmara Municipal,²³² a fim de ser encontrada uma forma de distribuição do combustível, já que a cota de gasolina para Uberaba, no mês de janeiro de 1943, fora de apenas 60.000 litros. Na reunião ficou resolvido que a distribuição seria feita mediante o fornecimento de talões de racionamento e que seria feito um pedido de aumento da cota de combustível para que fosse feito o transporte da safra agrícola.

Alguns dias depois, em nova reunião²³³ foi decidido que seria averiguado junto aos plantadores de arroz a quantidade de cereal a ser transportado e a quantidade de gasolina necessária para tal. Também decidiu que seria feito um pedido às fornecedoras para que a remessa de gasolina fosse feita de maneira mais freqüente e que fossem solicitadas, junto ao Serviço de Comércio do Estado de Minas Gerais, mais informações sobre a cota de combustível destinada a Uberaba. E, por último, resolveu-se também fazer uma modificação na lista de distribuição de gasolina.

Uma semana depois da segunda reunião realizada para resolver os problemas do racionamento de combustível na cidade, fez-se necessária uma nova reunião,²³⁴ em que se decidiu proceder a uma severa vigilância contra os fraudadores do produto, para terminar com a prática de misturas estranhas na gasolina recebida e racionada, que prejudicava a qualidade da mesma e desrespeitava as normas vigentes.

²³¹ LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, nº 10.007, 14/09/1942.

²³² Ata da Câmara Municipal do dia 09/02/1943.

²³³ Ata da Câmara Municipal do dia 12/02/1943.

²³⁴ Ata da Câmara Municipal do dia 19/02/1943.

Em meio a tantas mudanças ocorridas na cidade de Uberaba, chamou atenção durante a administração do prefeito Whady Nassif a tolerância com o jogo, considerando o caráter conservador da sociedade local, que difundia uma imagem de defensora dos mais puros valores integralistas.

O fato foi que no ano em que se inaugurou a sede da Sociedade Rural do Triângulo Mineiro, hoje Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), no Parque Fernando Costa, e aproveitando, então, esse momento de mudanças patrocinado pelo período de “apogeu do Zebu” na cidade,²³⁵ uma firma, Paulo Losso & Cia., resolveu abrir uma casa de diversões e espetáculos em Uberaba. Com isso, surgiu no cenário e na história da cidade, o Cassino da Exposição.

Inaugurado no dia 03 de maio de 1941, localizado ao lado do Parque Fernando Costa, foi chamado de “Palácio Iluminado” da então recém aberta Avenida Fernando Costa.²³⁶ A casa de espetáculos prometia trazer artistas de renome ²³⁷ e promover eventos que agradassem a toda a sociedade uberabense.

Durante duas temporadas, 1941 e 1942, sempre aproveitando a época da Exposição Nacional de Gado Zebu, quando um grande número de políticos de expressão nacional, pecuaristas e pessoas de outras regiões se encontravam neste evento, o Palácio Iluminado funcionou promovendo shows de sucesso, de público e de crítica. Próximo ao cassino funcionava também o Jôquei Clube, realizando corridas de cavalos. Enfim, o cassino e a região que o circundavam se tornaram locus de sociabilidades, freqüentado pela alta sociedade uberabense.

²³⁵ Expressão citada por LOPES, Maria Antonieta Borges, E, REZENDE, Eliane Marquez Mendonça de. **ABCZ, 50 Anos de História e Estórias**. Edição ABCZ. 1984, p. 88.

²³⁶ LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, nº 9081, 20/04/1942, p. 3.

²³⁷ Idem. A reportagem fala sobre a apresentação de Sílvio Caldas no cassino em 1941.



Figura 21. Anúncio da inauguração do Cassino em maio de 1941.
Referência: Arquivo particular do Jornal Lavoura e Comércio.

Ao lado das mesas de bacará²³⁸ e da roleta²³⁹ freqüentadores faziam suas apostas, artistas de diversas partes do país e até do exterior abrilhantavam as noites do cassino. Entre estes estavam cantoras e cantores famosos da época, grupos de bailarinos e dançarinas individuais, humoristas, ventríloquos, mágicos, um transformista²⁴⁰, sopranos, duplas caipiras (que além de cantores eram também humoristas). Sílvio Caldas, que se apresentou em 1941, atraiu um grande público²⁴¹.

O cassino promovia festas muito prestigiadas, como a festa da Boneca, das Rosas, do Abajour, do Perfume, do Rádio e ainda tardes dançantes²⁴². Além destas festas, outras foram promovidas, igualmente valorizadas pela sociedade local e apoiadas pelas damas, em prol de casas assistenciais dedicadas a obras de caridade. Nelas foram feitos sorteios de prêmios aos freqüentadores como forma de arrecadação de recursos para benefício de instituições como: a Casa da Criança, a Santa Casa de Misericórdia, o Abrigo de Menores, o Preventório de Uberaba²⁴³ e o Uberaba Esporte Clube.²⁴⁴

²³⁸ Jogo carteadado, de origem francesa, em que tomam parte um banqueiro e vários jogadores, os quais apostam nas cartas tiradas para a banca (8) ou nas tiradas para o ponto (21), ganhando o grupo que, com duas ou três cartas perfizer um total de pontos que mais aproxime de nove. Fonte: **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986, p. 215.

²³⁹ **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Op. Cit. p. 596. Jogo de cassino onde se fazem apostas no número onde parará a bolinha após o giro da roleta.

²⁴⁰ LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, nº 8903, 24/09/1941. A reportagem fala sobre a apresentação do transformista Aymond no cassino.

²⁴¹ LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, nº 9081, 20/04/1942, p. 3.

²⁴² Idem, nº 9088, 28/04/1942. Ou ainda como se encontra registrado na reportagem: “cook-tails dansantes”, com cantoras como a portuguesa Irene Coelho.

²⁴³ A reportagem informa: A renda de uma das festas era para o Preventório de Uberaba ou Casa dos Leprosos, leprosário que cuidava dos portadores de Hanseníase em Uberaba. Sociedade beneficente encarregada de proteger os filhos de Lázaro. Idem, nº 9107, 18/05/1942.

²⁴⁴ Time de futebol de campo profissional de Uberaba.

É interessante observar que as propagandas e as manchetes sobre o cassino, encontradas nos exemplares do jornal *Lavoura e Comércio* da época, nos mostram que o ambiente era familiar e freqüentado pela sociedade uberabense.²⁴⁵

O cassino foi fechado subitamente em 1942 quando, segundo relato de dois moradores do Bairro São Benedito²⁴⁶, ocorreu um incidente envolvendo a morte de um cavalo do Jóquei Clube, em circunstâncias “não muito claras”.²⁴⁷ Com o fechamento do Jóquei, o cassino também cerrou suas portas, “por motivos de força maior,”²⁴⁸ pois os grandes freqüentadores deixaram de vir a Uberaba, embora ainda existissem cassinos funcionando no Brasil.

No entanto, o fechamento do cassino em Uberaba tem versões diferentes. Segundo alguns jornais consultados,²⁴⁹ os reais motivos não foram esclarecidos. O *Lavoura e Comércio* afirmava que o prefeito Whady Nassif teria sido o responsável pelo fechamento do cassino, em cumprimento à determinação do governo federal, em fevereiro de 1943.²⁵⁰ A versão de que foi o prefeito que fechou o cassino consta em seu discurso, quando deixou o cargo.

O relacionamento do prefeito com a sociedade uberabense não era tão bom quanto parecia, pois, em 14 de junho de 1943 o prefeito Whady Nassif pediu, em caráter irrevogável, a sua exoneração do cargo ao Governador Benedito Valadares. Essa causou

²⁴⁵ LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, nº 9088, 28/04/1942. O jornal traz uma nota sobre a festa em benefício da Santa Casa de Misericórdia, a qual contou com a participação de famílias ilustres da sociedade uberabense.

²⁴⁶ Depoimento oral do sr. Anselmo Carille, 93 anos, aposentado e morador de Uberaba, no dia 20/05/2000. E também de seu filho, Derval Carille, 62 anos, marceneiro, sobre o fechamento do cassino de que ambos tiveram conhecimento na época.

²⁴⁷ “O cassino foi fechado devido a um incidente envolvendo a morte de um cavalo, em circunstâncias não muito claras e esclarecidas na época. Parece que ele teria sido morto e pertencia a um rico fazendeiro que sempre trazia cavalos para correrem no Jóquei Clube. Com a morte do cavalo o Jóquei foi fechado e o cassino também, pois os grandes freqüentadores deixaram de vir a Uberaba, por causa do incidente. Isso foi o que se comentou na época.” (Depoimento de Anselmo e Derval Carille, 20/05/2000) O jornal *Lavoura e Comércio* do dia 20/03/1945 também cita o fechamento do cassino, por “motivos de força maior”.

²⁴⁸ Idem.

²⁴⁹ Os jornais consultados foram o *Lavoura e Comércio* (em seu arquivo) e o *Correio Católico* (nos exemplares do acervo do Arquivo Público de Uberaba).

²⁵⁰ LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, nº 10.128, 06/02/1943.

um impacto muito grande, não só na sociedade como também na imprensa local, que noticiou o ocorrido em primeira página.²⁵¹

Em outras cidades próximas o fato mereceu também reportagens de destaque, como no caso do jornal “A Tribuna”²⁵² de Uberlândia, que noticiou sua exoneração também na primeira página, assim como também publicou o telegrama enviado ao governador pelo prefeito e a resposta de Benedito Valadares.

No telegrama enviado ao governador o prefeito Whady Nassif pede a sua exoneração, alegando não conseguir resolver os problemas de desarmonia local.

“Exercendo há quase seis longos anos o cargo de Prefeito deste município e não desejando mais continuar à frente do mesmo, quando atravessa uma fase de grande desarmonia a família uberabense, venho respeitosamente deixar nas mãos de v. excia. o cargo de Prefeito Municipal de Uberaba, cargo que sempre procurei exercer com dedicação e lealdade.

E ao tomar essa atitude desejo reafirmar a v. excia a minha inteira solidariedade ao seu governo sábio e realizador, e agradecer sinceramente todas as demonstrações de apreço à minha pessoa e de prestígio à minha administração em cujo longo período, v. excia. realizou o sonho de Uberaba, dotando-a de força, luz e água.

Reafirmando a v. excia. a minha inteira amizade e sincera solidariedade, subscrevo-me respeitosamente. - Whady Nassif – Prefeito de Uberaba.”

Respondendo ao Prefeito, também por telegrama, o governador aceitou o pedido de exoneração do Prefeito.

“Prefeito Whady Nassif – Uberaba - Venho comunicar-lhe que, atendendo necessidade de harmonizar a situação do município, e considerando a circunstância de haver o prezado amigo, por mais de uma vez, como ainda agora, posto em minhas mãos sua renúncia ao cargo de Prefeito, concedi-lhe hoje exoneração do referido cargo, nomeando para o mesmo o Dr. Carlos Martins Prates.

Desejo apresentar-lhe os meus agradecimentos pelos patrióticos serviços que com dedicação, eficiência e lealdade prestou ao Estado e ao município, no exercício daquelas, e, ao mesmo tempo manifestar-lhe que será grato ao meu governo em qualquer oportunidade continuar a prestar sua colaboração em outras atividades da administração. Saudações cordiais – Benedito Valadares – Governador do Estado.”

²⁵¹ Idem, nº 10.236, 15/06/1943. Primeira e última página. Reportagem: Exonerou-se do cargo de Prefeito de Uberaba o Dr. Whady José Nassif.

²⁵² Jornal A TRIBUNA, Uberlândia, nº 1685, 24/06/1943. Primeira página.

A reportagem lembra a brilhante administração do prefeito Whady Nassif e lamenta o fato dele ter pedido a exoneração do cargo, embora elogie também a forma como honrosamente decidiu se afastar do cargo. Embora deixe em suspenso os motivos da saída do prefeito, a reportagem questiona o que o teria levado a tomar essa atitude.

Os motivos que levaram o prefeito Whady Nassif a deixar o cargo não estão nos documentos oficiais e nem nos artigos de jornais. Por meio de alguns depoimentos orais podemos entender um pouco do que teria acontecido na época. Também uma reportagem de jornal da época de seu falecimento, em 1984, esclarecia um pouco mais sobre o seu pedido de exoneração, apontando as pressões que sofreu quando ocupou o cargo de prefeito e a oposição de certos grupos locais à sua administração.

Segundo o Jornal Lavoura e Comércio:²⁵³

Logo depois que assumiu o exercício de chefe do Executivo Municipal, Whady José Nassif começou a sentir a hostilidade de antigos companheiros que tiveram, com a escolha de seu nome, ambições e interesses contrariados. Essa hostilidade, vasada quase sempre em críticas vazias, despidas de conteúdo cívico e animadas somente do desejo de ferir o governante municipal e confundir a opinião pública, prolongou-se ao longo de sua administração. Mas não conseguiram perturbá-la e nem modificar seu roteiro de realizações. A personalidade política de Whady José Nassif pode ser definida como exemplo de modéstia atuante, de serenidade e ponderação. Prestou, sem alardes, sem... propaganda, bons serviços a esta cidade e a esta zona, fazendo-o com firmeza, indiferente e superior a críticas acerbas porém vazias de conteúdo, e acolhendo com boa vontade sugestões criteriosas feitas por correligionários ou mesmo adversários políticos.

Mas se observarmos que ao longo de sua administração, mesmo com a aparente aprovação da grande maioria da população às reformas que o Prefeito realizou na cidade, alguns aspectos podem ter motivado as críticas e a hostilidade de muitos. Algumas atitudes e medidas tomadas por ele podem ter gerado ressentimentos que só detectamos em alguns relatos e que ele mesmo não deixou transparecer em seu discurso final, quando da transferência do cargo ao seu sucessor.

Uma dessas atitudes foi a própria abertura das ruas e avenidas para a colocação da tubulação de água e esgoto, que foram alvo de críticas e de comentários

²⁵³ O falecimento de Whady José Nassif. In: LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, nº 21.833, 06/07/1984, p. 8.

preconceituosos, lembrados por sua sobrinha Dirce. Embora as obras fossem trazer benefício para a população, uma parcela as viu como um transtorno, que mudou a rotina da cidade e o cotidiano das pessoas. Sem falar nas desapropriações que foram feitas para a abertura das avenidas e que foram mal aceitas pelos proprietários dos imóveis.

Outro fator que consideramos como motivo da sua renúncia foi a oposição da Igreja local, na figura do arcebispo D. Alexandre, que por diversas vezes se colocou contrário a certas medidas tomadas pelo Prefeito, inclusive através de artigos publicados no jornal da Diocese, o Correio Católico. Entre as medidas que contrariaram o arcebispo destacou-se a implantação das aulas de Educação Física nas escolas e a doação do terreno pela Prefeitura para a construção da Praça de Esportes, terreno este que o arcebispo queria que fosse para obras da igreja.

Juntando a esses há também a questão da volta dos leprosos de algumas colônias para as quais tinham sido transferidos e que acabaram convivendo novamente com a população, o que acarretou a insatisfação de muitas pessoas. Além da insatisfação das famílias tradicionais que viviam na Praça Rui Barbosa e que se ressentiram com o corte das palmeiras e com a remodelação feita.

Os problemas que a cidade passou com a entrada do Brasil na Segunda Guerra e que repercutiram na cidade, como o tabelamento dos preços dos produtos, o racionamento de combustível e as medidas que tiveram que ser tomadas para administrar todos esses contratempos, também foram motivos de críticas à administração de Nassif.

Mas dois outros pontos também podem ser considerados. Um deles teria sido a emancipação, em 1938, dos quatro distritos que pertenciam a Uberaba, fato que levou a cidade a acumular perdas, não somente na diminuição da arrecadação dos impostos, como também em termos de influência e prestígio político, acarretando mudanças no jogo político na região.

Outro ponto grave a ser considerado foi a criação, pelo Exército, de uma sede da Liga de Defesa Nacional em Uberaba no ano de 1942 e que, de acordo com as normas, a presidência local foi atribuída ao prefeito. O objetivo da liga era incitar as pessoas às

manifestações de rua em apoio à entrada do Brasil no conflito e perseguir o considerado Quinta-Coluna. A liga promoveu conferências públicas em que incitava a população a cerrar fileiras contra o Quinta-Coluna, o inimigo invisível do país, segundo o governo federal e que foi visto na figura dos imigrantes indesejáveis, oriundos dos países do eixo: os japoneses, os italianos e os alemães. Essa campanha contra o chamado Quinta-Coluna se intensificou com artigos nos jornais, programas cívicos no rádio, passeatas, confisco de rádios nas casas de imigrantes e descendentes, busca por rádios de transmissão e até mesmo perseguições, provocando uma situação de conflito entre a população, os imigrantes e seus descendentes.

Mesmo com a dissolução da liga alguns meses depois, após ter realizado somente quatro reuniões - por causa do não recebimento dos estatutos que seriam enviados pelo Exército, mas que não chegaram - os conflitos locais já tinham se instalado, continuaram as perseguições, os estímulos às delações e os constrangimentos realizados contra os imigrantes, prisões para averiguações, algumas até com o uso de violência e atos de espionagem nas colônias.²⁵⁴

Somando tudo que ocorreu entre a população e os imigrantes, à Liga coube a incumbência de assumir a responsabilidade pelo início do alistamento militar quando da entrada oficial do país na guerra. Foram momentos difíceis e que colocaram o Prefeito em uma situação delicada, já que assumiu a presidência da Liga, como representante local. Aos poucos acabou percebendo que as ações da Liga foram responsáveis pelos desentendimentos na comunidade, estimulando delações e gerando um clima de medo.²⁵⁵ Clima que cita no telegrama em que pede sua exoneração e em seu discurso de despedida, como uma *fase de grande desarmonia*,²⁵⁶ já que a cidade passava por uma onda de agitação muito grande provocada pela Liga de Defesa Nacional. O prefeito foi considerado um dos responsáveis pelo clima de xenofobia que se instalou na cidade.

Todos esses aspectos foram se acumulando, até que o Prefeito começou a sentir que tudo aquilo em que acreditara até aquele momento passava por mudanças. O

²⁵⁴ Revista: **Uberaba na 2ª Guerra Mundial**. Op. Cit. p. 11-15.

²⁵⁵ FONTOURA, Sonia Maria. **A Invenção do Inimigo: Racismo e Xenofobia em Uberaba 1890-1942**. Op. Cit. Cap. IV. A historiadora explora como se construiu a imagem do “inimigo” na figura do “Quinta-Coluna” e todas as perseguições e constrangimentos pelos quais passaram os imigrantes italianos, japoneses, alemães e seus descendentes em Uberaba e na região.

²⁵⁶ A TRIBUNA, Uberlândia, nº 1685, 24/06/1943. Op. Cit.

próprio governo federal, embora antes da guerra se espelhasse no regime fascista e em seus princípios de civismo e nacionalismo, tinha se posicionado ao lado dos Aliados por razões econômicas. A política de modernização que vinha sendo implantada na cidade com as obras de infra-estrutura não poderia ter continuidade sem apoio político e da população. O clima de medo e de conflitos internos, inclusive contra alguns grupos de imigrantes e descendentes, se refletiu em uma forte oposição à sua administração.

Por fim, estava em jogo também a sua fidelidade ao regime, que começou a pesar sobre seus ombros e atingir seus princípios, sempre pautados pela retidão, pela ordem e desinteresse cívico. Não querendo abrir mão desses princípios e admitindo que *nunca havia abusado de seu cargo para perseguir a quem quer que fosse e nem para prejudicar a qualquer um, que talvez tivessem razões de sobejo para serem hostilizados*²⁵⁷, preferiu deixar o cargo. Com isso ele demonstrou que não sentia mais vontade de continuar como prefeito, embora tenha tentado dar o melhor de si enquanto administrador.

Na visão de Lopreato,²⁵⁸ essa atitude reflete:

“O querer, tema caro ao pensamento de Hannah Arendt..., relacionado a uma concepção de homem como ser ativo, capaz de fazer algo por si mesmo, de sentir-se livre, mesmo numa situação de coação porque, ainda assim, pode exercitar a sua capacidade de dizer não. O querer dota o homem de dignidade. Ao dizer não, o homem afirma sua identidade própria.”

Ao que parece, foi o que aconteceu com o prefeito Whady Nassif: ele sofreu uma forte oposição durante o tempo em que administrou a cidade e quando não foi mais possível agüentar a pressão exercida por seus opositores, decidiu deixar o cargo. Como cidadão, configurava-se para ele uma situação humilhante e intolerável.

Nesse aspecto Lopreato²⁵⁹ nos lembra que

²⁵⁷ Trecho do discurso de Whady Nassif, quando da transmissão do cargo de Prefeito de Uberaba para seu sucessor Carlos Martins Prates. (LAVOURA E COMÉRCIO, Uberaba, nº 10242, do dia 22/06/1943, primeira página.)

²⁵⁸ LOPREATO, Christina da Silva Roquette. **O Respeito a Si Mesmo: Humilhação e Insubmissão..** Uberlândia: UFU, Nephispo.

²⁵⁹ Idem.

“A humilhação atinge a identidade moral do indivíduo e causa impacto sobre o seu autoconceito. E o sentir-se ofendido é a pedra-de-toque da honra, sentimento e modo de conduta ligada à afirmação de si e à preservação da sua personalidade moral. A honra se vincula à exigência do respeito à própria dignidade quando esta está sob ameaça. Ela significa a recusa em pactuar com o rebaixamento provocado por uma situação de humilhação. Quando a dignidade é afrontada, a honra é afetada.”

Quando ele se sentiu humilhado em determinadas situações criadas por grupos que faziam oposição à sua administração, preferiu deixar a prefeitura nas mãos de outra pessoa do que ter a sua honra manchada por questões políticas, especialmente a partir de 1942 e da atuação da Liga de Defesa Nacional, conforme está implícito nas reportagens sobre a sua saída, sobre a transmissão de cargo para o sucessor e sobre o seu falecimento. Percebia-se que se ressentiu da injustiça de que foi alvo na época, por não terem considerado o que de bom fez pela cidade em termos de melhorias na estrutura urbana.

Olhando sob outro aspecto o pedido de exoneração de Nassif, podemos considerar que não deve ser visto apenas como um representante do novo regime que se instalara em 1937, não apenas como um prefeito nomeado, mas também como um cidadão que acreditava naquilo que fazia e que conseguiu o apoio de muitas pessoas para seus projetos e realizações. Mas quando ele passou a não mais acreditar na política de Vargas, desistiu.

Numa análise pode-se considerar também o conflito entre grupos sociais pelo acesso ao poder, os jogos de poder que sempre existiram e que também estavam presentes durante o período em que Whady Nassif foi prefeito de Uberaba. Mesmo em uma ditadura, quando um grupo domina outros de forma sistemática e aparentemente não é afrontado, ocorrem resistências por parte dos grupos dominados, que se ressentem da perda do poder e que por isso se voltam contra os que o detêm. Portanto, os opositores de Nassif foram, aos poucos, minando seus feitos administrativos por meio de críticas veladas que somente apareceram nas falas de alguns que vivenciaram o período.

Nesse embate houve um claro enfrentamento entre, de um lado, os fazendeiros tradicionais, a Igreja, os que não aceitaram suas obras urbanas e até mesmo os alvos da

Liga de Defesa Nacional; do outro lado, Whady Nassif e os que apoiaram sua administração porque acreditavam na política de Vargas, implantada na cidade pelo prefeito.

Portanto a administração e o relacionamento do prefeito com a sociedade local foi pautada por muitas oscilações: ora foi visto como bom prefeito e administrou de forma honesta, ora como um político progressista, em alguns casos como perseguidor ou intransigente.

Em alguns depoimentos orais aparecem falas que confirmam sua visão de honestidade e que teria sido bom para a população: *O Prefeito Whady Nassif foi um prefeito que em termos gerais foi bom, era educado, relativamente honesto em seu governo.*²⁶⁰

A visão dele como um bom administrador também aparece na fala de Manoel:²⁶¹ *Nessa época eu morava no Patrimônio dos Poncianos... Ele foi um bom prefeito, pelo menos era o que o povo falava.*

A mesma visão progressista está presente também em outro depoimento, de Paiva:²⁶² *O Whady foi uma pessoa de boa comunicação, não discriminava as pessoas, foi muito amigo de meu pai. Era um homem progressista.*

Em outras falas aparecem as perseguições que ele sofreu, que não foram detectadas nos jornais e nos documentos oficiais, mas que estão presentes no depoimento de sua filha Lúcia:²⁶³ *Meu pai foi perseguido, ameaçado. Certa vez um empregado seu foi até baleado por inimigos políticos.*

A perseguição velada está também no depoimento da professora Dirce:²⁶⁴ *Ele conseguiu emancipar o município de Conceição das Alagoas, que era um Distrito de Uberaba, o que pode ter provocado a hostilidade de alguns políticos locais na época em que ele foi prefeito.*

²⁶⁰ Anselmo Carille, entrevista concedida no dia 04/02/1999, Uberaba - MG.

²⁶¹ Manoel Faustino de Oliveira, entrevista concedida no dia 27/08/2000, Uberaba - MG.

²⁶² Antônio Corrêa de Paiva, empresário aposentado, estudioso e escritor espírita, entrevista concedida em 25/07/2002, Uberaba - MG.

²⁶³ Lúcia Regina Nassif Zouein, entrevista concedida no dia 25/08/2000, Uberaba - MG.

²⁶⁴ Dirce Nassif Miziara, entrevista concedida no dia 25/08/2000, Uberaba - MG.

Embora pareça contraditório, pelo fato dele ter administrado a cidade por seis anos, segundo Mariana²⁶⁵ a perseguição e a discriminação veladas, sofridas pelo prefeito durante a sua gestão, causaram revolta na colônia: *Os árabes ficaram revoltados com a saída de Whady Nassif da prefeitura. Ele foi discriminado por ser de descendência sírio-libanesa.*

Outra visão do prefeito mostra seu lado pessoal sob um aspecto até certo ponto negativo: *O Dr. Whady era fechado, não fez nada do que havia prometido ao meu pai, o Dr. Olavo, em troca do apoio à sua candidatura a prefeito de Uberaba. Ele era também intransigente.*²⁶⁶

Contrapondo o depoimento de Lúcia, Diva²⁶⁷ afirma que: *Como pessoa o Whady era muito bom, alegre, comunicativo e religioso. O povo não gostava de mudanças e o que ele fazia pode ter desagradado pessoas poderosas. A família era muito reservada e eu não sei se ele realmente pediu para sair da prefeitura.*

As visões contraditórias sobre o prefeito também aparecem em outros depoimentos. Um deles, o de Sebastião Bernardino,²⁶⁸ que mostra com clareza a ambigüidade com que foi visto: *Um pouco do povo de Uberaba elogiava o Whady e outra parte falava mal.*

Também no depoimento de Wagner do Nascimento²⁶⁹ aparecem todas essas visões, sua gestão marcante, o preconceito contra os imigrantes: *A sua administração foi marcante na história de Uberaba. Os sírios e libaneses foram impedidos de frequentarem o Jôquei Clube, por isso construíram um clube só para eles. Eu passava na praça quando estudava no colégio que ficava próximo ao Marista, em uma das esquinas e via sempre a placa com o seu nome, que tem no obelisco bem no centro da praça. Quando ele morreu tomei a*

²⁶⁵ Mariana Nabut, em entrevista concedida em sua residência, no dia 01/12/2001, Uberaba - MG.

²⁶⁶ Lúcia de Oliveira Souza, em entrevista concedida no dia 24/07/2002, Uberaba - MG.

²⁶⁷ Diva de Oliveira Nassif, em entrevista concedida em sua residência, no dia 10/08/2002, Uberaba - MG.

²⁶⁸ Sebastião Bernardino da Silveira, aposentado, em entrevista concedida no dia 30/07/2003, no Asilo Bezerra de Menezes, Uberaba - MG.

²⁶⁹ Wagner do Nascimento, prefeito de Uberaba de 1983 a 1988, quando da morte do também ex-prefeito Whady Nassif, em entrevista pelo telefone, direto de Brasília, conseguida por intermédio da sua esposa e atual Secretária Municipal do Trabalho e Assistência Social de Uberaba, no dia 13/01/2005, na sede da Secretaria de Assistência Social, Uberaba - MG.

iniciativa de homenageá-lo organizando o velório na Câmara de Vereadores, já que ele foi o primeiro prefeito de Uberaba.

Todos esses depoimentos nos mostram que a sua relação com a comunidade uberabense foi marcada por contradições, dificuldades, apoios e oposições. As pessoas que conviveram mais intimamente com a política local perceberam suas dificuldades como administrador, embora alguns reconheçam suas obras na cidade, os jornais o apoiaram - pelo menos aparentemente, - os dados oficiais têm lacunas que não vão além dos registros administrativos e a historiografia registrou apenas sua passagem pela prefeitura como um Prefeito Interventor.

Capítulo III

Memória Coletiva – produção de identidades políticas.

A relação entre memória e esquecimento pode-se objetivar num discurso, mas, para que a relação exista, deve também existir o documento capaz de dar à memória pelo menos a força do esquecimento: o documento que se imponha como pilar da memória e que a memória tende, inevitavelmente a rejeitar. Com efeito, a história dos historiadores e a história presente na memória coletiva são distintas: “Para o historiador, Deus mora nos detalhes. Mas a memória se subleva, denunciando que os detalhes se transformaram em deuses.”²⁷⁰

3. 1. A memória oficial do Prefeito

Com relação à memória que se construiu da trajetória administrativa do prefeito Whady Nassif, acreditamos que se torna necessário acrescentar alguns aspectos que ficaram de fora dos documentos oficiais sobre esse período e que podem ser respondidos em parte através de depoimentos de algumas pessoas que ainda não tiveram a oportunidade de se fazerem ouvir, e também por novos olhares sobre uma série de documentos não-oficiais, como os jornais da época.

Constatamos através da pesquisa documental que a memória da cidade sobre a gestão do Prefeito Whady Nassif perdeu-se, em grande parte. Poucos dados se encontram sobre esse período, a não ser em documentos oficiais como as Atas da Câmara e nos jornais da época. Também encontramos algumas de suas ações em livros de decretos municipais, onde podemos acompanhar parte de sua administração através das leis e decretos criados por ele.

Refazer o caminho em busca da memória oficial que se construiu e também da memória coletiva, buscar o que ficou sobre o período na história local, obrigou-nos a mergulhar em documentos que sobreviveram ao tempo, em locais nem um pouco apropriados para sua conservação, como os documentos da Câmara Municipal e da Prefeitura. Foram necessárias também várias consultas ao acervo do Arquivo Público

²⁷⁰ SARLO, Beatriz. A História contra o Esquecimento. In: **Paisagens Imaginárias: Intelectuais, Arte e Meios de Comunicação**. Trad. Rubia Prates e Sérgio Molina. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997, p. 41.

Municipal, sempre buscando um detalhe ou outro que surgia e que poderia nos levar ao que havia se preservado desse período. Mas, o mais empolgante foram as entrevistas realizadas com pessoas que acompanharam a administração do prefeito e que acabavam nos levando a outras pessoas, e que a cada momento nos descortinavam uma nova cidade e uma nova visão da época, visão esta que ninguém ainda havia registrado ou que às quais não deram a devida importância.

Os depoimentos orais nos chamaram a atenção pelo volume de informações particulares que adicionam à pesquisa. Segundo Amado:²⁷¹

*... o uso do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processo que às vezes não tem como ser entendidos ou elucidados de outra forma... São histórias de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas, ...
... a pesquisa com fontes orais apóia-se em pontos de vista individuais, expressos nas entrevistas, incorporando assim elementos e perspectivas às vezes ausentes de outras práticas históricas – porque tradicionalmente relacionados apenas a indivíduos – como a subjetividade, as emoções ou o cotidiano;*

Quando começamos a confrontar os documentos oficiais com os depoimentos e com o que foi encontrado nos jornais do período, detectamos a presença de fatos que não são lembrados na cidade. Isso nos levou a considerar que não existe ainda uma memória construída sobre o Prefeito e sua administração, mas sim, em construção. Torna-se necessário buscar essa memória que existe, mas que ainda não se tornou visível à população.

Outro ponto que temos que lembrar é que a memória oficial da cidade de Uberaba não expressa e nem mesmo registrou, é o comportamento privado do Prefeito, detectado apenas por meio dos depoimentos. Sobre a memória da vida particular de um indivíduo, diz Heller:²⁷²

... O homem em público representa um papel, um papel em sentido literal, “dá seu espetáculo”, expressa opiniões, estados de espírito, julgamentos, etc., que talvez nada tenham em comum com os que lhe são próprios.

²⁷¹ AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes, coordenadoras. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 14.

²⁷² HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 6 ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra Filosofia., 2000, p. 91-92.

... não há nenhum homem (em nenhuma comunidade) que conheça ou seja capaz de conhecer o outro indivíduo em todas as suas relações, na totalidade de suas reações.

Nesse voltar no tempo foi que constatei, como afirma Calvo,²⁷³ que para compreender a memória de uma cidade seria necessário também ter que

“Resgatar as marcas dos sujeitos que experimentaram no seu dia-a-dia as tensões e com essas ações a construíram, fazendo dela um campo de lutas... cujas disputas, realizações e/ou derrotas apontam para uma cidade de muitas memórias e histórias configuradas nos lugares forjados e nos diferentes significados que foram derrotados e/ou vitoriosos.”

A princípio, o que foi buscado nos diversos documentos oficiais e jornalísticos, como também nos relatos orais, esperando também que eles nos dissessem mais sobre o período e a gestão do Prefeito, eram subsídios que confirmassem a fala de Veyne,²⁷⁴

“A síntese histórica não é outra coisa senão a operação de preenchimento das lacunas, uma teoria de probabilidades. O curso dos fatos não pode, pois, se reconstituir como um mosaico; pois por mais numerosos que seja, os documentos são necessariamente indiretos e incompletos; e deve-se por isso projetá-los sobre um plano escolhido e ligá-los entre si. A história é um palácio do qual não descobriremos toda a extensão... e do qual não podemos ver todas as alas ao mesmo tempo; assim não nos aborrecemos nunca nesse palácio em que estamos encerrados... Esse palácio é, para nós, um verdadeiro labirinto; a ciência dá-nos fórmulas bem construídas que nos permitem encontrar saídas, mas que não nos fornecem a planta do prédio.”

O que foi detectado através dessa busca sobre a gestão do Prefeito foi que a memória oficial não registrou muitas informações, pelo fato de não existir uma preocupação significativa com a memória da cidade e também por razões que ainda desconhecemos. Mas na memória das pessoas ficou registrado muitos fatos sobre o período e torna-se necessário trazê-los à tona, se quisermos entender um pouco mais sobre a história da cidade.

Por isso, dizer que Whady Nassif foi apenas um Prefeito Interventor, nomeado por Benedito Valadares, que administrou a cidade de Uberaba no período de 1937 a 1943, durante o Estado Novo, conforme encontramos em algumas publicações locais

²⁷³ CALVO, Célia Rocha. “Cultura e Cidade: Uberlândia, Espaços, Memórias e Vivências.” Op. Cit., p. 397.

²⁷⁴ VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a História**. Lisboa: Edições 70, 1987, p. 73, 78 e 133.

recentes do Arquivo Público²⁷⁵ e de alguns historiadores,²⁷⁶ na verdade não diz nada do que ele foi.

Ele, na verdade, foi eleito para o cargo pelos vereadores da cidade, em uma votação indireta, já que o povo apenas votava nos vereadores e estes escolhiam o prefeito. Mas, se ele tomou posse, seu nome foi aceito pelos representantes da comunidade, a qual não se manifestou contra a eleição. Isso tem que ser considerado já que ele governou alguns meses como prefeito eleito, mesmo que depois tenha sido nomeado pelo Interventor mineiro, se tornando um Prefeito Interventor.

Whady Nassif foi também um administrador que mudou parte da estrutura urbana da cidade, pois foi na sua gestão que foram abertas as avenidas mais importantes, foi feita a canalização de água e esgoto, construiu-se uma usina de força para resolver um grave problema de falta de energia, além de outras melhorias já citadas. A autoria dessas obras não é do conhecimento da maioria da população, somente está registrado nos documentos oficiais a que poucos interessados, como os historiadores, têm oportunidade de acesso, e registrado na memória de algumas pessoas que vivenciaram o período. Muitas pessoas sequer já ouviram falar em seu nome, por falta de interesse pela história local ou porque não há preocupação na divulgação da história das sucessivas administrações municipais.

A única homenagem prestada pela coletividade ao ex-prefeito foi a denominação de seu nome Whady José Nassif a uma rua da cidade. A idéia de homenageá-lo partiu de um vereador²⁷⁷ quando de sua morte em 1984, que por meio de um projeto de lei aprovado e transformado em lei no ano seguinte,²⁷⁸ mas que acabou não entrando em vigor. Somente doze anos depois foi que, através de outro decreto²⁷⁹ o prefeito do

²⁷⁵ Folheto: **Centro Administrativo Municipal de Uberaba**. Arquivo Público de Uberaba, p. 10,14,16.

²⁷⁶ COUTINHO, Pedro dos Reis. Op. Cit., p. 117.

²⁷⁷ Câmara Municipal de Uberaba, livro de Projetos de Leis. O vereador que propôs a criação do logradouro com o nome Whady José Nassif foi o Dr. Aluizio Ignácio de Oliveira, através do Projeto de Lei nº 067/84, datado de julho de 1984.

²⁷⁸ Câmara Municipal de Uberaba, livro de Leis Municipais. A lei municipal de nº 3598, sancionada pelo então prefeito de Uberaba, Wagner do Nascimento, em janeiro de 1985, autorizava a criação do logradouro com o nome de Whady José Nassif, e afirmava no seu Art. 2º, que a lei entraria em vigor na data de sua publicação que foi 26/02/85, no jornal Lavoura e Comércio.

²⁷⁹ Prefeitura Municipal de Uberaba, Secretaria Municipal de Governo, livro de Decretos Municipais. Através do decreto nº 727, de 21 de julho de 1997, o então prefeito Marcos Montes Cordeiro, coloca a Lei

período denominou seu nome a uma rua em um loteamento que estava abrindo na cidade. Embora a homenagem tenha se concretizado, sequer a família sabia dela quando foram entrevistadas suas filhas e sobrinha, pois não houve divulgação do fato.

280

3.2. A memória coletiva

Por isso a busca pela memória não só oficial como também pela memória coletiva exigiu uma investigação aprofundada sobre esses conceitos e à revisão dos trabalhos de alguns historiadores.

Entre esses trabalhos citamos o de Fontana:

*A história de um grupo humano é a sua memória coletiva e cumpre a respeito dele a mesma função que a memória pessoal num indivíduo: a de dar-lhe um sentido de identidade que o faz ser ele mesmo e não outro. Daí a sua importância. Porém, convém compreender qual é a natureza da memória. As nossas recordações não são os restos descoloridos de uma imagem fotográfica que reproduz fielmente a realidade, mas sim uma construção que fazemos a partir de fragmentos de conhecimento que já eram, na sua origem, interpretações da realidade e que, ao voltarmos a reuni-los, reinterpretemo-lo à luz de novos pontos de vista. Algo parecido acontece com essa forma de memória coletiva que é a história, que é a que dá sua identidade às sociedades humanas. Referindo-se à inevitável contaminação dos dados que manejamos com a nossa experiência vivida, Raphael Samuel escreveu: “estamos reinterpretando constantemente o passado à luz do presente (...); inclusive quando reproduzimos literalmente as palavras e as frases, as ressonâncias são as do nosso tempo (...). Por mais zelosamente que protejamos a integridade do nosso tema de estudo, não podemos isolá-lo de nós mesmos”.*²⁸¹

Revedo essa posição de Samuel citada por Fontana,²⁸² e também as de Maurice Halbwachs na sua obra *Memória Coletiva*,²⁸³ é possível perceber que tanto ele quanto Fontana, falam sobre o significado de memória coletiva. Embora tenham posições

Municipal nº 3598 em vigor determinando a denominação da Rua Projetada “A” do Loteamento Parque do Mirante, de Whady José Nassif.

²⁸⁰ Quando foram feitas as entrevistas com sua filha Lúcia Regina e sua sobrinha Dirce, no ano 2000, a filha tinha afirmado que não existia *nenhuma rua ou praça com o seu nome*. Já a sobrinha sabia apenas do projeto de lei proposto pelo vereador e do arquivamento do projeto na gestão seguinte. Dirce pensava também que o vereador tinha proposto a criação de uma praça com o nome de seu tio Whady, mas na verdade era uma rua e ela desconhecia a existência da lei que foi sancionada pelo prefeito Wagner do Nascimento acatando a proposta do vereador.

²⁸¹ FONTANA, Josep. Reflexões sobre a história, do além do fim da história. In: **História: Análise do Passado e Projeto Social**. Bauru: Edusc, 1998, p. 267.

²⁸² FONTANA, Josep. Reflexões sobre a história, do além do fim da história. Op. Cit. p. 267.

²⁸³ HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

diversas, percebe-se que ambos reforçam a noção de memória como reconstrução, memória interessada que parte do presente em busca do passado.

Para Pierre Nora, que por sua vez também se identifica com Halbwachs, e sua idéia de lugares de memória,²⁸⁴ a memória como reconstrução tem uma forte ênfase na razão. Mas, para Nora ela é voluntária, está ligada aos espaços; e por outro lado ele afirma que com isso a memória espontânea deixa de existir, pois, o que vai continuar existindo é a memória historicizada, reconstituída através da história e da historiografia, racional, crítica, e que só poderá ser encontrada nos arquivos, nos documentos. Já para Halbwachs, a memória de cada um se apóia na memória dos outros, não que lembrem a mesma coisa, mas o que se lembra depende da lembrança de outros; ela é contínua, lembra o grupo, tem uma lógica e uma narrativa, e pode ser passada para outro grupo.

Todos eles vinculam a memória ao social, ao grupo; embora exista a memória individual, esta se insere na memória coletiva. Nos três posicionamentos o grupo está presente, as relações entre os indivíduos são necessárias tanto para que a memória se reconstrua quanto para que se estabeleça como uma lembrança, que nem sempre corresponde ao que realmente aconteceu, mas que se manteve através de uma série de manifestações, documentos ou lembranças pessoais.

Na reconstrução de memória, não importa se ela é realmente memória ou memória historicizada; o trabalho com a história oral é um eixo que acaba aproximando memória e história. Este é um dos aspectos que ressaltam no diálogo que travamos com o entrevistado no decorrer da investigação sobre Nassif.

Na análise de Neves:²⁸⁵

A memória e a História são processos sociais, são construções dos próprios homens que têm com referências as experiências individuais e coletivas inscritas nos quadros da vida em sociedade. Dessa forma, “a memória, com substrato da identidade, refere-se aos comportamentos e às mentalidades coletivas, na medida em que lembrar individual encontra-se relacionado à

²⁸⁴ NORA, Pierre. Entre Memória e História – A problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo. (10) dez. 1993, p. 7-28.

²⁸⁵ NEVES, Lucília de Almeida. Memória e História: substratos da identidade. In: **Anais do XX Simpósio Nacional da ANPUH**. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP: ANPUH, 1999, Vol. II, p. 1066.

inserção histórica de cada indivíduo”. Portanto, as motivações exteriores, como no caso da história oral, inúmeras vezes desencadeiam o processo de reordenação, de releitura de vestígios, e de reconstrução da identidade histórica.

Ao fazermos determinadas perguntas sobre o tema de nossa pesquisa, notamos que algumas pessoas faziam um esforço para se lembrar e mostravam documentos, fotografias, como se isso as ajudasse a nos passar a noção exata do que realmente aconteceu, mas que precisavam demonstrar por meio de provas concretas que possibilitassem a reconstituição dos fatos. Às vezes, elas nos contavam fatos ligados a outras pessoas que aparentemente não tinham nenhuma ligação com o que estávamos falando, mas que depois percebíamos que tinham sim uma ligação. E o que elas pensavam ser essencial era que tivéssemos conhecimento daqueles outros acontecimentos para termos uma noção real dos mesmos e de como eles faziam parte de todo um contexto mais amplo.

Quanto à memória coletiva diz Halbwachs:²⁸⁶

*Quando nos lembramos... há todo um quadro de dados temporais aos quais essa lembrança está de qualquer maneira relacionada...
Acontece também que não reconstituímos o quadro temporal senão depois que a lembrança foi restabelecida e então somos obrigados, a fim de localizar a data do acontecimento, dele examinar em detalhes todas as partes. Mesmo assim, já que a lembrança conserva os traços do período ao qual se reporta, este só foi lembrado talvez, porque havíamos vislumbrado esses traços, e pensado no tempo em que o acontecimento se realizou. Não é menos verdade que, em grande número de casos, é percorrendo em pensamento o quadro do tempo que ali encontramos a imagem do acontecimento passado: porém, para isso, é preciso que o tempo seja capaz de enquadrar as lembranças.*

Neste aspecto, o que significaria a memória relembraada pelas pessoas nos seus depoimentos? Na hora em que a pessoa lembra será que ela revive o sentimento ou as sensações que realmente viveu diante de alguns acontecimentos? Acreditamos que em alguns casos, pelo menos nos que tivemos oportunidade de perceber, o momento vivido volta com toda a sua força e emoção, devido ao que a pessoa demonstra durante a fala, sejam emoções expressas ou contidas, ligadas às coisas que vivenciaram, alegres ou não. Já em outros casos, essa lembrança nos parecia fragmentada, com momentos de lucidez e de posições contraditórias, como se fossem ofuscadas por razões que apenas a própria pessoa saberia, ou como se involuntariamente, ela não quisesse se lembrar.

²⁸⁶ HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Op. Cit., p. 100-101.

Existe uma linha historiográfica que afirma que segundo a memória reconstrução, produzida por meio da história oral, o sentimento que emerge da lembrança de uma pessoa pode não ser completa, mas sim parcial e às vezes alterada. Essa linha se apóia nas idéias de Proust e de Freud, que buscam no inconsciente as razões para a fragmentação, resultante de uma vontade de lembrar das pessoas ou não, motivada por questões íntimas, ligadas ao emocional e psicológico.

Outra dimensão da memória entendida como uma prática social, porque vinculada aos grupos sociais, como afirma Raymond Williams,²⁸⁷ também está ligada a uma “estrutura de sentimentos,” em que a noção do vivido, está ligada a desejos, sentimentos e expectativas. Tudo isso são práticas concretas que impulsionam os indivíduos às ações e mudanças sociais. Em decorrência, a memória está ligada também à ideologia e à hegemonia, porque ambas compõem um processo social, em que existem relações entre os indivíduos e nessas relações sempre estarão presentes dominantes e dominados, além de envolver diferentes dimensões do espaço social, sejam econômicas, políticas ou sociais. Todas essas questões interferem nas lembranças das pessoas, sejam elas fragmentadas ou não.

Essas relações sociais, são marcadas pela complexidade entre diferentes em um espaço hegemônico, porque elas são marcadas pelos distanciamentos e aproximações entre grupos e classes nos movimentos sociais, que ocorrem a todo instante, já que os processos sociais estão em constante movimento. Porém, como o hegemônico é uma construção e uma reconstrução em constante movimento, um processo social, por sua vez, não pode ser fracionado, pois ele é uma rede de relações marcada por interesses, narrativas diferentes, dominação e resistências, colaborações e questionamentos.

Então, para Williams, a memória é uma prática social, pois ela não pode ser abstrata, porque os sujeitos sociais, são ao mesmo tempo individuais e coletivos. E isso significa pensar também as relações sociais, onde existem os conflitos e como isso interfere na questão da memória.

²⁸⁷ WILLIAMS, Raymond. Hegemonia e Dominante, Residual e Emergente. In: **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 111-117 e 125-129.

A memória vinculada a uma prática social aparece também na fala de Halbwachs²⁸⁸ quando afirma que:

Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de se admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social.

Considerando as questões levantadas por Williams e por Halbwachs, nos depoimentos levantados sobre Whady Nassif, foram observados: em que momentos ocorreram essas fragmentações de memória, em que circunstâncias essas pessoas nos trouxeram suas lembranças e em que contextos elas viveram os acontecimentos relatados. Porque tudo isso tem uma ligação e essas ligações nos deram pistas para chegarmos próximos aos fatos, e como eles podem ter ocorrido.

No caso do prefeito Whady Nassif existiu uma série de conflitos sociais que envolveram grupos diferentes na disputa pelo poder, ou seja, pela hegemonia política do momento. No entanto, esses conflitos não ficaram visíveis, a não ser nos depoimentos orais de algumas pessoas e no artigo de jornal que noticiou a sua morte. As falas das pessoas sobre o período de gestão e as ações do administrador, aos poucos formaram um quadro que vislumbra um contexto específico da sociedade uberabense e que também nos ajudaram a entender certas situações sociais e políticas do momento.

Uma destas situações em que aparece a disputa pelo poder e o preconceito contra os políticos de origem imigrante libanesa, encontramos no depoimento de Samir:²⁸⁹

*Os candidatos da colônia são alvo de discriminação na política, especialmente na disputa ao cargo de prefeito de Uberaba .
O caso do Dr. Fahim Sawan, na última eleição, de 2000, foi uma demonstração das candidaturas inteligentes, que tem o objetivo de reduzir o número de candidatos e que sejam do grupo da elite, para continuar mantendo o “Feudo.”*

Esse posicionamento de Samir tem uma lógica porque analisando a origem de outros prefeitos que sucederam Whady Nassif, observamos que nenhum deles tem

²⁸⁸ HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Op. Cit., p. 51.

²⁸⁹ Dr. Samir Cecílio, em entrevista concedida no dia 27/11/2001, em Uberaba - MG.

origem ou descendência de imigrantes libaneses. E o fato da elite tentar manipular as eleições para que chegue ao poder local somente quem ela deseja, segundo a fala de Samir, ficou visível quando nos anos 80 um descendente da colônia libanesa, René Barsan, se candidatou ao cargo de Prefeito. Na época os partidos ligados ao setor pecuário se uniram para evitar que ele fosse o vencedor. Ocorreu até uma panfletagem por toda a cidade, feita segundo comentários na época, pelo partido opositor ao de René, nos dias que antecederam à eleição, em um período em que os candidatos não podiam mais fazer comícios ou mesmo campanha nos meios de comunicação. Nos panfletos a população era alertada para que não votasse no candidato por ele ser proprietário da empresa de ônibus coletivo que tinha a concessão do transporte na cidade e que sua eleição iria fazer com que o serviço de ônibus piorasse e o usuário teria que pagar a tarifa que ele quisesse. Na época, essa panfletagem afetou diretamente a posição do candidato e sua credibilidade junto à população, já que ele tinha uma boa colocação nas pesquisas de opinião e estava muito cotado para ser o próximo prefeito. Ele acabou perdendo a eleição.

Depois dessa disputa eleitoral em que um candidato da colônia não se elegeu prefeito, veio outra candidatura, a do Dr. Samir Cecílio que também não foi eleito, mas que o pleito ocorreu de maneira normal. No entanto, a intervenção de alguns partidos nas eleições seguintes continuou.

Na eleição para prefeito em 2000, segundo o depoimento do próprio Dr. Samir Cecílio, nas prévias eleitorais dos partidos, o candidato a candidato Dr. Fahim Sawan foi pressionado pelos seus correligionários para que não saísse candidato, pois seu partido tinha outro nome em vista. O partido não levou em consideração que o seu nome já era comentado como o candidato natural, pois sua campanha já estava nas ruas, já que ele vinha desenvolvendo uma campanha há muito tempo, antes mesmo dela começar oficialmente. Ele acabou saindo candidato a deputado estadual em 2002 e foi eleito um dos representantes de Uberaba na Assembléia Legislativa de Minas Gerais.

E novamente em 2004 quando o Dr. Fahim Sawan, se candidatou novamente ao cargo, em um partido considerado da situação, o PSDB, ele não teve o apoio de partidos significativos na cidade, mas mesmo assim disputou a eleição. A coligação que ganhou o pleito tinha conseguido o apoio de vários partidos que em outras campanhas eram

rivais e o grande nome de oposição a ela era justamente o médico Fahim. E novamente a colônia não conseguiu eleger um representante para prefeito.

Verifica-se na cidade de Uberaba e no meio político uma rejeição não aparente aos representantes da colônia libanesa, que se manifesta em épocas eleitorais. Embora alguns consigam se eleger deputados estaduais, não mais se elegem prefeitos. Na última eleição, a de 2004, até mesmo setores pecuaristas apoiaram a campanha da coligação, mas não a do médico e deputado estadual Fahim.

Segundo Halbwachs,²⁹⁰ o indivíduo evoca suas lembranças através dos quadros sociais de memória, que vêm à tona involuntariamente no cotidiano através das sensações vividas e dos tons afetivos. E completa dizendo que é a percepção que chama a memória. Confirmando o autor algumas das entrevistas²⁹¹ que realizamos estavam carregadas de alegrias, outras de tristezas e algumas até de ressentimentos; mas todas expressavam sensações ligadas a vivências do passado e a outros indivíduos, portanto, um grupo social ou mais vivenciaram momentos e compartilharam experiências que deram forma à memória coletiva.

E foi o que ocorreu durante os depoimentos das filhas de Whady, de sua sobrinha Dirce, das suas cunhadas Diva e Lúcia. Observamos que aparecem sensações boas nas entrevistas das filhas e da sobrinha; mas isso não ocorre na fala das cunhadas, uma das quais se refere a ele de maneira nostálgica enquanto a outra com certo ressentimento que ficou do fato dele não ter ajudado seu pai quando fora eleito.

Ao se lembrarem de alguns fatos as pessoas que fizeram parte do grupo trazem consigo lembranças não só do grupo, mas também individuais. Em outros aspectos podemos considerar que o fato de encontrarmos uma pessoa que fazia parte do grupo com o qual vivenciamos momentos marcantes no passado traz à tona lembranças de ações não realizadas em conjunto e de coisas que aconteceram conosco naquele momento e que pensávamos já ter esquecido. As lembranças ligadas aos grupos é que

²⁹⁰ HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. Op. Cit. Cap. II.

²⁹¹ Foram realizadas algumas entrevistas com pessoas que conviveram com o ex-prefeito de Uberaba Whady José Nassif, bem como com pessoas que não conviveram diretamente com ele, mas que acompanharam sua administração.

compõem os quadros sociais de memória, e neles temos tendências a reter o que foi bom e esquecer o que foi ruim.

Se a condição de lembrar está ligada ao fato de pertencermos a um determinado grupo, a memória tem também uma ligação com o esquecimento. E isso nos leva à questão de que nem tudo conseguimos lembrar, porque na verdade queremos esquecer algumas coisas, e lembrar, às vezes, pode ser doloroso; o nosso inconsciente luta para não lembrar, porque na verdade não deseja lembrar. O que mais uma vez nos leva a observar que as lembranças estão associadas aos sentimentos e sensações e a memória, por sua vez, depende do quadro social que existia e que se deseje trazer do passado.

Mas, afinal de contas, qual a relação que existe entre a História e a Memória? A história seria dinâmica, o vivido, o processo, o racional, reconhecida como verdade; enquanto a memória é a versão que se cria ou se criou a respeito de um determinado acontecimento ou momento histórico por determinados grupos ou personagens sociais, porque não tem compromisso com a verdade. Sob essa ótica buscamos entender o trabalho dos memorialistas de Uberaba²⁹² no seu próprio tempo, com seus valores e visões do período, e não com os valores e visões de hoje.

Os memorialistas da cidade parecem ter optado pelo estudo da origem da cidade e também se debruçaram em seus trabalhos sobre os feitos dos grandes personagens que se ligaram às grandes famílias tradicionais. Um exemplo disso é o trabalho de Hildebrando Pontes, em que ele valoriza a história local sob o ponto de vista do registro do passado, através da narração dos fatos históricos mais relevantes e cronológicos. Na sua narrativa ele não apresenta a fala de pessoas, do coletivo; por sua vez, não revela conflitos e nem adesões a determinados acontecimentos, faz uma história factual.

Os memorialistas também tinham outra visão da história. Para eles era importante registrar os fatos para que eles não fossem esquecidos. Mas os fatos que registraram foram apenas os que marcaram a ação dos pioneiros da origem da cidade, que por causa dos seus feitos mereciam lugar na memória oficial. Por outro lado, os

²⁹² Dentre essas leituras destacamos as obras dos memorialistas de Uberaba, como Hildebrando Pontes e José Mendonça, já citadas.

memorialistas se limitaram também a trabalhar com períodos anteriores ao Estado Novo, embora suas obras tenham sido publicadas em décadas posteriores.

No entanto, Bosi,²⁹³ afirma que:

Na memória política, os juízos de valor intervêm com mais insistência. O sujeito não se contenta em narrar como testemunha histórica “neutra”. Ele quer também julgar, marcando bem o lado em que estava naquela altura da História, e reafirmando sua posição ou matizando-a.

Os memorialistas de Uberaba ao reconstruir a memória não negaram os fatos, valores ou acontecimentos, mas ressaltaram determinados fatos em detrimento de outros, que interessavam a determinados grupos. Os jogos de memória compõem um dos elementos da história, mas a memória é também uma questão de movimento, onde se constrói uma determinada visão que se deseja, já a interpretação que você dá a essa memória é a história, ou seja, uma escolha de valores.

Na história da cidade de Uberaba parece existir uma interpretação que é levada em conta por grande parte da população, que é a dos memorialistas, que visa ressaltar apenas os feitos dos fundadores, não levando em consideração outros momentos vividos pela sociedade.

Vista por esse aspecto, Marilena Chauí em seu livro sobre o descobrimento, trabalha a questão da criação do mito fundador na memória brasileira, quando nos lembra que,

... o poder político, isto é, o Estado, antecede a sociedade e tem sua origem fora dela, primeiro nos decretos divinos, e depois, pelos decretos do governante.

Isso explica um dos componentes principais de nosso mito fundador, qual seja, a afirmação de que a história do Brasil foi e é feita sem sangue, pois todos os acontecimentos políticos não parecem provir da sociedade e de suas lutas, mas diretamente do Estado, por decretos...

Desta maneira, o mito fundador opera de modo socialmente diferenciado:

1) do lado dos dominantes, opera com a visão de seu direito natural ao poder e na legitimação desse pretensão direito natural ao poder por meio do ufanismo nacionalista e desenvolvimentista, expressões laicizadas do Paraíso Terrestre e da teologia da história providencialista, assegurando a imagem do Brasil como

²⁹³ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 2 ed. São Paulo: T.A. Queiroz Editora/EDUSP, 1987, p. 12.

comunidade una e indivisa, ordeira e pacífica, rumando para seu futuro certo, pois escolhido por Deus;

2) do lado dos dominados, se realiza pela via profético-milenarista, que produz dois efeitos principais: a visão do governante como salvador e a sacralização-satanização da política. Em outras palavras, uma visão da política que possui como parâmetro o núcleo profético-milenarista do embate final, cósmico, entre luz e treva, bem e mal, de sorte que o governante ou é sacralizado (luz e bem) ou satanizado (trev e mal).

É evidente, portanto, que o mito fundador opera com uma contradição insolúvel: o país-jardim é sem violência e, pela história providencialista, ruma certo para seu grande futuro; em contrapartida, o país profético está mergulhado na injustiça, na violência e no inferno, à procura de seu próprio porvir, na batalha final em que vencerá o Anticristo.²⁹⁴

Levando em conta o que nos fala Chauí, neste trecho, e como trabalhamos com a relação poder – Estado – relações políticas e sociais na era Vargas, verificamos que o que foi encontrado em nossas observações das fontes orais e documentais, nos levaram a perceber que o que ficou na memória da cidade de Uberaba do período da gestão do ex-prefeito Whady José Nassif, é muito contraditório. Os depoimentos orais nos permitem observar que ocorreu uma relação tensa entre o ex-prefeito e grupos dominantes da sociedade uberabense; mas os documentos oficiais e os artigos de jornais da época, nos dão uma visão diferente, de que a relação entre ele e a sociedade era boa, e que seus atos eram aceitos e até elogiados.

3.3. A memória presente nos jornais e nos depoimentos

Os jornais de Uberaba, em especial o Lavoura e Comércio, revelaram-se *“riquíssimos de informações, permitindo traçar um panorama mais completo e mais concreto da sociedade.”*²⁹⁵

Permitiram, juntamente com os depoimentos e os demais documentos encontrados, uma visão múltipla da gestão de Whady Nassif. Ela foi tranqüila e progressista, ao mesmo tempo tensa e conflituosa, e até mesmo indiferente para os que o consideravam um mero prefeito interventor.

²⁹⁴ CHAUI, Marilena. Brasil – o mito fundador. In: Caderno Mais **Folha de S. Paulo**. 26/03/2000, p. 11.

²⁹⁵ GRANJEIRO, Cândido Domingues. **As Artes de um Negócio**: A Febre Photographica – São Paulo: 1862-1886. FAPESP: Mercado de Letras. 2000, p. 11-24.

Nesse aspecto observamos que existe uma diferença entre a memória particular das pessoas, dos grupos sociais e a memória-historicizada, a que ficou nos documentos escritos, nos livros e nos discursos dos grupos dominantes, que defendem outras posições, de acordo com seus interesses.

Nas leituras e discussões sobre a memória, um aspecto nos chamou a atenção, a memória dos ressentimentos levantadas por Ansart,²⁹⁶ quando fala sobre o “*dever de memória*”, que nos leva à memória dos fatos, das provas e sofrimentos suportados, que são exortados a não serem esquecidos. Que também está presente em alguns depoimentos. Como, por exemplo, na fala de Mariana Nabut,²⁹⁷ quando afirma que a saída de Whady Nassif da prefeitura teria sido porque *ele foi discriminado por ser descendente de libaneses*. Esse ressentimento aparece também quando Lúcia Regina²⁹⁸ diz que seu pai *foi perseguido, ameaçado, e até um empregado seu foi baleado por inimigos políticos*, que queriam, segundo ela matar o prefeito, mas acabaram acertando na pessoa errada.

Aspecto que pudemos também constatar em nossas entrevistas, presente na memória trazida pelas pessoas com as quais conversamos, entre elas Mariana e Lúcia Regina, porque Ansart²⁹⁹ nos diz que a memória dos ressentimentos é diferente,

... e que podemos dividir em várias interrogações: que memória conserva o indivíduo de seus próprios ressentimentos? Por outro lado, que memória conserva dos ressentimentos daquele de quem foi vítima? Que memória conserva um grupo de seus próprios ressentimentos e dos ressentimentos dos inimigos dos quais foi vítima?...

Penso que podemos distinguir quatro atitudes possíveis que atravessam ao mesmo tempo a memória individual e as memórias coletivas, que poderíamos assim formular: a tentação do esquecimento, a tentação da repetição, a tentação da revisão e, enfim, a tentação da reiteração, da exasperação da memória dos ressentimentos.

²⁹⁶ ANSART, Pierre. História e Memória dos Ressentimentos. Tradução: Jacy Alves de Seixas. In: BRESCIANI, Stella, E, NAXARA, Márcia (Orgs.) **Memória e (Res) sentimento**: Indagações sobre uma questão sensível. Campinas. São Paulo: Editora da Unicamp, 2001, p. 30.

²⁹⁷ Depoimento de Mariana Nabut, no dia 01/12/2001, em Uberaba – MG.

²⁹⁸ Depoimento de Lúcia Regina Nassif Zoueïn, no dia 25/08/2000, em Uberaba – MG.

²⁹⁹ ANSART, Pierre. História e Memória dos Ressentimentos. Op. Cit., p. 30.

Ansart³⁰⁰ também nos fez entender um pouco mais do que já tinha sido visto nas entrevistas já realizadas, mas nos lembrou que temos que levar em consideração essa questão do dever de memória. E até que ponto o que tentamos relembrar ou reconstruir como memória é importante para entendermos como se deram as relações sociais nas décadas de 1930 e 1940, e que afetaram ou influenciaram as ações ou reações do ex-prefeito de Uberaba e o que ficou na memória das pessoas e da sociedade sobre esse momento que estamos tentando entender ou trazer à tona.

Os depoimentos deixam claro que as relações sociais no período da administração de Whady Nassif eram conflituosas, marcadas pela disputa pelo poder por grupos economicamente fortes, mas que se sentiam cerceados em suas ações por estarem vivendo em uma ditadura. E como Whady Nassif era o representante dessa ditadura, à qual deviam negociar sua atuação política, e que a cada mudança administrativa ou física na estrutura da cidade deixada a marca dessa nova forma de governar, eles se ressentiram e se voltaram contra a atuação e a figura do Prefeito. Com isso passaram a lhe fazer uma oposição ferrenha e que resultou no pedido de exoneração do Prefeito.

Outro aspecto da memória que se criou do prefeito Whady Nassif, pode ser observado analisando os jornais locais, o *Lavoura e Comércio* e *O Correio Católico*; e alguns de outras cidades, como *A Tribuna* e *O Triângulo*. Nas diversas reportagens encontradas e que falam sobre sua administração, a imagem do prefeito é a de um homem empreendedor, de visão, capaz de realizar coisas que outros não conseguiram. No entanto, os depoimentos orais confirmam estes aspectos de sua personalidade e outros não.

Entre os depoimentos que reforçam a imagem empreendedora está o de Wagner do Nascimento, ex-prefeito, em que ressalta que *sua administração foi marcante na história de Uberaba*. O de Antônio Corrêa, empresário aposentado, que o considerava *um homem progressista*. E o de Dirce, sobrinha de Whady, que afirma que ele fez *mudanças significativas e que demonstram como sua administração foi voltada para o*

³⁰⁰ ANSART, Pierre. História e Memória dos Ressentimentos. Op. Cit.

desenvolvimento da cidade. E contrapondo essa imagem está o de Lúcia de Oliveira, sua cunhada, que o chama de *intransigente e fechado*.

Mas como nos lembra Maciel,³⁰¹

.. é preciso refletir sobre nossos procedimentos e os modos como lidamos com a imprensa em nossa prática de pesquisa para não tomá-la como um espelho ou expressão de realidades passadas e presentes, mas como uma prática social constituinte da realidade social, que modela formas de pensar e agir, define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que se pretendem compartilhadas e universais. Como expressão de relações sociais, a imprensa assimila interesses e projetos de diferentes forças sociais que se opõem em uma dada sociedade e conjuntura, mas os articula segundo a ótica e a lógica dos interesses de seus proprietários, financiadores, leitores e grupos sociais que representa.

Porém, se olharmos as várias reportagens encontradas no Jornal Lavoura e Comércio, que eram publicadas ao final de cada ano e que faziam um balanço administrativo de seu governo, e cujo teor eram de elogios à sua administração; entendemos que elas nos ajudam a construir uma memória jornalística do período. Essa memória é marcada como sendo a de um momento de progresso e de mudanças benéficas para a cidade. Mas, podemos nos perguntar a que interesses se ligavam esses jornais e em que circunstâncias essas reportagens foram publicadas? Eles podem ter apoiado a administração do prefeito porque temiam uma ação repressora do DIP, já que este fiscalizava bem de perto os meios de comunicação, em especial os jornais. Mas, também, como foi o caso do Lavoura e Comércio, o apoio ao prefeito ocorreu porque o jornal era o veículo de comunicação do setor comercial, setor este que Whady representava quando foi eleito.

No entanto, o Correio Católico, como veículo de comunicação da Igreja na cidade, ora elogia a administração e em outros momentos critica. Isso pode ser exemplificado quando verificamos que anterior ao problema do desentendimento entre o prefeito e o arcebispo D. Alexandre, por causa da implantação das aulas de educação física nas escolas e da doação do terreno pela prefeitura para a construção da praça de esportes, o jornal traz muitas reportagens em que elogia a administração. Mas, quando

³⁰¹ MACIEL, Laura Antunes. Produzindo Notícias e Histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. In: **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2004, p.15.

ocorrem os desentendimentos entre o arcebispo e o prefeito, o discurso muda e podemos encontrar reportagens com tom mais duro. Mas no jornal *Lavoura e Comércio* o discurso é um só, de apoio, do início da administração até a saída do prefeito.

As reportagens dos jornais revelaram-se fontes históricas com mais dados do que os documentos oficiais que sobreviveram ao tempo, pois até os anos 80 do século XX, não havia a preocupação de preservar a documentação oficial da prefeitura. Em decorrência, muitos livros de atas se perderam e restam poucos livros referentes à administração do período pesquisado.

Porém, sempre lembrando Maciel, devemos analisar as condições reais em que foram elaboradas as reportagens que tantos elogios fizeram à administração do prefeito Whady Nassif. Certamente, na disputa de poder entre o prefeito e os coronéis, os artigos teriam sido uma forma de oposição dos outros grupos que combatiam os desmandos dos donos do poder econômico, através do apoio ao prefeito.

*O esforço, a análise histórica passa, portanto, pelo desvendamento dos mecanismos e operações que, na conjuntura estudada, permitem ao texto jornalístico construir uma memória social hegemônica que “aprisiona” a explicação do presente a partir de seus argumentos e interpretações, obscurecendo a correlação de forças sociais nas quais esse texto é forjado.*³⁰²

E, assim como os jornais são fontes importantes para o estudo desse momento da história da cidade de Uberaba, também o são as fotografias. Como afirma Samuel,³⁰³

...fotografias são textos e que são parte de uma construção de memórias e como textos que são, devem ser analisadas com muito cuidado, para que possamos perceber o que elas têm a nos dizer e como são também parte da memória. O poder dessas figuras é o contrário do que elas parecem. Podemos pensar que nos encaminhamos a elas, em busca do conhecimento do passado, mas é o conhecimento que nos leva a elas que as faz historicamente significativas, transformando uma oportunidade residual maior ou menor do passado em um precioso ícone.

³⁰² MACIEL, Laura Antunes. **Produzindo Notícias e Histórias**: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa. Op. Cit., p. 39.

³⁰³ SAMUEL, Raphael. Teatros de Memória. In: **Revista Projeto História**. São Paulo: EDUC. Nº 14, 1997, p. 41-81.

Analisando as fotografias deixadas pelo prefeito percebemos que obedecem a uma ordem seqüencial, que nos revela algo importante: o seu organizador teve a preocupação de guardar os momentos que foram bastante significativos para ele e, que na verdade, compõem uma memória pessoal. Uma memória, que ele talvez desejasse que fosse a que as pessoas tivessem dele e da sua administração.

As imagens demonstram, na verdade, uma sociedade em transformação, em que as mudanças nem sempre atingem a todos. Percebe-se que o Prefeito, ao selecionar os momentos de sua administração e preservá-los, deve ter tido o propósito de mostrar que naquele momento a cidade passava por transformações muito importantes, pelas quais ele era responsável.

O álbum fotográfico do Prefeito expressa uma noção de memória, que é fruto de uma seleção feita por ele e reflete o que gostaria que não fosse esquecido. Como a abertura das avenidas, a canalização da água, a implantação da rede de esgotos, a construção da usina de força de Pai Joaquim, entre outras obras que ele registrou através de fotografias e que fazem parte do álbum.

Por outro lado essas imagens, segundo Kossoy:³⁰⁴

A imagem fotográfica é o que resta do acontecido, fragmento congelado de uma realidade passada,

Toda fotografia tem uma história. Olhar para uma fotografia do passado e refletir sobre a trajetória por ela percorrida é situá-la em pelo menos três estágios bem definidos: uma intenção para que ela existisse, o ato do registro que lhe deu origem, e os caminhos que ela percorreu (os olhos que a viram, as emoções que despertou, os porta-retratos que a emolduraram, os álbuns que as guardaram, os porões e sótãos que a enterraram, as mãos que a salvaram).

Toda fotografia é um resíduo do passado, ela nos oferece indícios quanto aos elementos constitutivos de sua origem, e o registro visual nele contido reúne um inventário de informações acerca daquele registro fragmento de espaço/tempo retratado.

Fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social.

Ao organizar o seu álbum de fotografias o prefeito Whady Nassif não apenas deixou registradas as obras realizadas na cidade durante a sua administração, como também organizou parte de sua memória pessoal. O álbum fotográfico do Prefeito

³⁰⁴ KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989, p. 15-102.

indica que houve um momento diferente da cidade, marcado por mudanças concretas na estrutura física que marcaram pessoas e grupos. Se as gerações posteriores a desconhecem, o álbum está aí para atestá-las. Portanto, na perspectiva do Prefeito, a cidade mudou com a sua administração, mesmo que tenha se perdido na lembrança das gerações que o sucederam.

O álbum ficou guardado com outros documentos pessoais durante muito tempo. Enquanto isso Whady Nassif atuou como deputado estadual e trabalhou como procurador na Justiça do Trabalho. Depois de sua morte ele passou para as mãos de uma de suas filhas e ficou esquecido, embora tenha sido guardado como uma lembrança pessoal. Somente durante as entrevistas foi que a filha se lembrou dele e foi possível verificar o que ele continha. Nesse momento o álbum mostrou todas as transformações pelas quais a cidade tinha passado durante a administração do Prefeito. Em cada foto e cada referência e anotação feita por Whady Nassif se descortinava um fato inusitado e uma realidade que não era conhecida. Nele estão fotos da cidade que até mesmo o Arquivo Público não possui em seu acervo e que são imagens raras desse período.

Quanto à memória presente nos depoimentos concluímos que são diferenciadas, algumas marcadas por visões positivas do prefeito, outras nem tanto, mas todas com um valor significativo para o resgate do momento histórico . Porque segundo Lang:³⁰⁵

O relato de uma vida, de parte de uma vida, ou mesmo o depoimento sobre um fato, não significam tão somente a perspectiva do indivíduo, pois esta é informada pelo grupo desde os primórdios do processo de socialização. A versão do indivíduo tem portanto um conteúdo marcado pelo coletivo, ao lado certamente de aspectos decorrentes de peculiaridades individuais.

Isso se explica pelo fato da memória individual estar ligada à memória coletiva, pois segundo Halbwachs:³⁰⁶

... nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos

³⁰⁵ LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História Oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.) **(Re) introduzindo História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996, p. 45.

³⁰⁶ HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Op. Cit., p. 26.

envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós.

Dá surgirem lembranças (memórias) de Whady Nassif diferenciadas, mesmo quando se tratam de posicionamentos de elementos da colônia, como foi o caso da fala da senhora Mariana, que elogia sua administração e enfatiza que ele saiu da prefeitura porque sofria discriminação por ser descendente de libaneses. Por outro lado, sua cunhada Lucia Oliveira, demonstra um ressentimento pelo fato dele não ter feito mais por seu pai que o havia apoiado politicamente. Lucia como membro da família guarda um sentimento diferente de Mariana que era da colônia.

Essa diferenciação que marca as lembranças e os depoimentos de Mariana e Lucia é explicada por Halbwachs:³⁰⁷

... se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apóiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles.

As relações entre os grupos e no caso, entre o prefeito e os elementos da colônia eram muito boas, mas com os membros da família foram marcadas por problemas que também não foram elucidados, mas que existiram, como em todo grupo familiar.

Whady Nassif, para os jornais foi um grande administrador; para as pessoas que o conheceram um homem de muitas faces, às vezes contraditórias: culto, cristão, progressista, intransigente, pai amoroso, honesto e de sentimentos cívicos, excludente.

³⁰⁷ HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Op. Cit, p. 51.

Considerações Finais

Ao analisar a trajetória de ex-prefeito, Whady José Nassif, dando ênfase a um aspecto da história política da cidade de Uberaba, chegamos à conclusão de que ainda existem lacunas que não puderam ser elucidadas com esta pesquisa. Um aspecto da investigação que não foi esclarecido diz respeito aos motivos que levaram o ex-prefeito, após seis anos à frente da administração municipal, ter pedido a exoneração do cargo, que fez de maneira pública, ou seja, da mesma forma como chegou ao cargo.

Outro aspecto da pesquisa que não foi conclusivo se refere ao anunciado preconceito contra os descendentes de imigrantes do Oriente Médio. Whady José Nassif teria sido mesmo alvo de perseguição e preconceito durante sua gestão? Informações sobre essa questão somente apareceram em um artigo de jornal e nos depoimentos de uma descendente de imigrantes libaneses e de uma das filhas do ex-prefeito.

Uma outra questão que fica pendente diz respeito ao apoio que o jornal Lavoura e Comércio prestou a sua administração. Esse apoio teria sido resultado de uma identificação de seus proprietários com a proposta político-administrativa de Nassif, ou seria uma postura adotada para cumprir as determinações do regime político e não se indispor com o Departamento de Imprensa e Propaganda do governo Vargas?

As lacunas permitem que se busquem desenvolver mais pesquisas acerca do período. Acreditamos, porém, que neste trabalho conseguimos desvendar um pouco sobre o período da história da cidade de Uberaba, que até o momento tinha despertado pouco interesse nas pessoas e nos historiadores.

Lembrando Bloch,³⁰⁸

A ciência decompõe o real apenas a fim de melhor observá-lo, graças a um jogo de fogos cruzados cujos raios constantemente se combinam e interpenetram.

Mas as dificuldades da história são também de uma outra essência. Pois, em última instância, ela tem como matéria precisamente consciências humanas. As

³⁰⁸ BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 131-132.

relações estabelecidas através destas, as contaminações, até mesmo as confusões da qual são terreno constituem, a seus olhos, a própria realidade.

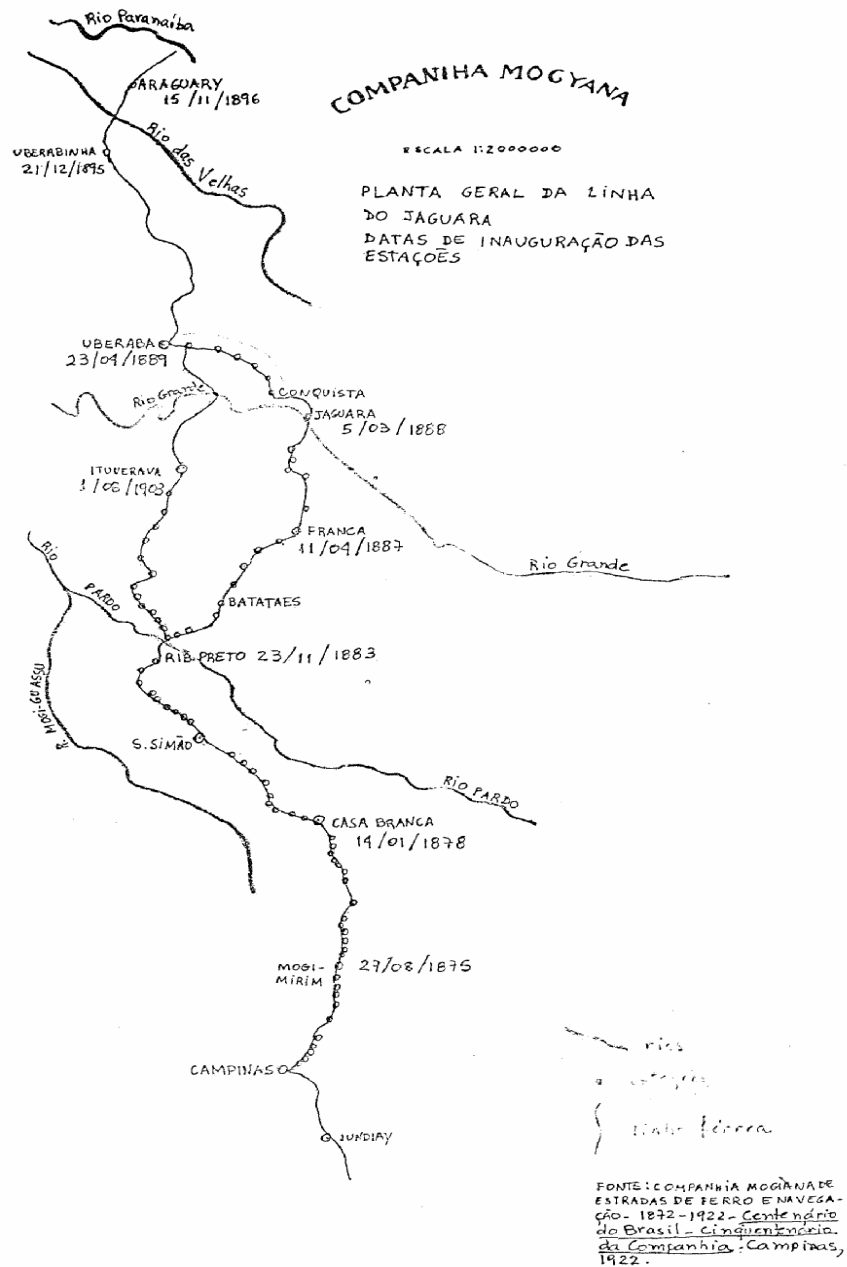
Verificamos que a administração de Whady José Nassif marcou um momento diferente na história de Uberaba, no qual ocorreram mudanças que alteraram o aspecto urbanístico da cidade e deram um impulso a sua economia. Sem contar que foi durante este período que a cidade se projetou no cenário econômico regional e nacional como Capital do Zebu. Essas mudanças afetaram significativamente a sociedade, a economia e a política locais, o que deve ser considerado pela história.

Lista de Fotografias

Figura 1. Mapa do Líbano.....	28
Figura 2. Desembarque de imigrantes no Porto de Santos.....	30
Figura 3. Estação da Mogiana em Uberaba onde desembarcaram muitos imigrantes...30	30
Figura 4. Colação de Grau em Direito pela Universidade do Rio de Janeiro.....	41
Figura 5. Prefeitura Municipal de Uberaba, eleição do prefeito Whady José Nassif em 23 de julho de 1937.....	54
Figura 6. Instalação da rede de esgoto sanitário na Rua Arthur Machado, 1942.....	72
Figura 7. Construção da casa das bombas, para bombear água para a cidade de Uberaba, às margens do Rio Uberaba, 1940.....	73
Figura 8. Instalação da rede de água encanada na Praça Rui Barbosa em 1942.....	75
Figura 9. Prédios desapropriados no centro da cidade, para prosseguimento da Av. Leopoldino de Oliveira.....	77
Figura 10. Av. Leopoldino de Oliveira anos 50. Já com canalização do Córrego das Lages concluído.....	78
Figura 11. Praça Rui Barbosa anos 30 com as majestosas palmeiras.....	79
Figura 12. Praça Rui Barbosa anos 40 sem as palmeiras.....	79
Figura 13. Instalações do serviço de força e luz de Uberaba, em fase de conclusão, Cachoeira Pai Joaquim, Rio Araguari, 1939.	80
Figura 14. Praça de Esportes de Uberaba (atual Uberaba Tênis Clube) em construção, abril de 1941.....	88
Figura 15. Entrada do Parque Fernando Costa, construído em estilo colonial meses antes da inauguração em 1941.....	95
Figura 16. Baile no Jockey Clube de Uberaba onde compareceram autoridades governamentais incluindo Getúlio Vargas, maio de 1941.....	96
Figura 17. Construção de aterro em trecho da estrada entre Uberaba e Conceição das Alagoas, 1942.....	96
Figura 18. Reportagem do Lavoura e Comércio onde foi feito um balanço da administração do prefeito no ano de 1941.....	98
Figura 19. Atividades comemorativas alusivas ao aniversário de Getúlio Vargas na Praça Rui Barbosa em Uberaba, 1941.....	99

Figura 20. Getúlio Vargas em almoço com demais autoridades na Fazenda Modelo em Uberaba em maio de 1942.....	100
Figura 21. Anúncio da inauguração do Cassino em maio de 1941.....	105

Anexos



Anexo I – Mapa da linha férrea da Mogiana de Campinas a Uberaba. Referência: Mogiana: Os Trilhos da Modernidade p.15.

1867

GRANDE

DE

COMPLETO SORTIMENTO

DE

FAZENDAS E ROUPAS FEITAS

Harmonicas e Armarinho

FOR ATACADO

Chapéus de diversas qualidades

— — —

Felippe, Cassuf & Armão

RUA DO BARÃO DE ATALIBA

UBERABA

Referência: *Almanak Uberabense*
Primeiro anno - 1894

CLUBE
SÍRIO LIBANÊS



UBERABA

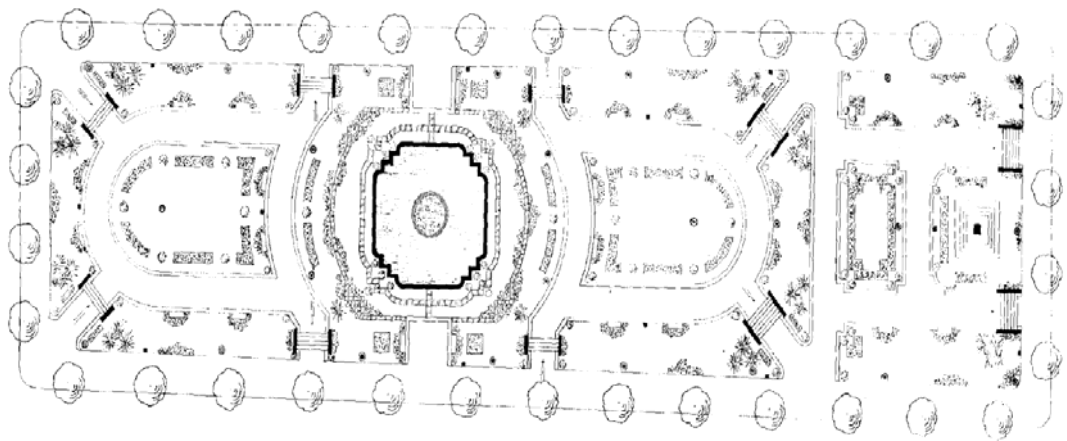
(لنادي (لوري (اللياني



Ano VI - 1996

Anexo II – Convite da Festa das Mil e Uma Noites promovida pelo Clube Sírio Libanês em 1996. Referência: Acervo particular do Sr. Rauf Cecílio.

COPIA DO PROJETO DA REMODELAÇÃO DO JARDIM
DA PRAÇA RUI BARBOSA
-- UBERABA --



Anexo III – Cópia do projeto da prefeitura de Uberaba para a Praça Rui Barbosa, remodelação, 1938. Referência: Acervo da família Nassif.

Fontes

Jornais

- Jornal Correio Católico (Uberaba) 1937/1943 – Números esparsos.
- Jornal Lavoura e Comércio (Uberaba) 1937/1943 e 1984 – Em seqüência.
- Jornal O Para-Fuso (Uberaba) 1938 – Números esparsos.
- Jornal A Tribuna (Uberlândia) 1937/1943 – Números esparsos.
- Jornal O Triângulo (Araguari) 1937/1943 – Números esparsos.
- Jornal Revelação da Universidade de Uberaba (Uberaba) 2000 – Números esparsos.

Poder Público Local

- Livros de Leis Municipais da Prefeitura Municipal de Uberaba.
- Livros de Decretos Municipais da Prefeitura Municipal de Uberaba.
- Livros de Projetos de Leis da Câmara Municipal de Uberaba.
- Livros de Atas da Câmara Municipal de Uberaba.

Arquivos

- Arquivo Público Municipal de Uberaba.
- Arquivo da Ordem dos Advogados do Brasil – subsede de Uberaba.
- Arquivo da Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais, Centro de Atendimento ao Cidadão. Gerência-Geral de Documentação e Informação.
- Arquivo particular do Jornal Lavoura e Comércio de Uberaba.
- Arquivo do Colégio Marista Diocesano.
- Arquivo da Casa da Cultura do Município de Conceição das Alagoas.
- Arquivo da Câmara Municipal de Conceição das Alagoas.
- Arquivo do Centro de Documentação de História da Universidade Federal de Uberlândia.
- Arquivo do Setor de Obras Raras da Biblioteca da Universidade de Uberaba.

Cartórios

- Cartório de Registro Civil de Uberaba.
- Cartório de Registro Civil de Conceição das Alagoas.

Teses

- FERREIRA, Eliza Bartolozzi, E, ALMADA, Márcia. **Mogiana: Os Trilhos da Modernidade**. CNPQ, Fundação Cultural e Prefeitura Municipal de Uberaba, 1989.
- FERREIRA NETO, Maria Cristina Nunes. **Memória, política e negócios: a trajetória de Theophilo Benedicto Ottoni**. Tese de Doutorado. UNICAMP. 2002.
- FONTOURA, Sonia Maria. **Invenção do Inimigo: Racismo e Xenofobia em Uberaba (1890-1942)**. Tese de Mestrado. Franca. UNESP. 2001.
- GASSANI, Nadime de Menezes Andraus. **Os Cedros do Cerrado: uma história da Imigração Sírio-Libanesa em Uberlândia**. UFU. 2001.
- NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Sobre Campo e Cidade: olhar, sensibilidade e imaginário – em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX**. Tese de Doutorado. UNICAMP. 1999.
- RICCIOPPO, Thiago. **Caminhando pelo Pântano Sagrado: Imaginário, conflitos políticos e religiosos em Uberaba/MG por meio da análise da obra de Orlando Ferreira (1912-1948)**. Franca. UNESP. 2003.
- SILVA, Heladir Josefina Saraiva e. **Representação e Vestígio da (Des) vinculação do Triângulo Mineiro: um estudo da Imigração Italiana em Uberaba, Sacramento e Conquista (1890-1920)**. Tese de Mestrado. Franca. UNESP. 1998.
- SILVA, Luzia Maria de Oliveira E, OLIVEIRA, Sérgio Gomes. **A Presença Árabe em Uberaba**. Uberaba. Universidade de Uberaba. 1997.

Revistas

- **Revista do Arquivo Público de Uberaba.** Uberaba na Segunda Guerra Mundial. Série Documento e História. Ano III. Nº 2. Outubro/1995.
- **Revista Brasileira de História.** São Paulo: ANPUH, Vol. 16, nº 31 e 32. 1996
- **Revista de História da Biblioteca Nacional.** Rio de Janeiro, Ano 1, Nº 2. Agosto/2005.
- **Revista Projeto História.** São Paulo: EDUC, Nº 14.
- **Revista Comemorativa dos 120 anos do Colégio Nossa Senhora das Dores.** Uberaba, Outubro/2005.
- **Revista SINAPSE/SINOPSE.** Publicação dos Cursos de Licenciatura da Universidade de Uberaba. Uberaba/MG, dez/1997.
- VARRELA, Flávia. Artigo. Patrícios – Dinheiro, Diploma e Voto: a saga da Imigração Árabe. In: **Veja**, Edição 1669, ano 33, nº 40, 04/10/2000, p. 122-129.

Artigos

- NABUT, Jorge Alberto. Memorial Mojiana. Publicação do **Jornal da Manhã**, Uberaba, 1984.
- PRATA, Arnaldo Rosa. A Mogiana em Uberaba. Publicação do **Jornal Correio Católico**, Uberaba, 1960.

Fontes Orais

- Maria Noronha Nassif, data: 06/12/1999.

Entrevistas

- Antônio Corrêa de Paiva, Uberaba, data: 25/07/2002.
- Antonio de Oliveira Souza, Conceição das Alagoas, data: 08/09/2000.
- Anselmo Carille, Uberaba, data: 04/02/1999.
- Derval Carille, Uberaba, data: 04/02/1999.
- Dirce Nassif Miziara, Uberaba, data: 25/08/2000.
- Diva de Oliveira Nassif, Uberaba, data: 10/08/2002.

- Jorge Alberto Nabut, Uberaba, data: 01/12/2001.
- Lucia de Oliveira Souza, Uberaba, datas: 25/08/2000, 24/07/2002.
- Lúcia Regina Nassif Zouein, Uberaba, data: 04/12/2001.
- Manoel Faustino de Oliveira, Uberaba, data: 27/08/2000.
- Mariana Abdanur Nabut, Uberaba, data: 01/12/2001.
- Samir Cecílio, Uberaba, data: 27/11/2001.
- Sebastião Bernardino da Silveira, Uberaba, data: 30/07/2003.
- Wagner do Nascimento, Uberaba, data: 13/01/2005.

Literatura Local

BACCELLI, Carlos A. **O Espiritismo em Uberaba**. Fundação Cultural de Uberaba, 1987.

BILHARINHO, José Soares. **História da Medicina em Uberaba**. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1983.

COUTINHO, Pedro dos Reis. **História dos Irmãos Maristas em Uberaba**. Uberaba: Arquivo Público de Uberaba; Belo Horizonte: Centro de Estudos Maristas, 2000.

FERREIRA, Orlando. **Terra Madrasta - Um povo infeliz**. Uberaba: O Triângulo, 1928.

_____ **O Pântano Sagrado**. Uberaba: A Flama, 1948.

_____ **Pela Verdade: Catolicismo X Espiritismo**. Uberaba: O Triângulo, 1919.

LOPES, Maria Antonieta Borges, E, RESENDE, Eliane Mendonça Marquez de. **ABCZ: história e histórias**. 2 ed, São Paulo: Comdesenho Estúdio e Editora, 2001.

_____ **“ABCZ, 50 Anos de História e Estórias”**. Uberaba: Edição ABCZ, 1984.

MENDONÇA, José. **História de Uberaba**. Academia de Letras do Triângulo Mineiro. Uberaba: Editora Vitória, 1974.

NABUT, Jorge Alberto. **Fragmentos Árabes:** Dores de Santa Juliana e Uberaba – Memórias do Século XX. Uberaba: Instituto Triangulino de Cultura, 2001.

PONTES, Hildebrando. **História de Uberaba e a Civilização no Brasil Central.** 2 ed, Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1978.

REZENDE, Eliane Mendonça Marquez de. **1811-1910 – Uberaba – Uma Trajetória Sócio-Econômica.** Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, 1991.

SAMPAIO, Antonio Borges. **Uberaba:** História, Fatos e Homens. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1971.

Bibliografia

ALENCAR, Francisco. **História da Sociedade Brasileira**/ Francisco Alencar, Lúcia Capri Ramalho, Marcus Venicio Toledo. 14 ed. Revista e Atualizada. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1996.

AMADO, Janaína, E, FERREIRA, Marieta de Moraes, coordenadoras. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ANSART, Pierre. Os Imaginários Sociais. In: **Ideologias, Conflitos e Poder**. Rio de Janeiro: Zahar.

_____ História e Memória dos Ressentimentos. Trad. Jacy Alves de Seixas. In: BRESCIANI, Stella, E, NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (Res) sentimento**: Indagações sobre uma questão sensível. Campinas. São Paulo: Editora da Unicamp, 2001.

BERTONHA, João Fábio. **Fascismo, nazismo, integralismo**. 1 ed. São Paulo: Ática, 2000.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.

_____ **Uma introdução à História**. 2 ed. Lisboa: Publicações Europa – América, 1974.

BONAVIDES, Paulo. **História Constitucional do Brasil**./Paulo Bonavides e Paes de Andrade. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2 ed. São Paulo: T.A. Queiroz Editora, EDUSP, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: DIFEL. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CALVO, Célia Rocha. Cultura e Cidade: Uberlândia, Espaços, Memórias e Vivências. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz e PATRIOTA, Rosangela (Orgs). **Histórias e Historiografia: perspectivas contemporâneas de investigação**. Uberlândia: Edufu, 2003.

CAPELATO, Maria Helena R. **Multidões em Cena** – Propaganda Política no Vargasismo e no Peronismo. Campinas: Papirus, 1998.

_____ Propaganda Política e Construção da Identidade Nacional Coletiva. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH, Vol. 16, nº 31 e 32, 1996.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.) **Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O Racismo na História do Brasil** – Mito e Realidade. 8 ed. São Paulo: Ática, 2002.

CARVALHO, José Murilo de. **A Construção da Ordem: a elite Política Imperial; Teatro de Sombras: a política imperial**. 2 ed. Revista. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Relume-Dumará, 1996.

_____ **Pontos e bordados: escritos de história e política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CHARTIER, Roger. **História Cultural. Entre Práticas e Representações**. Lisboa: DIFEL. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990.

CHAUÍ, Marilena. Brasil – o mito fundador. **Caderno Mais da Folha de S. Paulo**. 26/03/2000.

DUROZOI, Gerard. **Dicionário de Filosofia/ Gerard Durozoi e ROUSSEL, André**. Campinas. São Paulo: Papirus, 1993.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1996.

_____ **Negócios e Ócios** – Histórias da Imigração. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

FONTANA, Josep. Reflexões sobre a história, do além do fim da história. In: **História: Análise do Passado e Projeto Social**. Bauru. São Paulo: EDUSC, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 5 ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

_____ **As Palavras e as Coisas**. 9 ed. Martins Fontes, 2002.

_____ **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1977.

FREYRE, Gilberto. **Interpretação do Brasil**: aspectos da formação social brasileira como processo do amalgamento de raças e culturas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

GOMES, Ângela Maria de Castro. **A Invenção do Trabalhismo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

GRANJEIRO, Cândido Domingues. **As Artes de um Negócio**: A Febre Photographica – São Paulo. 1862-1886. FAPESP: Mercado de Letras, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra Filosofia, 2000.

HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense, Publifolha, 2000.

HOURANI, Albert Habib. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

KHATLB, Roberto. **Brasil – Líbano**: amizade que desafia a distância. Bauru. São Paulo: EDUSC, 1999.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História Oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.) **(Re) Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

LEAL, Vítor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1978.

LE GOFF, Jacques. A História política continua a ser a espinha dorsal da história? In: **O Imaginário Medieval**. Editorial Estampa, 1994.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**. 2 ed. Campinas. São Paulo: Papyrus, 1986.

LEVI, Primo. **Os Afogados e os Sobreviventes**. Quarenta anos depois de Auschwitz. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

LOPREATO, Christina da Silva Roquette. Texto: O Respeito a Si Mesmo: Humilhação e Insubmissão. Uberlândia: UFU, Nephispo.

MACIEL, Laura Antunes. Produzindo Notícias e Histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. In: **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2004.

MARQUES, Braz José. **De Garimpo a Conceição das Alagoas**. 1 ed. Casa da Cultura de Conceição das Alagoas, 1990.

MARTINEZ, Paulo. **A Teoria das Elites**. São Paulo: Scipione, 1997

NETO, Regina Beatriz Guimarães. Artes da Memória, Fontes Orais e Relato Histórico. In: **História e Perspectivas**. Uberlândia: EDUFU, Jul/Dez. 2000.

NORA, Pierre. Entre Memória e História – A problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. In: **Projeto História**. São Paulo, dez/1993.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **O Brasil dos Imigrantes**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

OLIVEIRA, Paulino de. **História de Juiz de Fora**. 2ª Ed. Juiz de Fora, 1966.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O Imigrante na Política Rio-Grandense. In: LANDO, Aldair Marli (et al) (Org.) **RS: Imigração e Colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

PINSKY, Jaime e Carla Bassanezi (Orgs.) **História da Cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003.

POMAR, Wladimir. **Era Vargas – A Modernização Conservadora**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1999.

RAGO, Luzia Margareth. **Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Coleção Estudos Brasileiros, Vol. 90, 1997.

RANGEL, Leyla Castello Branco. **Constituições do Brasil: de 1824, 1891, 1934, 1937, 1946 e 1967 e suas alterações/ Índice Ana Valderéz A. N. de Alencar**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1986.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

SALLES, Iraci Galvão. República: a Civilização dos Excluídos. In: **História e Perspectivas**. Nº 8, Uberlândia: UFU, 1993.

SAMUEL, Raphael. Teatros de Memória. In: **Revista Projeto História**. Nº 14, São Paulo: EDUC, 1997.

SARLO, Beatriz. A História contra o Esquecimento. In: **Paisagens Imaginárias: Intelectuais, Arte e Meios de Comunicação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

SCHWARTZMAN, Simon. Introdução. In: **Tempos de Capanema**/ Simon Schwartzman, Helena Maria Bousquet Bomeny e Vanda Maria Ribeiro Costa. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: EDUSP, Coleção Estudos Brasileiros, Vol. 81, 1984.

SEIXAS, Jacy Alves de. Figuras Passionais, Sentimentos Morais e Cultura Política Brasileira. Imagens do Esquecimento e da Denegação. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz e PATRIOTA, Rosangela (Orgs.) **Histórias e Historiografia: perspectivas contemporâneas de investigação**. Uberlândia: EDUFU, 2003.

SEYFERTH, Giralda. Imigração e Identidade Étnica. In: **Imigração e Cultura no Brasil**. Brasília: UNB, 1996.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) **O sujeito da educação: Estudos Foucaultianos**. Petrópolis. 3 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a História**. Lisboa: Edições 70, 1987.

VIANNA, Hélio. **História do Brasil**. 14 ed. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1980.

WILLIAMS, Raymond. Hegemonia, Dominante, Residual e Emergente. In: **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)